

João do Rio

&

Correspon-
dência
de uma estação
de
cura

(ROMANCE)



LIBRARY OF THE
F. D. I.
1880

1880

1880

Elisabete da Silva



Miss M. J. ...
1

JOÃO DO RIO

Da Academia Brasileira e da Academia de Sciencias de Lisboa

A correspondencia

de uma estação de cura

(ROMANCE)



LIVRARIA EDITORA
LEITE RIBEIRO & MAURILLO

3, Rua Santo Antonio, 3

RIO DE JANEIRO

1918



DE JOÃO DO RIO

ULTIMAS OBRAS:

CHRONICAS E PHRASES, DE GODOFREDO DE
ALENCAR



SÉSAMO

CONFERENCIAS



NO TEMPO DE WENCESLÃO...



A MULHER E OS ESPELHOS

CONTOS



A APPARECER:

DESEJO

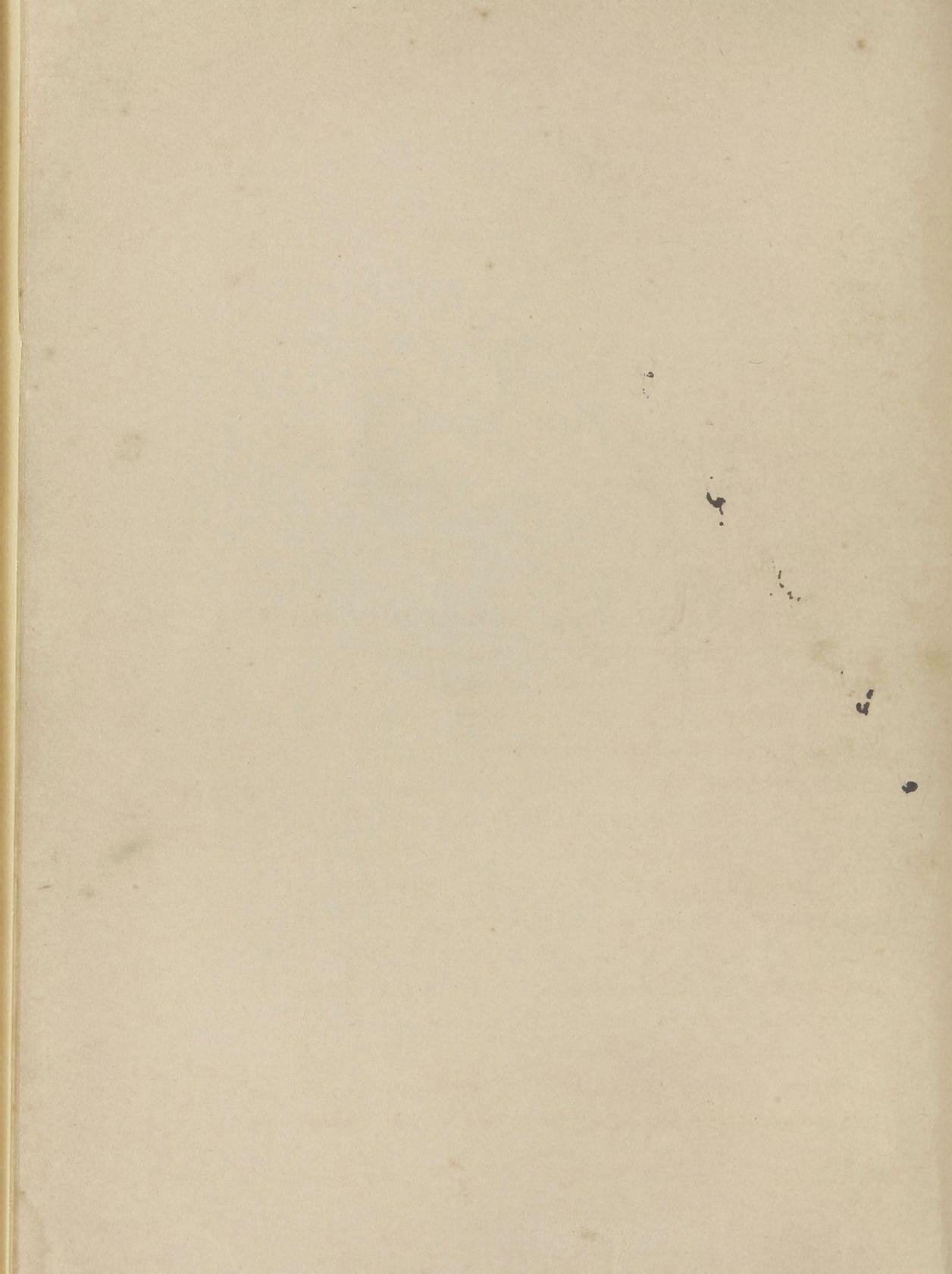
A. PROFISSÃO DE JACQUES PEDREIRA

ROMANCES

A Abner Mourão

com admiração e affecto

João do Rio





I

De Anthero Pedreira á Sra. D. Lucia Goldschmidt de Resende — Petropolis

Minha excellente amiga — Com que então chove em Petropolis? Petropolis não muda, tem a coragem das attitudes. Desde que o mundo elegante é mundo elegante, essa cidade da serra mantém a chuva de verão. Antes assim. O desagradavel é vir para Poços de Caldas imaginando Saint Moritz e encontrar um desabalado ar de diluvio — que inunda a cidade ha oito dias e não nos deixa pôr o pé na rua. O fastio, sombra da chuva, estende a sua trama, e os corredores do hotel, de tanta desocupação, parecem bocejar. Vim antes da grande semana para repousar na tranquillidade de um sanatorio quasio vasio. Encontrei o hotel cheio! E enervo-me por sermos obrigados a olhar a chuva sem poder sair.

Que fazer? A's oito da manhã o criado acorda-me. Tomo um gole de chá, desço ao

banho — onde se dá o primeiro encontro da familia balnearia. Cumprimentos. Espera na galeria envidraçada, em que os vapores sulfúricos realizam o necessario aspecto medicinal. Banho. Ha cavalheiros que tomam de 35° para engordar. Outros mergulham em 41° para emmagrecer. Não ha ninguem doente. As mazelas, os reumatismos, as seborrhéas — o mobiliario estragado da sociedade fica por ahi noutras hospedarias. Estamos num hotel *snob*. Avisos por todos os lados participam aos doentes de verdade que o logar não os admite. E' exclusivamente de cura mundana. Nas horas de banho consegui uma observação que póde ser lei.

— O somno cansa os homens; o somno faz um enorme bem ás mulheres.

Todos esses cavalheiros apparecem pallidos, a boca pastosa, os olhos empapuçados. As mulheres em roupão, ao saltar da cama, lembram frutos colhidos da arvore — são de uma frescura matinal. A imagem da Aurora erguendo-se da noite é uma realidade. Como são fracos os homens e que tremenda resistencia physica a das mulheres!

Após o banho, envolvo-me duas horas nos cobertores e desço depois a espairecer. O peristylo do hotel acolhe quasi todos os hospedes. Crianças correm — já reparou, D. Lucia, como as crianças correm sem motivo? — gritam, esbordoam-se mesmo nas escadas e nos corre-

dores de cima. No saguão, a conversa arrasta-se. Que hão de dizer? No fundo, estando contrariados com a inacção, procuram explicá-la.

— Eu precisava sepousar! diz um que nunca fez outra coisa.

— Eu nem leio! affirma outro, firme nesse principio desde que nasceu.

— De quantos grãos toma o banho?

E como o cerebro de cada um está preso ao Rio e á S. Paulo, a conversa só cresce de animação quando se fala da gente do Rio ou de S. Paulo. Fala-se em geral muito mal dos ausentes.

Chegado o momento do almoço, apesar de não haver o que fazer, almoçam todos a correr. Note, D. Lucia, razoavel a alimentação, os criados de primeira ordem, o comedouro menos desinteressante. Apesar disso não ha almoço que dure mais de vinte minutos. A uma hora da tarde na casa de jantar estão apenas os garçons — quasi todos rapazes do Rio e de São Paulo — que tambem veraneiam e fazem a “grande semana”.

Acabado o jantar — outra vez saguão. Olha-se a chuva. As crianças continuam a fazer barulho. O parlatorio é vão. Em cima, a orchestra toca os mesmos tangos e maxixes que temos a angustia de ouvir, ha pelo menos cinco annos, em Paris, em Londres, em Odessa, no Rio, em Buenos Aires, em toda parte onde se tem a

idéa da civilização. A iconographia da civilização, antes da guerra, deixara de ser a figura de uma dama vestida á romana com os attributos do progresso. A iconographia da civilização era um sujeito de cabelleira, arranhando tangos ao violino. Na America, a figura ainda continúa, após a guerra. De modo que não ha cidadinha com duvidas sobre a sua civilização desde que possua quatro violinistas a tocar num chá a *Paraguayta* ou *El Negrito*.

Attraidos pela civilização, os hospedes sobem ao salão, immenso. Fica ao fundo uma roleta, que parece complemento e é a oração principal. Tudo ahi não se paga — os licores, o café, os charutos, as aguas. E' preciso ser muito neurasthenico para ter má vontade. As senhoras jogam. Os homens jogam. Acabada à civilização, isto é, o tango que se transfere para o club, a roleta corre atrás da musica e os hospedes descem ao saguão á espera dos jornaes do Rio, de S. Paulo, da sua vida...

— Que calma!

— Que delicia!

— Eu viveria assim a vida inteira. Quando parte?

Consulta de relógio. Afinal, vai acabar o dia. Duas horas para ler a correspondencia e mudar de fato. Jantar. Não ha quem ultrapasse o quarto de hora. Os garçons voam. A precipitação é tal que, mesmo não comendo, não é

possivel escapar á affrontação. Ha um motivo: querem todos ir ao Polytheama, que começa ás sete e meia; consta de cinema e de cançonetas e termina antes das dez, com a mesma orchestra, que, tendo começado no salão, vai voltar ao salão até onze e meia, para terminar no club pela madrugada. Os banhistas voltam ainda á roleta. Mas ás onze horas começam a dispersar. E pouco depois ha no casarão o silencio — aquillo que um ingenuo poeta chamava “o augusto silencio”.

Eis, minha amiga, a vida deste hotel e a minha vida ha oito dias.

Vejo-a sorrir com malicia. Não foi a descripção impessoal de um dia ou de uma semana que me ordenou. Foi a impressão dos companheiros, alguns nossos conhecidos; foi a intriguinha, a má lingua, a indiscreção, personagem tão agradável aos contemporaneos e tão amiga da Historia.

Infelizmente, por emquanto, não ha nada. Vão chegando apenas os artistas para a comedia brilhante.

Ha politicos, fazendeiros, commerciantes, principalmente negociantes portuguezes. Um delles veiu com a familia inteira, trouxe dezoito pessoas. Muito digno de consideração, não só pela fabrica de papeis pintados de que é proprietario, como pela abundancia da prole. Chama-se Araujo Silva. Insensivelmente ao dizer-

lhe o nome tem-se vontade de accrescentar: — e Companhia. Ha nomes que nasceram para firmas. Filhas, sobrinhas e filhos de Araujo Silva são perfeitamente sem significação. Não ha rapazes. O namoro, coisa que ellas talvez façam menos mal — as mulheres adivinham! — o namoro não existe por falta de contendores. Ha uma outra familia — marido, mulher e filho. Amam-se e andam sempre juntos os tres. Só entre gente simples ainda encontramos desses phenomenos. Accrescente aos dois commerciantes — outros casaes cujos chefes são solidos, tomam sempre ovos quentes ao almoço, jogam bilhar, dão gargalhadas — emfim, negociantes em via de se tornarem da alta roda.

Na sociedade nossa — só o negociante portuguez constitue bem definida a burguezia, exigindo respeito. Quando o negociante enriquece, as filhas precipitam-se em casamentos, que as collocam entre os “encantadores”. Como presto attenção aos casaes, peço permissão para accrescentar que as raparigas brasileiras, esposas desses latagões, não têm o aspecto da desillusão. As gerações devem ser abundantes e decididas.

Tem a D. Lucia o panno do fundo da peça, o povo, povo destinado a agir muito menos que nas tragedias de Shakespeare, genio capaz de rotular a sensibilidade hypocrita da rainha Elisabeth de — vestal do Occidente...

Artistas — os principaes ainda não chegaram. Estão já, porém, o casal Serpa Lessa, D. Maria de Albuquerque, a insupportavel D. Euphrosina Machado, cada vez mais gorda e mais roleteira; o jovial Nogueira, miss Wright, a filha do banqueiro, que veio apenas acompanhada dos seus dezoito annos e de uma criada surda; o ex-ministro Velasco Altamira e Sanches Peres com a senhora.

O casal Serpa Lessa chegou afflicto. A Iris Serpa Lessa romperá o casamento. Creio que o terceiro. A D. Guiomar disse-me em segredo que a filha estava inconsolavel.

— Viemos a Caldas para distraill-a.

Iris ri tanto, que devemos considerá-la curada. Fez uma liga com a Gladys Wright, cujas ancas arredondam a proporção que o seu perfil de *Proserpina* do Rossetti toma um brilho de gula quasi escandaloso. Gladys Wright vai ao banho pela manhã e á tarde, joga o ping-pong, o bilhar, a roleta.

D. Maria de Albuquerque é a nossa querida D. Maria de sempre. Alta, macia, os cabellos de neve a aureolar-lhe a face moça — aquelle ar imponente e suave de *païress* que amasse as intrigas de Versalhes e trouxesse para a selva-geria americana tudo isso e mais alguma coisa. Intelligentissima, complacente para faltas alheias, conhecendo a sociedade desde 1870, dona de um nome illustre...

Não acredite que eu esteja *emballé*, tem acontecido a tanta gente boa! Amo, porém, D. Maria, como quem admira o manto do imperador, os coches do paço. Ella diz coisas e ajuda o amor...

— Nada mais serio do que o amor! Se a juventude soubesse...

De resto, creio que o amor minguou assás a renda de D. Maria. Esse exilio do Rio e de Petropolis, a vida quasi continua de cidades d'agua, de Poços para Caxambú, de Caxambú para Guarujá...

O curioso é como a enerva o jovial Nogueira. Quando o jovial Nogueira apparece com aquella cara patibular, em que o sorriso parece uma careta, e põe-se a ser "o centro das attentões", D. Maria ergue-se.

— Je ne peut pas le souffrir!

Quanto ao Velasco e aos Sanches — tal qual. Os Sanches são os escravos da moda. Absolutamente figurinos, gravuras da *Vie Heureuse*. Dá vontade de apalpal-os a ver se são mesmo de carne e osso. O Sanches faz, entretanto, um esforço: está lendo (ricamente encadernado) o quinto volume dos *Miseraveis*, de Victor Hugo.

Ia fechar esta carta tão longa e tão novida-deira já. Mas, tendo descido á espera dos jornaes, vejo a chegada dos nossos hospedes: um sujeito magro elegantissimo e desconhecido, um

pobre homem gordo e no mesmo carro do homem gordo Theodomiros Pacheco, o parisiense Theodomiros — absolutamente neurasthenico.

Theodomiros saltou da tipoiã em movimento, estendeu-me a ponta dos dedos.

— Tu, na selva?

O saguão inteiro olhava-o.

— E tu?

— Venho conter-me. Haverá neste albergue travesseiros?

E subiu sem esperar resposta, seguido dos criados, das malas e do nosso espanto. Não sei se conhece Theodomiros. Em Caldas, elle deve ser interessante.

Mande-me noticias suas. Eu continuarei a cumprir a promessa. Beijo-lhe as mãos com amisade e respeito — *Anthero*.

II

*José Bento, secretario dos Oleps a Justiniano
Marques — Pensão Buckarest, S. Paulo*

Cá estamos, felizmente bem, Justi. Pensava escrever-te ha tres dias, desde que chegámos. Mas os preparativos da installação, a attenções, os mil olhos que hei de ter para não chorar depois as tolices das minhas cavalgadas, tomaram-me o tempo.

O trabalho é realmente penoso. Para começar, imagina quem nos apparece em S. João da Boa Vista? O André Miranda. Nós todos sempre o julgavamos em Ribeirão Preto, “levando o delle”. Torrando os brilhantes da velha Ibanaiá. De facto lá foi. Mas a Ibanaiá atirou-se ao jogo e, como se dava ao luxo de não fazer *michés*, com a grande paixão pelo André — o Cassoulet limpou-a. Sem vintem, o casal foi parar a S. João, fazendo um duo — os Ibanaiá. Aqui, a historia embrulha-se. Parece que Ibanaiá cedeu aos conselhos de um velho coronel para tirar os joias do prego e o André, como

sempre, deu para namorar de mais uma rapariga solteira, cujo irmão o aconselhou tambem a embarcar. A fantasia separou-os. André entrou para o nosso vagão, com duas valises contendo o seu repertorio e toda a sua roupa, inclusive a branca. E falou. Sabes que melro é o André. O Oleps estava commovido. A estúpida russa mulher de Oleps tambem. Eu pensava na vantagem e nas desvantagens de reunir ao grupo o André. Esse rapaz tem bom physico, é sympathico, cynico, canta bem, apesar da pretensão, que o torna ridiculo. Mas tem a mania de ser conquistador, de ser amado por todas as mulheres casadas, solteiras, viúvas, reservadas, livres. Com elle está-se sempre a espera de um escandalo.

Fiz ver aos Oleps e ao André, em Cascavel, a minha responsabilidade. Até aqui, a *tournee* tem sido razoavel e nós sempre considerados, graças ás relações e ao respeito com que cerco o negocio. O contrato de Poços é excellente. O coronel concessionario do Polytheama, amigo do Pinheiro Machado, é um cidadão calado, mas que não gosta de brincadeiras. Se André começasse a conquista? O malandrim prometteu portar-se bem, assegurando que as aventuras eram o passado. E habilmente informou ir para o Radium, e o Gibimba.

Como desejamos quinze dias com successo, e o Radium é rival do Polytheama, como os Oleps

só dansam, não nos convinha absolutamente semelhante concorrência. André, quer no Radium, quer no Gibimba, como *cabaretier*, engoliria a concorrência. Assim cheguei a Caldas com o André a mais, tendo que convencer o coronel de que o nosso homem é excelente.

Esse primeiro esforço foi logo de cara e seguido de um trabalhão. Nós não paramos. A's sete da manhã temos de acordar para ir aos banhos sulfurosos. Não precisamos, mas faz bem, mesmo porque anima ás thermas a presença dos artistas. Segue-se passeio. Depois almoço e ensaio. Vamos para o Eden. Jogamos de *faróes* no *five-ó-clock*. Arranjei sessenta mil réis por dia para os Oleps e quarenta para o André. Em seguida, é preciso passear de aranha, ir tomar a agua de uma fonte. Voltamos para jantar. No Polytheama, estamos até ás dez, hora em que entramos no Eden para ir deitar quando a animação cessa de todo.

Assim não me tem sido possível pensar na revista que o Pereira deseja para julho. Apenas na *tournée* colleccionei umas anedotas de caipiras. E se escrevo agora é aproveitando um ensaio do meu jardim zoologico, que aqui deve ficar a quinzena, porque os Oleps agradaram e o André, com as modinhas no Polytheama e berrando como *cabaratier* no Eden põe doida toda a gente — *Teu José.*

III

*Antonio Bastos ao Major Bento Arruda, director
do Club dos Mirabolantes — Rua do Pas-
seio — Rio*

Bentoca — Cumpro as tuas ordens, após oito dias de Caldas. O negocio aqui precisaria de muito capital, de muita lucta e, principalmente, de muito tempo. A cidade está dividida em dois campos. De um lado o Arnaldo, coronel, que soube conquistar a gente limpa e de outro os “gaviões” — O Poneti, o Cara Doirada, o Dunca e o Ginja. O Ginja tem uma sala ordinaria e mal frequentada. E todos descompõem o Arnaldo e dizem que hão de desbancal-o. Já houve um conflicto declarado, em vez de guerra em surdina; e elles, os “gaviões”, tiveram de recolher a unha. O coronel Arnaldo é um bom sujeito, que tomou do Pinheiro Machado aquelle ar de quem está ouvindo para decidir com a

segurança de ser infallível. Poz o jogo aqui em um pé de limpeza igual ao do Rio e soube aos poucos desfazer-se dos “aguias”, amparando, em vez, uns *gurys*, desses de cabresto, que não o podem enganar muito e não são mestres em “sacudir a frigideira”. Assim, lord, silencioso e teimoso. Creio que a lucta foi para elle, desde o primeiro dia, e continuará a ser. Mas, sem cheta ou com dinheiro, elle é o mesmo. Se quizesse trabalhar um pouco, o movimento de cada estação deixar-lhe-ia uns cem contos livres. Entretanto, não compraria o seu lucro por cincoenta.

Não vás pensar com isso que Arnaldo seja menos intelligente. Ao contrario. O que elle é é amigo intimo do defunto Pinheiro, relacionado com a melhor gente, offerecendo jantares aos jornalistas seus camaradas, cartearando-se com deputados. Trata o negocio como director de empresa, do alto. E, quando os meninos, filhos de graúdos, vêm cá embriagar-se, jogar sem pagar — paga tudo e jámais manda as contas aos pais, e não diz nada a ninguem da roda.

Um factó pinta o coronel:

No forte da lucta, quando os “gaviões” quizeram voar, o coronel abriu polemica. A cidade estava dividida por dois jornaes. Um amigo meu, typo curioso de mineiro ironico

e culto, mas despreoccupadamente bohemio, foi ao seu escriptorio.

— Boa noite, coronel.

— Boa noite, a vosmecê.

— Coronel, desejava pedir-lhe um favor.

— Peça. O que está aqui é de vosmecê.

— Não é isso. Queria pedir-lhe o favor de aceitar um conselho. Posso falar?

— Fale vosmecê.

O meu amigo sentou-se e provou ao coronel a inconveniencia da lucta. Para que dar importancia a uns individuos inferiores? Só á arvore com fructos atiram pedras. Elle era um homem que tinha o que perder, porque já fizera muito. Nesse tom falou vinte minutos. O coronel, calado, com o queixo fincado na mão, ouvia. Quando o meu camarada terminou, o coronel ergueu-se:

— Vosmecê acabou?

— Acabei.

— Eu tambem quero lhe dar um conselho.

— Aceito.

— Menino, vá bugiar! E, quando quizer voltar, volte!...

Actualmente, afóra os inimigos das casinholas, ha, em pé inferior, contra o casino e o club do coronel, um casino e um club.

Já vês como é impossivel montar em Poços uma succursal do Club dos Mirabolantes. Ficaria carissimo, por nos faltar um casino para

aproveitar as artistas, e, por tudo o mais. Teríamos a lucta com os “gaviões”, com o Gibimba, com o coronel, inevitavelmente. Quem ganharia? O coronel!

O movimento é grande. O jogo cumpre o seu dever. Eu, para tomar informações, tenho ido a toda parte. E, no salão de jogo das familias encontrei a sogra do Alarico Souza, aquelle rapaz milionario que em solteiro erã o Lord Marréco, do Club dos Politicos. E’ uma tal D. Eufrosina Machado, senhora gordissima e muito importante. Mas, como a velha joga! E’ a primeira a sentar-se e a ultima a levantar-se. Perde sempre e continúa. Ainda não pagou ao hotel uma só semana, e dizem que já pretendeu empenhar os brincos a um *croupier*. O coronel passou violento carão no rapaz e mandou abonar a excellentissima.

— Distracção de senhoras! disse elle.

E’ lá possivel concorrer com um homem assim!

Mando-te estas notas a correr, um pouco misturadas. Ha muito tempo que deixei de saber escrever. Mas não quero terminar sem repetir: pensa em tudo, menos em embarcar o Club para a estação de Caldas — *Totonio*.

IV

D. Eufrosina de Passos de Machado a D. Eponina de Machado de Souza — Gavea — Rio

Minha filha — Pesei-me hoje. Ou a balança não regula ou estas aguas já não me fazem effeito. Estou com o mesmo peso — 136 kilogrammas. Deram-me um apartamento em que me alojei com a Lili e a Vicencia. E, como a sala de banho está á mão, tomo tres banhos das taes aguas por dia. A tua filha tem passado bem, dando-me immenso trabalho, a mim e a Vicencia. Está insupportavel e bate nas outras crianças. Outro dia arrebentou o nariz de um menino filho de um negociante, obrigando-me a falar com esse homem. Infelizmente ainda não estão cá as pessoas com quem a gente se pôde dar. A condessa escreveu-me que não pôde embarcar em virtude de uma doença grave da “Darling”, aquella cadellinha japoneza que lhe fez presente o conde de Protz, secretario da Allemanha.

Não tenho diversões. Aborreço-me com o regimen a ver se acabo com esta doença da gordura, que o doutor considera uma diathese dolorosa. Já acabei o quarto volume do *Rocambole*. Se encontrares os outros, manda-m'os.

Desejava escrever ao Souza. Mas teu marido anda muito mal commigo. Não é que só me manda o dinheiro justo para pagar o hotel? Esquece que a Lili tem despezas, os quartos augmentaram de preço e a criada, a pequena, eu — tres mulheres sem um homem, havemo, de ser exploradas. No tempo de teu pai eu não soffreria o dinheiro por tamina. Agora, porém... Convence-o a mandar mais alguma coisa. Desta vez ainda nem puz os olhos na roleta — Tua mãe *Eufrosina*.

V

De Anthero Pedreira a Sra. D. Lucia Goldschmidt de Rezende — Petropolis

Minha querida amiga — Bom dia. Acabo de conversar com o Theodomiros e recebo a sua deliciosa carta, indagando se Theodomiros já aqui chegou. Sinto na sua pergunta principalmente o aborrecimento do que se passa em Petropolis. Sempre a mesma coisa? Ha nada mais aborrecido do que a mesma coisa?

Dahi varias imposições ao meu espirito. Preciso divertil-a a distancia e não me repetir, quando o meu desejo seria ficar a vida inteira a louvar-lhe o espirito. Que fazer? Afinal, conversar dos outros é sempre procurar o nosso mutuo agrado. Em vez das intrigas de Petropolis conto-lhe a historia da viagem de Theodomiros?

Quando abri a sua carta, Theodomiros narra-me essa viagem de Campinas a Poços. Farei o esforço de recompol-a? Imaginando-a a sorrir, a isso me abalanço.

Theodomiro estava só no salão do carro de luxo que o levava de S.^l Paulo a Campinas quando ouviu a voz do guarda.

— A's ordens de V. Ex.

Theodomiro olhou o guarda. Se estivesse na Europa, teria dado uma gratificação. Em Campinas, era impossivel. Desceu atraz de um carregador que lhe levava as valises de coiro, as valises mandadas fazer em Londres, com fechos de oiro.

— V. Ex. póde almoçar. Ha trinta e sete minutos de espera. Eu guardarei as malas.

Theodomiro olhou o movimento febril da estação na manhã de sol indeciso. Almoçar á hora em que habitualmente não estava levantado! Seria o novo regimen. Andou com furia até ao fim da plataforma, onde se estabelecia o hotel, entrou, recuou, tornou a entrar. Na sala immensa serviam em louça um máo almoço a um punhado de sujeitos vorazes. O melhor era não comer. Mas o comboio só chegaria a Poços ás quatro da tarde e passava um dos criados levando um pedaço de carne fumegante. Theodomiro sentou-se resolvido — não á mesa redonda, mas noutra pequena, a um canto. Esperou. Impacientou-se. Bateu com a faca no prato. Tornou a bater. O criado veiu cheio de pratos.

— Que quer?

— Ovos, um beef. Você demora?

— E' rapido.

— Que prato leva ahi? Cheira bem.

— Olhe. Coma o numero do almoço, ali com os outros viajantes. E' mais rapido, e garantido.

Theodomiro consultou o relógio. Tinha apenas vinte e cinco minutos. Não hesitou mais. Correu á mesa, onde mastigavam varios senhores, na maioria portuguezes. Tomou um prato de canja — inenarravelmente má. Sentiu fome. Atirou-se aos outros pratos, de repente esfo-meado. Comeu assim uma quantidade compacta de alimento em dez minutos. Depois, como ainda lhe restava um quarto d' hora, accendeu um charuto, poz-se a andar pela plataforma, julgando-se uma victima do destino universal. A estação cheia — ninguem lhe prestava attenção, e elle sentia-se caminhando para o desconhecido.

Theodomiro de Sá Pacheco é um brasileiro como deve haver muitos outros. Tem como base das suas opiniões — o Brasil um paiz a beira do abysmo; e desconhece por completo o Brasil. Em compensação, viaja a Europa, de que conhece muito bem os menores detalhes, e julga-se feliz. A felicidade é muito relativa. Quando rebentara a guerra, Sá Pacheco ia precisamente partir. Ficou. Mas de tal maneira andaram os negocios de amor e de dinheiro (perdas em ambos os ramos, consecutivas) que

a neurasthenia não podia deixar de lhe ser um elegante capital.

Theodomiros estava neurasthenico. Quiz tratar-se. Onde? Em S. Paulo restavam alguns amigos, que o aborreciam. O resto do Brasil causava-lhe pavor. Que seria isso por ahi? Sem conforto, sem legumes, sem trufas, sem travesseiros! Levava assim dois mezes na angustia da hesitação até que um dos seus medicos, medico de sociedade, membro de varias academias literarias, aconselhou: — Europa.

— Mas os submarinos?

— Então, a roça!

— A roça?

— Uma idéa: Poços. E' inteiramente outra coisa...

Outra coisa! Elle precipitara-se. E estava ali, arrependidissimo, seguindo para Caldas, ouvindo as conversas dos caixeiros viajantes, quasi todos lusitanos. Era impossivel não sentir que aquillo tudo parecia ser dos ditos caixeiros. Elles moviam-se solidos, bem dispostos, bem vestidos. Eram os descendentes dos bandeirantes. Iam buscar o oiro ao sertão. Ficariam ricos. Já de certo o eram. E não deixariam de ter muitos descendentes, com aquella solidez ardente.

Mas a sineta tocava. Theodomiros installou-se numa poltrona, defendendo a contigua com as valises.

O comboio, muito inferior ao que o trouxera até Campinas, Theodomiro sentia no ambiente um vicio nacional que sempre o revoltara: a familiaridade. Duas horas depois do trem seguir aquella gente toda estaria intima, atirando-lhe perguntas. Precisava isolar-se.

Isolou-se, olhando a natureza. A noção de Theodomiro acerca da natureza do Brasil limitava-se á da floresta virgem, inacessivel a mão humana. Logo ao deixar Campinas, deante dos seus olhos estendeu-se o mar de café. Era café, pelo que elle vira em photographia. Aquellas arvores de um verde escuro, todas da mesma altura, plantadas a igual distancia uma da outra na terra roxa. Depois, como fazendo uma barra verde gaio nos pannos verde-garrafa dos cafezaes — os pés de milho, de largas folhas. A sua impressão foi por isso mesmo economica.

— Que riqueza! Como esta terra deve dar dinheiro!

Os cafezaes continuavam, agora interrompidos por extensissimos pastos e por milharaes vastos, de modo que quando havia em alguma curva projecção d'horizonte, elle via a terra coberta de pannos verde escuro e verde claro. O comboio parava pelo menos de quarto em quarto d'hora. Havia estações de movimento, com trens d'animaes e trens de carga sobre os trilhos e uma população irrequieta nas plataformas. Outra noção de Theodomiro era que,

ao deixar as avenidas do Rio ou de S. Paulo, teria de encontrar indios e negros. Não via indios. Pretos eram raros. Mas o curioso é que o ar, a natureza, moldara tanto as creaturas que havia velhos italianos com o aspecto de caciques de taba aymoré.

— O prodigio da terra!

Insensivelmente, estava um pouco menos irritado, graças ao imprevisto dos aspectos. Então existia de facto a prodigiosa fortuna do café? Havia na verdade como na Europa — os milharaes? E a terra ainda tinha força de mascarar os estrangeiros, de mudar-lhes a cara e de fazer dos seus descendentes um povo novo?

Entre as estações davam-se tambem pequenas paradas em sitios onde appareciam quatro e cinco casas no maximo. Via-se a paragem em attenção aos donos das fazendas. Mas, quer nessas, quer nas estações, que se distinguuiam pelas casas pequenas com letreiros enormes dando-se por grandes fabricas, Theodomiros tinha de incommodar-se, assustar-se. O movimento de entrada e sahida dos viajantes, no carro em que se colloca, era o mesmo de um bonde do Engenho Novo, no Rio, ás cinco da tarde. De facto, a zona inteira communicava-se pela via-ferrea, visitando-se, negociando, combinando, passeando. Sujeitos embarcavam dizendo: “Até logo!” Decididamente, elle viajava

num dos trens Campinas-Poços, como um tramway de suburbio da sua cidade. Estava quasi a sorrir, quando, numa das estações, um cidadão de bigode, guarda-chuva e pêra, appareceu com uma pequena.

— Estará desoccupado este lugar, cavalleiro?

O choque fez com que Theodomiros desoccupasse a poltrona das valises e indicasse outra ao cidadão. Depois, já, sem poder estar isolado, ergueu-se, foi até a porta do vagão. Dois homens, o primeiro brasileiro, o outro talvez italiano, conversavam alto. Com seguro pasmo Theodomiros notou não comprehender o que elles diziam. Prestou maior attenção.

— Eu adesso dai para elle que non é dos bão.

— Santa Virgine, é memo una dor. Oramai vae a topar elle?

— Per Deus!

Os dois falavam a correr. Theodomiros apanhava no ar algumas phrases. Era a lingua d'aquelle povo, era o futuro novo idioma do povo que se fazia! Theodomiros fechou a porta, voltou ao seu lugar, e ouviu a voz de um dos caixeiros viajantes que conversava para outro comboio.

— Estou a agradecer a vocês. Gostei immenso. Lá irei a vossa terra, ainda esta semana.

E a neurasthenia não pôde deixar de sentir a injustiça de pouco antes. Esses, ao menos, os caixeiros, mantinham a sua lingua, conservavam-na fortemente. E pena é que fossem tão poucos deante da multidão já sem ter do portuguez senão o conhecimento que um habitante da grande Grecia tem do italiano!

O comboio continuava. Pelos seus olhos continuaram de passar os cafezaes, os milharaes, os pastos — interminavelmente. Não acabariam mais? As impressões de Theodomiro quanto a paizagem em geral eram ou literarias ou mundanas. Desde que, em vez da jounge, com macacos e araras, elle tivera o imprevisto das culturas, após a admiração, teria de immediatamente comparar e lembrar. Lembrou-se dos prados inglezes, de versos de Walt Whitman

*Maravilha de Universo em todas as moleculas!
Essencia espiritual das coisas!*

Achou-se idiota e ainda mais idiota o poeta. Mas os bois, repousando em torno das grandes arvores, nos pastos immensos, levavam-lhe quadros de animalistas vistos nas ultimas exposições e os coqueiros, que de vez em quando surgiam nos milharaes, recordavam-lhe umas gravuras coloridas que representavam o coqueiro com um negro em baixo e tinham

como titulo o seguinte: “L’Afrique”. Depois, havia arvores de tal harmonia de linhas, de uma tão copiosa expressão de belleza que, sem comparações e sem lembranças de coisas iguaes, vinha-lhe a curiosidade de lhes saber o nome pelo menos. Quando, porém, queria perguntar, logo o aspecto seguia recordativo e comico. Assim, nas curvas, quando o trem passava rente ás plantações nos barrancos e de repente surgiam, entre os pés de café e os pés de milho ou as touceiras de canna, dois ou trez vultos de trabalhadores. Eram exactamente as gravuras dos romances de crimes e de mysterio!... Afinal, durante uma grande extensão, a bordadura dos cafezaes renitentes e reluzentes passou a ser de arvores cujas folhas de verde pallido, em fórma de gommos, se ligavam formando as valvulas de conchas, onde se deramava uma côr de vinho. Vistas de cima, essas arvores eram como candelabros erguendo virides patenas molhadas de mosto. No vento que as sacudia, algumas perdiam as folhas, mostrando agarrados os troncos cachos negros. Era em torno da riqueza teimosa dos cafeeiros como um frizo de ebriedade, de alegria. Theodomiros queria descobrir o nome dessas arvores lindas e ao mesmo tempo receava adivinhal-o, no seu mundanismo e na sua literatura. Afinal, não se conteve. Voltou-se para o cidadão grave:

— O nome dessas arvores, cavalheiro?

— Jaboticabeiras, Sr. doutor.

Eram essas arvores! Aquellas folhas que lembravam os pampanos das bacchanaes, aquelles cachos como de uvas, aquella belleza cem vezes maior que a das vinhas, aquella offertorio de parras bebedas de summo roxo eram as productoras de uma fructa que elle não comera senão em criança, por não ser elegante... Que homem era elle!

Então Theodomiros pensou em Shakespeare, na velha phrase de Hamlet e a sua neurasthenia fel-o julgar não mal dos outros mas da sua pretensão. Que palermice o snobismo! Duas horas de viagem na sua terra apresentaram-lhe mais surpresas que um dia de vagon-leito pela Europa. Surpresas tanto mais impertinentes quanto deviam ser surpresas apenas para elle e para os de sua casta. Era preciso aproveitar! E, com a subitanea inconsequencia dos nervosos, Theodomiros, que desejava muito antes não ver os companheiros de viagem, desejou subitamente observal-os, conversal-os, travar relações.

A primeira figura a quem sorriu, um rapaz gordo, logo se aproximou:

— V. Ex. vae para Caldas?

— Vou.

— Para que hotel?

Precisamente elle era de um hotel para o qual não ia Theodomiro. Falou mal desse ao qual Theodomiro se dirigia, terminando por ter a certeza de que, apesar de máo, sua excellencia não encontraria logar. Estando todos os hoteis cheios — esse estaria tambem repleto.

— E o seu?

— Refiro-me aos hoteis ordinarios. A estação está animadissima.

Theodomiro, por isso mesmo que não acreditava no rapaz, tinha o receio de se ver de repente abandonado, sem hotel, sem alguém para lhe tirar as bagagens.

— Em todo o caso, se me não agradar, vou para o seu...

E entrou a ver os seus companheiros, os que seguiam até Poços. Havia, em primeiro logar, uma numerosa familia. Quatro meninas, duas quasi moças, um joven de cinto de coiro — genero sportman, a matrona e o pae. O casal era portuguez, ella gorda, de dentes sãos e anneis nos dedos. Elle baixo, bigode, as pernas meio curvas de estar sempre de pé a servir ao balcão. A prole brasileira era bonita. As raparigas sentavam-se com a mais moderna elegancia, isto é, de modo que a avó teria reprimido na mamã. A mamã falava-lhes a cada momento, como temendo o appetite do vagão inteiro — vagão que aliás pensava noutra

coisa. O pae era uma dessas figuras activas d'animo simples e severo, cuja opinião a respeito de viagem é que a viagem não póde deixar de ser um pique nique. Em todas as paradas precipitava-se para o apeadeiro e comprava para os filhos tudo o que se vendia: café, fructa, doces, pães. A familia devorava, tagarelando. Que iriam fazer a Caldas?

Um pouco adeante estava um senhor pallido, de cavaignac, todo de preto, da cabeça aos pés. Esse depositara meticulosamente o coco negro, tirara os oculos negros e de vagar chupava um cacho de uvas, por coincidencia tambem negras. No banco da frente, um negociante de oculos e botas de elastico olhava, severo, tendo ao lado um rapazito que roncava. Dos caixeiros viajantes, restavam dois, perfeitamente discretos — o que é contra a opinião geral que se tem da classe. E, entrando e sahindo do vagão, batendo as portas, conferenciando, sentando-se ora aqui, ora acolá, discutindo — quatro agentes de hoteis, um dos quaes ornamentava a gravata de uma inverossimil alfinete com apparencias de reflector d'automovel.

Era impossivel conversar. Mesmo a effusão neurasthenica de Theodomiro hesitou. O rapazito que já lhe falara tornou com o seu ingenuo vinco de reclamo:

— Vae V. Ex. depois de S. João ver o aspecto da subida da serra. Logo depois da afamada estação das aguas para beber...

O trem parava. Era o que o rapazito denominava “uma estação intermediaria”. Gritos dolorosos echoaram. Os viajantes precipitaram-se. Um grupo grave tomava o trem. O homem magro e baço erguia nos braços uma menina quasi moça vestida como se fosse á festa. A menina gritava:

— Meu Deus! ai! vou morrer! ai!

E atraz, a mãe chorava, erguendo um chaile enorme.

Theodomiros falou ao chefe do trem.

— Maleitas, fez este. Está grassando por aqui. Vão a S. João, que tem medico, porque aqui é um simples sitio que se chama Ipê.

— E vae comnosco? perguntou o pae sadio da numerosa prole.

— Onde havia de ir?

Era o Brasil de que sempre ouvira falar o elegante Theodomiros. Por isso, a neurasthenia de novo o atacou no seu aspecto de misanthropia. Encolheu-se e olhou a paizagem. Essa continuava com café e milho. Afinal, já cansava tanto café, tanto milho...

Só em Prado, uma estação cheia de flores, que lhe lembrou as estações italianas nos Alpes, Theodomiros tirou as vistas dos campos. Entrava um homem goêdo, e de certo conhecido

na redondeza. Trazia duas malas, uma das quaes dizia ser de perfumes, “dessas coisas que servem ao apuro da hygiene corporea”. E ber-rava!

— Al riverdele! All right!

Um dos agentes d’hotel indagou:

— O coronel vae a passeio?

— Vou a passeio... vou a passeio, vou a passeio... vou a passeio...

— Chega, já sei...

— E’ para não perguntar mais!

O vagão inteiro ria, divertido. O coronel parecia um desses malucos inoffensivos encarregados de divertir o proximo. Sentou-se.

— Hum! Hum! Hum! Mylorde George, inglez!

— Coronel, está alegre.

— Hum! Hum! Hum! Mylorde George, inglez!

— Bella paizagem!

— Exacto. Exactamente. Exactissimamente.

Irritado com o homem que gritava, Theodomiros lembrou-se de uma comedia de Goldoni, em que havia um velho a dizer de instante a instante: bene, bene benissimo. Quando o alegre veneziano pensara na realidade da sua creação? Tudo no fundo é literatura. E no Brasil a literatura só pode ser traduzida...

A locomotiva galgava a custo as montanhas. Esse pensamento pessimista de Theodomi-
miro podia ter uma alegre e amavel prova no
que elle via — as florestas traduzidas em vul-
gar, as florestas feitas celleiro de café e de
milho. Eram montes que se engastavam em
montes mais altos formando bossas, firmando-
se em valles largos. E do alto, os olhos viam
a extensão inteira dos montes com o verde
macio do milho, o verde luzente dos cafezaes
e, por fim, colmando os pincaros, e ás vezes
descendo a pique entre milharaes e cafés —
o verde negro das florestas espessas. Um cheiro
morno e leve, um cheiro de enleio e de saude
vinha no ar dessas extensões de lavoura sus-
pensas nas montanhas.

De repente o coronel berrou:

— E dizer que vi plantar aquelles pinhei-
ros! Mylord George, inglez!

De facto. Num valle, como num viveiro,
emplumava-se a espinosa resina dos pinheiros,
subindo encosta acima, entre eucalyptos. E no
alto, atirando os ramos de balsamo ao céu, os
trancos dos pinheiros illustravam de taças
verdes o fundo cinza do céu de chuva.

— Chegámos.

Theodomi-
miro ergueu-se, sentindo um arrepio
de medo, uma infinita tristeza. Que seria d'elle,
só, sem o seu conforto, sem a sua sociedade,
sem os seus travesseiros? Olhou mais, para ver

a cidade. E deante dos seus olhos, viu uma enorme arvore de verde summo, arredondando a curva dos ramos — de modo que parecia ao longe abrir-se cada folha uma flôr cor de aurora!

— Maravilha! Maravilha! Aquella arvore!

— E' uma paineira! explicou, espantado, o agente do hotel.

— Bom agouro!

— Por que, Sr. doutor?

— Devemos ter no hotel ao menos travesseiros de paina!

Theodomiro enganou-se. Os travesseiros de Poços são os mais duros travesseiros do mundo. E, quanto ás jaboticabas, de que fez uma descrição pagã e classica, não se trata de jaboticabas mas de uma variedade feminina do mamão, — que dá oleo! Pobre Theodomiro. A vida é a eterna illusão... Seu com o coração — *Anthero*.

VI

De Theodomiro Pacheco ao Sr. Godofredo de Alencar, homem de letras — Jockey-Club — Rio

A minha neurasthenia ! Perguntas se melhorei da minha neurasthenia? Decididamente não conheces uma estação de cura no Brasil. E' o chaos de uma grande cidade abrindo em vicio num local ingenuo. Cá encontrei toda a gente das festas e toda a gente menos boa do Rio e de S. Paulo. Duas horas depois de chegar comecei a ouvir o rumor das fichas, compassado pelos sons roucos dos ancinhos nos pannos verdes. Era no hotel. Disseram-me que, se saísse depois do banho, apanharia uma gripe. Saí. E o som das fichas continuou a seguir-me. A's vezes vem de cima e parece um regato saltando nas pedras de uma cascata; quasi sempre é nos rez-do-chão e temos de costear-o como se ao lado das ruas fosse mollemente de encontro ás paredes a vaga de um oceano. O terrivel Aristophanes,

fazendo falar os passaros como ao pobre Euripedes, inventava palavras onomatopaicas. Eu ouço agora a linguagem das fichas. Mais do que em Nice. Mais do que em Monte-Carlo, onde só se ouve as fichas quando se quer. Para exprimir esse ruído seria precisó inventar, como Aristophanes, uma série de onomatopéas sem sentido. E' uma eterna e ironica musica, uma cavatina indifferente e cynica. Dá-me a impressão de Satanaz remexendo em pastilhas os ossos dos peccadores e attraíndo, como um alchimista, todos os doentes, todos os ambiciosos, todos os levianos que acreditam na transmutação dessas pastilhas em moedas de ouro. Pura magia. Puro delirio!

Fechei-me no quarto. Uma orchestra mandava até o quarto um tango. Fechei as janelas. Ouvi uma voz rouca de mulher cantando a *Paraguayta*. Ha pegado um café cantante, á noite em função e durante o dia em ensaio. Que fazer? Conversar com D. Maria de Albuquerque, sempre amorosa, a ponto de dar agora para ajudar os amores dos outros? Com Anthero Pedreira, insupportavelmente mundano, que interroga a gente, reclinado nas cadeiras e esticando os pés cansados no Meyer? Trocar idéas sobre o descanso de Caldas com cavalheiros e damas sem significação? Parecia-me que estava numa jaula. Estive quasi partindo. Mas para onde? Com os submarinos

allemães, a Europa é uma allucinante conquista. O Rio enerva-me. S. Paulo faz-me perder a calma. Para onde ir?

Depois de uma noite de insomnia, tomei resoluções extremas. E' evidente que a minha neurasthenia vem da falta do que fazer e da falta de necessidades. Conheci da ignorancia em que estou das coisas do Brasil desde o começo da viagem. O Brasil decididamente tem grandes problemas a resolver. Em vez de fugir ao meio ou perder o meu tempo "divertindo-me", como fazem estes cavalheiros do hotel, estou disposto a estudar aspectos para mim ineditos. Mandei buscar por telegramma os meus travesseiros — porque, apesar da abundancia de paineiras na paizagem, os travesseiros de cá são mais duros que o macadam da Beira-Mar. E saí a conhecer. O conhecimento é inutil. Este pensamento, por outras palavras, está em todos os trágicos gregos, e depois em todos os escriptores que sabem. Ainda assim, inutil, ou por isso mesmo, deve tomar tempo. Entreguei-me á roleta, isto é, entrei em todas as tavolagens — porque jogar dá-me insomnias e palpitações.

Ha cinco classes de tavolagens em Poços. A' primeira pertence o panno verde do Grande Hotel. E' a roleta em que jogam os senhores e senhoras da alta sociedade veranista. Nada como o vicio para ligar. Senhores, que não se

conheciam na vespera, tratam-se por você. Ha perguntas fataes:

— Então, como o têm tratado?

Ha phrases hypocritas e fatalissimas em todas as bocas:

— Que se ha de fazer para matar o tempo?

Os jogadores — frios como algodão gelado — preparam um ambiente amavel. A orchestra toca. Os criados offerecem café, charutos, licorres, refrescos. E eu quasi me divirto com o contraste entre as caras indifferentemente bonancheironas dos *croupiers* e a agitação de sapos diante da serpente que são os jogadores não profissionaes — ministros, banqueiros, encantadores, commerciantes, advogados.

— E' impossivel ter sorte em tudo! é a exclamação quando as cedulas de cem desapparecem vagarosamente na caixa do banqueiro.

— Está dando a 1^a duzia. Se eu jogasse, dava a 3^a!

Ha momentos de acalmia. O panno verde — pintado por um especialista de S. Paulo, que assigna o nome todo a um canto e põe entre parenthesis: vulgo Raphael — o panno verde está vasio. De repente apparecem algumas fichas. E' a onda a formar-se. Logo outras. Mais outras. Sente-se o nervosismo das mãos nos *tric-tric* das fichas amontoadas. Em pouco — verdes, amarellas, brancas, azues, vermelhas, roseas — as fichas formam no oceano do pin-

tor vulgo Raphael o encapelamento. E a seguir aos *trecs* pespontados da bola na bacia de metal, os *rateaux* raspando os montes de fichas entre os acelerados *tric-tric* dos *croupiers* juntando as fichas.

Ha homens que perdem sem avaliar o que perderam, ha os agoniados e os teimosos ricos. Mas as senhoras são ainda mais interessantes. Miss Wright joga roleta como o *tennis*. A velha Lessa põe em pleno em todos os numeros e, ás vezes, não perde. Outra joga nos dois quadros. Mas o drama é a enorme e anafada Sra. Machado. A velha parece jogar a alma. Como tem a cara gorda, só os olhos e a palidez indicam o auge das emoções. Não tem mais dinheiro. Creio que não poderá terminar a estação. Outro dia jogou cincoenta vezes no 27, e, quando, já sem um real, ergueu-se, cantaram: 27! Ella tornou a sentar-se, livida — o 27!

A coisa foi tão grave que durante dois minutos o silencio planou na sala. Pensavam que a Sra. Machado ia morrer fulminada.

A segunda classe é o Hotel da Empreza. No velho predio, o pavilhão destinado ao jogo tem um letreiro: “Ao Recreio de Poços”. E’ tocante e profundamente innocente, não achas? Ahi o quartel-general dos commendadores, com um ar burguez e camarada. Conversa-se. Apparecem doentes, individuos paralyticos, e maciamente, alguns jogadores profissionaes. Até as

meninas jogam. Um casal de velhos, cuja vida se passa nas estações d'aguas, ganha sempre. Elle grita:

— O' menina, estás ganhando?

E ella do outro tableau:

— E tu, menino, como te tratam?

No meio de tanta gente destaco um joven de *pince-nez* e um velho de longas barbas. O joven deve ser estudante, mas, se curar o sangue, jámais curará a alma. Vê-se que o jogo o empolga, que o jogo o quer arregimentar. Cada sessão em que elle perde e ganha nervosamente é um passo para o abysmo. Quando termina está verde, suando, com os beiços tremulos. O velho é exactamente o contrario. Senta-se a um canto com as mãos no ventre, e olha com profunda tristeza. Chama-se Nathalio e foi guarda-livros, “posto que em rapaz, em Coimbra, fizesse versos”. Ha vinte annos vem a Poços. Lembra a estatua do protesto.

Fiz ahi conhecimento com uma curiosa figura. Chama-se Antonio Bastos. E' jogador. A sua historia daria para um desses contos que floresceram em Alexandria no tempo dos Seleucidas. Antonio Bastos era estudante de engenharia, filho de um major do exercito, irrascivel e pobre. Estava a estudar com dez-oito annos quando se apaixonou por uma rapariga de quinze. Opposição das familias de ambos. Antonio não teve duvidas: raptou a menina

e foi dormir a uma hospedaria. No dia seguinte casou. As famílias, depois da maldição, fecharam ao par a porta. Antonio, depois de muito trabalho, conseguiu o lugar de revisor num jornal. Levou assim oito mezes, revisor, com a maldição das famílias e, o que é peor, quatro mil réis diários, a espera que o dono do jornal o fizesse reporter. A mulher ia leval-o e buscal-o ao jornal. Estava grávida. Era preciso ganhar mais. Ao lado do quarto em que moravam, habitava um jogador, o Tem-Tem. Antonio expoz-lhe a situação. Tem-Tem enterneceu-se.

— Eu não quero levar V. ao jogo. Deus me livre! Mas ha no Moscovita Club a vaga de pagador. O Cambachirra quer um homem sério. Emquanto V. não arranjar outra coisa, vae “trabalhando” nisso. Vou falar com o Cambachirra. No dia seguinte, Antonio estava no club como pagador, com oitocentos mil réis por mez. Inteligente, esperto, em pouco era senhor dos trucs, dos passes. Largou do Moscovita para fazer uma *tournéé* pelas cidades de Minas, em que arranjou setenta contos em companhia do coronel Bento Arruda. Ao voltar ao Rio fez-se co-proprietario do Club dos Mirabolantes.

— O senhor ha de convir que, se não se tem consideração social, tem-se pelo menos fartura.

O seu cynismo é delicioso. Conta aneddotas de ladroeiras.

— Não ha jogo sério, diz. Se não se ajuda a sorte, perde-se. Todo o jogo é roubado, é roubo.

— E você?

— Eu aproveito.

Soube por elle, que está aqui “estudando o campo para as manobras”, coisas espantosas de um verdadeiro batalhão explorador, em que se disputa o explorado, a victima, quasi a tiro. Cada uma das roletas é uma trincheira. Cinco ou seis donos de tavolagem fazem a campanha contra o grande-chefe. São as outras classes sociaes da roleta. A propria influencia politica toma partido. E ha alguns jovens *croupiers* de physionomia calma, ameaçados de castigos, se não desertarem. Esse aspecto de *societas-scelleris*, disputando uma estação de cura como carniça em um ambiente de pureza, em que tudo é ingenuo e macio — causa á minha neurasthenia uma sensação de parada.

Ainda hontem fui encontrar Antonio Bastos sentado no Eden, club montado como os do Rio. Eu acompanhava o coronel Titino, velho doido que já perde mais de trinta contos e ama com furia uma pequena *chanteuse*. Mas, não resisti: sentei-me á mesa de Antonio, que conversava com um italiano de sobretudo, em-

quanto as mulheres: francezas, rumaicas, italianas, em grande *toilette*, cantavam, dansavam e jogavam na turba variada dos clientes. Quando o sujeito de sobretudo ergueu-se, Antonio segredou-me:

— Conhece? E' um judeu italiano. Vende joias. Se abrir o sobretudo, o Senhor verá uma constellação.

— Então o commercio rende?

— Mesmo porque as mulheres fazem os amantes comprar e depois vendem para jogar. Vendem ou empenham. Está a ver aquella italiana linda?

— Oh! E' a Bonleli do Rio.

— Boas pelles, hein? Tem um *manteau* de chinchilla. Pois parte amanhã para o Rio. O *bac* fel-a empenhar por cincoenta contos joias no valor de mais do triplo. Nunca mais as tira. Bella depennação, hein?

Não é positivamente uma daquellas florestas da India, em que os animaes se destróem uns aos outros com furia voraz? Não é ao lado das fontes de enxofre que saram dos males da Luxuria, o holocausto de todos os vicios, de todos os crimes, de todas as ganancias, da podridão humana, ao Deus Moloch do jogo?

Talvez a imagem seja exagerada. A neurasthenia deforma em augmentativo a impressão da vida. Os prophetas biblicos deviam ter sido lamentaveis neurasthenicos. O facto existe,

porém. Tu sorris. A minha doença pasma. E' questão de ponto de vista.

Por isso, agora, occupo o meu mal. Sou neurasthenico na activa. E tão preocupado — que só hoje tenho tempo de escrever. Até breve — *Theodomi*ro.

VII

Da gerencia da Empreza á generala viuva Alvear

Excellentissima Sra. generala Alvear —
Temos a satisfação de communicar o recebimento da sua carta do p. m. findo e de pôr á disposição de V. Ex. impreterivelmente dentro de quinze ou oito dias no mais tardar os aposentos que deseja. A guerra européa, augmentando a concurrencia a esta magnifica estação, impediu-nos servil-a com a possivel brevidade, tal o numero de clientes. De V. Ex. obediente servo — *Karl Glotonosk*, director.

VIII

De Anthero Pedreira á Sra D. Lucia Goldschmidt de Rezende — Petropolis

D. Lucia, minha tão illustre amiga — Emfim! Começou a “grande semana”, com elles dizem estrangeiramente, dando a Poços um ar de Deauville da montanha. A “grande semana” é elastica. Este anno começou bem uma semana antes. Por que? Não sei bem. Mas tudo assim o indica: — as perolas de D. Maria de Albuquerque, o escandaloso decote de Miss Wright, a arrogancia de D. Eufrosina Machado, o crescente assanhamento da numerosa familia Araujo Silva. Nestas “paradas” cada um retoma o seu logar. E’ uma questão de disciplina. Desde que se trata de parada, instinctivamente forma-se a fileira.

Mas não é só isso. Ha provas mais patentes. Os magros cavallos de aluguer augmentaram de preço, as “charrettes” e as “cestas” dão uma hora quasi pelo seu proprio custo, os mendigos

surgem de todos os cantos e os hotéis regorgitam, desde o civilista Globo (os hotéis aqui são politicos e no Globo escapou de morrer o immortal Ruy) até o veneravel “da Empreza”.

No nosso “caravanserail” a agitação é enorme. Numa carta passada falei-lhe de theatro. Exactamente agora parece que vai levantar o panno. O contra-regra é o joven gerente. Falta-lhe por completo a pratica. Tem, porém, vinte e dois annos, é bonito como um pagem que Murillo pintasse, esteve num gymnasio de padres, onde estudou grego e hebraico, e, como diz D. Maria de Albuquerque (em extase) “não ha ninguem mais gentil”. A gentileza de Pedrinho está em nunca dizer não, fazendo com que os hospedes se resignem como os figurantes de uma *féerie*, ás attitudes mais incongruentes. Desde janeiro, Pedrinho, por carta, compromettera varios quartos e mesmo varios departamentos — porque este hotel é dividido em departamentos como a França, depois da revolução. Chegaram inesperadamente hospedes, que ficaram. De modo que Pedrinho esfrega as mãos:

— Vamos arranjar! Pois não! V. Ex. vai ficar satisfeito.

E temos uma curiosa marca: a viagem dos hospedes por diversos quartos. Um coronel, o tremendo coronel Titino, foi mudado emquanto estava na roleta e quando voltou ao seu quarto

encontrou no quarto uma allemã viuva, *frau* Weber, em menores. A pequena Serpa Lima (Iris, Irisette para os intimos) teve que dormir dois dias no quarto dos pais. A complicação é tal que á hora da chegada do trem, Pedrinho que despacha homens a Cascavel para desculpar-se por não poder augmentar o hotel — desaparece, eclipsa-se, com grande desgosto, parece-me, de Miss Wright e magua de Dona Maria...

O incidente do coronel assustou-o. O coronel é um sujeito riquissimo, que veio de Ribeirão Preto acompanhando uma *chanteuse* do Polytheama. Grita muito, perde muito á roleta e não dorme no hotel. Mas achou uma desconsideração não o terem prevenido da mudança.

— Eu não sou caçamba! urrava elle.

Depois houve ainda um caso peor com o Severo da Gama, aquelle jornalista millionario que é mundano. Esse encommendara o *apartement le premier janvier*. Saltou de luvas, *pince-nez* esfumado, uma collecção de *valises*, e soube que não tinha onde se alojar. A colera eriçou-lhe os bigodes. Pedrinho ignorava a sua importancia, a sua justa e enorme importancia! E Pedrinho teve de pedir áquelle bondoso casal lusitano que cedesse o quarto do filho de dezeseis annos e o rapaz foi dormir com os pais para salvar Pedrinho da colera justa e Severo — já com outro *pince-nez*, desta vez branco —

o que augmentava o terror do gerente adolescente.

Não só, minha querida amiga! Chegou também o D. Pablo Urtigas, ministro das Filippinas. No mesmo comboio veio Arethusa Saraiva, a violenta Arethusa, que se instalou num quarto pegado ao de D. Pablo Urtigas e que, por coincidência, comem á mesma pequena mesa. Naturalmente partirão no mesmo dia com a admiração de todos nós pela grande e larga vida de gastos de D. Pablo...

Essas provas de que começou adiantada a “grande semana” foram crescendo de numero. Por exemplo: ao jantar, os *smokings* resolveram apparecer. Em seguida ao almoço, as senhoras arvoram grandes *toilettes* de passeio e joias. Depois — coisa que me causou admiração! — affluem os “encantadores” do Rio e de S. Paulo, esses meninos dos dezeseite aos quarenta annos, que vestem com elegancia exagerada, são dados a *sports*, montam, jogam o *ping-pong* e o *bridge*, andam com os desenhos do Sem, falam francez e têm sempre um ar muito superior. Está o Oliverio, está o Guimarães, está o Flávio — rapazes que eu contava em Petropolis. Numa das ultimas levas, em que appareceram quatro paulistas, educados em Londres (segundo elles dizem), appareceu mesmo um joven de physionomia estrangeira, servido ao jantar com especial deferencia pelos

criados. Mas misanthropo — porque não se dá com pessoa alguma. Indaguei de D. Maria, excellente almanach. Não o conhecia. Tive vergonha de perguntar aos outros. Hoje, porém, rebentou a noticia que abre a grande semana: em comboio especial chega amanhã a familia da marquezia viuva da Luz. Os criados não se contêm:

— V. Ex. já sabe? Chega amanhã a marquezia da Luz!

— A marquezia da Luz tomou tres departamentos!

— Chegaram os cavallos de sella e os *chars-à-banc* da marquezia!

— A marquezia traz oito criados!

Os negociantes e as suas esposas, sem a posição mundana da marquezia, estão num estado de inquietação curiosa. Uma senhora indagou-me a sorrir:

— A familia da marquezia da Luz andarão nos dois pés, como todos nós?

Como a Senhora não ignora, o nome de Luz diz muito. O marquez da Luz, morto de apoplexia ha dez annos, era o Macario Luz, que fez uma fortuna colossal com alguns monopolios industriaes e comprou por duzentos contos ao papa o titulo de marquez. Deixou tres meninas. Duas meninas já casaram. De modo que a familia Luz consta da marquezia viuva

e da sua filha Olga — seis mil contos com a certeza de mais varios mil.

D. Maria de Albuquerque, após o jantar, conversou commigo.

— O marqueza Justina (disse-me D. Maria com aquelle ar de não sei quantos seculos de sangue fidalgo, e já feroz no tempo de Albuquerque o Terribili), é uma boa senhora. Muito simples, muito dada. O seu trem de vida não lhe tirou as excellentes qualidades. Olga é uma criança muito intelligente, muito fina e naturalmente assás infeliz.

— Infeliz, D. Maria?

— Para ella, para mim, para você. Imagine Olga querendo casar por amor, querendo a sinceridade, e perseguida por um batalhão de caçadores de dotes... E' um velho drama, ou, se você quizer, uma antiquissima opereta. Mas sempre dolorosa para quem a representa quando tem o espirito da Olga.

— De modo que em Caldas a senhorinha Olga vem descansar?

— Se fosse possivel! Não tem você reparado na imprevisã chegada de varios rapazes?

— O Oliveró, o Guimarães, o Flavio...

— O Gonide, o Fontoura. Pois é um enigma facil de decifrar. Estão todos cá a aproveitar a familiaridade do hotel de banhos a ver quem leva o premio da loteria, *le gros lot, mon cher*.

Nesse momento acercou-se o gentil Pedrinho, que se dá melhor com os ares maternos de D. Maria, que com os assaltos de Agavé de Miss Wright.

— Então, que conta o nosso Pedrinho?

— Não imagina, Sra. D. Maria, o trabalho para preparar os departamentos da marquezia.

— E o numero de pessoas que fazem o sequito amoroso!

— Psiu! fale baixo, fez Pedrinho apontando o joven e mysterioso inglez, que apparecia fumando um enorme charuto — o tal, o misanthropo, o que não entrava nos grupos.

— E' verdade, quem é aquelle sujeito que ninguem conhece?

Pedrinho tomou uma voz grave.

— E' o tratador dos cavallos da Sra. marquezia.

— Minha cara D. Lucia — a democracia americana! O palafreneiro, ou, se V. Ex. quizer, o *lad* das cocheiras de Justina Luz, marquezia do papa — era o *gentleman* mais sensacional do hotel!

— E' possivel pôr em duvida que a “grande semana” tenha começado?

São horas de jantar. Vou vestir o *smoking*, e livral-a de uma carta cuja tagarelice ameaça não acabar. Creia-me o seu admirador e amigo — *Anthero*.

P. S. — Na sua ultima carta mostra curiosidade por Theodomiros. Que lhe posso dizer? Theodomiros está um selvagem. Disse-me que, para curar a neurasthenia, estuda a cidade, o phenomeno da civilização na montanha. Não procura os nossos grupos, que elle considera nevralgicos. Só hontem fixou-se no hotel com o medico a examinar o homem que não come — acontecimento engraçado de que lhe contarei o fim na proxima carta.

IX

D. Pedro Glotonosk á generala Alvear

Exma. Sra. generala — Tenho o desprazer de lamentar profundamente não poder obedecer ao seu aviso nestes proximos trinta dias. A guerra européa, augmentando a concurrencia a esta magnifica estação, força-nos a recusar hospedes — a menos que não se multiplicasse o hotel tres vezes. Se V. Ex. quizesse ir para outro hotel, ainda assim era impossivel, porque estão todos cheios actualmente. Pedimos a V. Ex., com as nossas desculpas, que, caso queiraj dois aposentos (a vagar talvez) nos fundos do Hotel da Empreza, avise telegraphicamente. De V. Ex., com o maior respeito — Pela Empreza de Melhoramentos, *Pedro Glotonosk*, gerente do hotel.”

X

*De Iris Lessa a Baby Torrezão — Estrada Nova
da Tijuca — Rio*

Baby — Recebi a tua carta. Que me importa que elle fale mal de mim? Não lhe ligo a minima importancia.

Nunca pensei mesmo em casar. Divirto-me. Tenho dezeseite annos e muito tempo para ser mãe de familia. O meu desgosto foi um simples plano para virmos á “grande semana” de Poços de que me falava tanto o Flavio Mendonça. Não imaginas que vida! Sou muito amiga de Miss Wright, acompanhada sempre daquella criada que não fala. O nosso bando é de primeirissima. Flirts, minha filha, nem se conta! Uma perpetua festa. Dansas. Passeios. Gladys obriga-me a dois banhos por dia.

Tem uma enorme sympathia por mim. O Flavio está me ensinando a *dansa das trincheiras*, uma dansa especialmente para *garden-parties* ou *cotillons*. Vamos indo. Pelo proximo correio mando-te um dos nossos grupos, tirado

pelo Sr. Nogueira, homem muito amavel. Devias vir.

Chegou a marquezia da Luz. Gente muito chic. Agora é moda almoçar no Eden, onde pela madrugada não entram as familias. Come-se excellentemente. Muito melhor que no hotel. E tem um ar de prohibido, tem *pimenta!*

Saudades a todos os que perguntarem por mim. E diz áquelle gabola que não seja parvo. Beijos de — *Irisette.*

XI

*De D. Maria de Albuquerque á condessa Hor-
tencia de Gomensoro — S. Clemente —
Rio*

Minha querida amiga — Sinto profundamente que não possa vir aproveitar esta temporada de Caldas. Os motivos são justos. Mas Caldas, com a guerra, tornou-se talvez, pela primeira vez e pela ultima tambem, um ponto unico de reunião, em que se encontram todos os brasileiros provavelmente nos quatro cantos da Europa, se não fosse a conflagração. Não ha conforto, ha a nossa sociedade. A segunda compensa a falta do primeiro. E eu conseguira do gerente uma coisa impossivel quasi: guardarem-se dois aposentos.

Com a idade, vou ficando cada vez mais brasileira e mais firme em alguns conceitos fóra da moda. Assim, aquelle meu principio de que a sociedade é tudo para um paiz, impõe-se. Eu, que recordo o tempo aureo do segundo imperio, faço o possivel para que a primeira

Republica com elle se pareça. E, reunindo um grupo muito distincto no Hotel, sinto verdadeiramente a falta que a todos nos faz a sua graça, tão refinada e empolgante.

O nosso grupo consta do jornalista Severo da Gama, um *causeur* excepcional, cada vez mais monarchista; de Justina da Luz, tão illustre e cada vez mais moça; de Olga, sua filha, de Aura Sanches, com o marido, sempre elegantissimo; de Oliverio Gomes, Fabio Guimarães, Flavio. Vejo-a sorrir ao ler os nomes destes tres rapazes. Realmente elles não vieram para a estação, e sim na possibilidade de um casamento excepcional pelo dote, quando o casamento seria admiravel não pelo dinheiro, mas pelas qualidades de espirito e de coração da dona dos milhões. E' pena que os rapazes de agora, mesmo os que têm o supremo bom gosto de não trabalhar, sejam tão seccamente praticos, a ponto de não perceber a sensibilidade daquella a quem cortejam. Olga tem conversado commigo conversas quasi confidenciaes. O aspecto avido da realidade deu-lhe a reflexão amarga. Pensa como gente grande e é *tout bonnement* uma ingenua, como todas nós infelizes mulheres. Da lista de pretendentes o Flavio deserta, dominado pelo diabolismo de Iris Lessa. Ha o joven consul rumaico Gotosk, ha o deputado Cerqueira ao longe. O Fabio, o Gomide, o Oliverio, degladiam-se. Creio que só

o ultimo poderá ter esperanças e se andar com juizo... E' possível, porém, Oliverio com juizo? Cheio de intelligencia e de planos phenomenaes, com um *aplomb* vertiginoso, seria um estrategia (desculpe o termo em tempos bellicos) de primeira ordem. Na execução o seu temperamento não se contém e elle estraga com extravagancias o que fez com habilidade. Conheço-o desde criança e sei o trabalho que o senador Gomes tem tido com elle, principalmente depois de o fazer 2º secretario de legação.

O secretariado dá neste momento a Oliverio não só meio de prégar mentiras com apparencia de verdades, como enorme superioridade sobre os outros. Ouvil-o falar é um regalo. Esteve em Londres. Todo o *green-boock* é seu intimo. Esteve na Russia. Palestra de embaixatrizes e de embaixadores. Esteve em Paris e foi fatalmente visitar Rostand, em Cambo, como todos os jovens *snoobs* dos dois hemispherios. Outro dia fez quasi um folhetim acerca de Rostand, de Mme. Rostand, do pequeno Mauricio, que lhe dedicou um livro. Para Olga, que recita Rostand e sonha com a vida das côrtes, é definitivo...

Oliverio, porém, não se contenta com a influencia externa. Admiro muito o modo por que Oliverio se insinuou na amisade de Mlle. Hobereau, a velha dama de companhia. E' pa-

tente que, se Olga fizer alguma referencia a Oliverio, na intimidade, Mlle. Hobereau é um alliado de indiscutivel valor.

Dizem, porém, que Oliverio deixou em São Paulo uma pequena andaluza e que a andaluza póde de repente surgir. Será ella bastante sagaz para não perturbar o futuro de Oliverio? Descreio muito das hespanholas e principalmente das andaluzas. Mais ainda da força de vontade de Oliverio. Elle está, assim, intelligente, comportado — porque não tem um real. Segundo um veso antigo, usa de tudo fiado para depois o pai pagar. Já nos offereceu varios almoços e passeios, e não paga um ao barbeiro. Outro dia dei-lhe alguns conselhos. Sabe que me respondeu?

— D. Maria, quem pensa em dinheiro, quando gasta, nunca terá dinheiro. Veja. Don Pablo, ministro das Philippinas. Tem menos do que eu, que ainda tenho esperanças e um pai exemplar. E gasta muito mais. Quanto á minha *liaison* (elle diz em francez, porque ficou assentado no Brasil que os maiores horrores ditos em francez são elegantes), eu sou unico? Todos quantos chegaram a Caldas, casados ou solteiros ou fizeram por ahi *adenda* ou mandaram buscar por telegrammas *ses benes amies*.

Diante disso, retraí-me e espero o desenlace.

Caldas está um encanto. Céu de turqueza, noites frias. A vida não me dá tempo de escrever. E é quasi de madrugada, ao voltar de um passeio ao luar, que lhe escrevo estas inconveniencias. Mande-me noticias. Saudades de —
Maria.

XII

De Olga da Luz a Guiomar Pereira — Avenida — S. Paulo

Gui — Não te poderás queixar. Quatro dias depois de chegar já começo a escrever. E' uma doença essa de escrever, como bem nos dizia, de volta do Oriente, em Paris, Mme. Lucie Delarue Mardrus. Pelo menos, quando se escreve a uma pessoa amiga, é como se o mundo, com todas as suas misérias e todos os seus egoísmos, ficasse muito longe, muito abaixo...

Pedes-me *potins*, confidencias. Sou naturalmente menos dada ao turbilhão. E raramente vejo onde estão os casos possíveis de *debinage*. Em compensação, ha aqui, no nosso grupo — um grupo preparado e escolhido por D. Maria de Albuquerque — o Oliverio Gomes, um diplomata filho do senador Gomes. E Oliverio, Gui, é um permanente folhetim. Folhetim? Mais. E' uma especie de *Mil e uma noites* contemporaneas! Tem graça, tem espirito e, graças a Deus! não é pretendente, não se propõe a

casar com os meus milhões. Assim, é Oliverio que nos conta os *potins* da sociedade da grande semana de Caldas e nos faz a caricatura do ministro das Philippinas, que não paga a ninguém (homem feliz!), de Arethusa Saraiva, que parece a rainha das Philippinas; do Velasco Altamira, que em Caldas pretende ser o *pivot* da politica.

Os passeios são sempre os mesmos. Faço a minha equitação duas horas por dia e o nosso bando é o grande bando — o que dá côr e linha á paizagem, como diz o Severo da Gama, irritadissimo porque ainda não lhe deram um aposento razoavel, mas sempre excellente *causeur*. Oliverio considera-o: o *vade-mecum* da conversação. Guardei a phrase, porque, mesmo Mlle. Hobereau, de costume tão reservada, a achou engraçadissima.

Manda dizer quando vens. Saudades —
Olga.

P. S. — Mamãe muito se recommenda, mamãe que está tão moça e tão bonita, que vai caminhando, não para parecer minhã irmã, mas minha filha.

XIII

De Theodomiro Pacheco a Godofredo de Alencar — Jockey-Club — Rio

A minha neurasthenia achou de repente aqui na montanha motivo para a perplexidade philoso-physiologica.

Essa perplexidade é tão grande que não posso deixar de te expôr os motivos de tão angustioso estado d'alma. Outro dia, atravessando um corredor escuro, encontro tres homens de nacionalidades diversas e vaga profissão, em torno de um caboclo magro, de cabelleira, olho branco e voz melosa. O caboclo debatia-se.

— Eu só vou com o coronel! Eu sou do coronel!

Vendo-me, os homens explicaram o que estavam a fazer: queriam ser empresarios do caboclo para uma *tourné* pelo Brasil inteiro. O caboclo, vagamente bilheteiro do Polytheama e trazido de uma fazenda das redondezas pelo coronel Arnaldo, é um homem que não come.

A principio, diz elle, comia pouco e fazia-lhe mal. Deixou de comer, apenas bebendo cerveja e café. Por ultimo, só toma café. A questão é o café á hora certa.

— Ha mais de dois annos só tomo café!

Arrastei o caboclo para a luz. Corado, o seu prazer era enorme pela attenção que lhe davamos.

— Sim, senhor! Não como! Pergunte ao coronel!

Saí pelo hotel a dar a nova sensacional do homem que não come. Mas de facto ninguem deu a esse homem imprevisto a menor attenção. Todos cuidam da propria vida e não ha o menor interesse em ver o phenomeno.

— Realmente? disse-me Anthero Pedreira.

— Pobre homem! fez o Severo da Gama.

As senhoras, então essas, foi como se não ouvissem. A abstinencia não está em moda. Um caboclo querendo se fazer notavel por não comer, deixava-as indifferentes. Fui ao coronel Arnaldo, o *sacerdos* da roleta, que tomou um ar profundo e disse:

— Esse rapaz não come porque lhe faz mal. E' a minha mascotte.

Diante dessa affirmativa corri ao medico da empreza, um joven rico, o Dr. Claudio, que vejo sempre a fazer a barba. O joven facultativo estava com outro medico, o Dr. Polydoro,

habitante do Sanatorio, que passeia sempre de chapéo Chile e guarda-chuva.

— De facto, sorriu o primeiro, elle diz que não come...

— Não é possível! exclamou o Dr. Polydoro, como se o offendessem.

— Parece-lhe?

— Tenho a certeza. Admira-me o senhor, um homem de cultura...

— Mas os santos nos Thebaidas...

— Comiamervas...

— Mas Succi...

— Comia carne comprimida. O senhor não vê logo que um homem não póde viver toda a vida sem comer? Que disparate!

— Perdão! O disparate não é meu. Estou com o doutor, em these. Mas o homem teima em dizer que não come, a tremenda influencia do coronel Arnaldo dá-lhe mão firme e a propria empreza, mantendo um embusteiro ou um maluco...

A' voz de empreza, o Dr. Claudio interrompeu:

— Só o tenho visto tomar café!

— Hein?

— Isto é, nunca o examinei...

— Pois examino eu! bradou o Dr. Polydoro. Vim para Caldas descansar. A sciencia, porém, antes de tudo!

Após a luminosa discussão partimos os tres a apanhar o caboclo Joaquim. Polydoro parecia um dos nossos integros juizes, daquelles que collocam a justiça acima do interesse dos amigos. Claudio estava aborrecido. Eu esperava desmascarar o pobre caboclo, que horas antes não conhecia.

— Então, você não come?

— Não, senhor.

— Por que está mentindo?

— Mentir para que, homem? fez Joaquim, revirando o olho branco.

O Dr. Claudio (que não deseja maguar o importante coronel Arnaldo, protector de Joaquim), interveiu, apaziguador.

— Joaquim, estamos todos desejosos da prova. Aqui o Dr. Polydoro vai examinal-o.

— Não deixo.

— Então é falso!

— Eu já disse que não como!

— Mas se você não consente que os medicos provem o prodigio, que você é...

Para convencer a humanidade de ser prodigio, o caboclo Joaquim cedeu. Levámol-o para o quarto de Pedrinho, o gerente.

Polydoro pol-o nú. Polydoro deitou-o. Polydoro auscultou-o, cheirou-o, esmurrou-o quinze minutos. Depois, suspirou:

— Orgãos excellentes. Não tem nada no estomago! Você não comeu hoje?

— Ha dois annos que não como. Só tomo café.

— Admiravel propaganda desse excitante, mas mentira. Você deve comer escondido. Come pouco, talvez, mas come!

— Que necessidade tenho eu de comer escondido? Não tenho lucro em não comer...

— Impossivel! Impossivel!

Polydoro estava roxo de colera. Aquelle estomago vasio era uma offensa á sua sciencia. Pediu as micções para analyse, falou nos raios X para o exame radioscopico a procura do exquisito estomago tão diverso daquelle de Esopo, e acabou, no auge do delirio scientifico, por exigir que Joaquim ficasse preso dez dias num quarto para que elle, Polydoro, tivesse a certeza.

— Dou-lhe duzentos mil réis.

— Eu não preciso de dinheiro. Para que dinheiro?

A esta extraordinaria phrase não se curvou Polydoro.

— Pois fique gratuitamente.

— Quantos dias o senhor quizer, com tanto que eu tome café ás horas certas! Fico já até, se o coronel consentir.

O Dr. Polydoro deixou-nos como vigias e partiu para obter o consentimento do coronel proprietario. A entrevista devia ter sido rapida, porque meia hora depois o nobre defensor da

sciencia voltava radiante. Então os tres examinámos o quarto. Não havia meio de chegar comida a Joaquim senão pela porta.

— Aceita?

— Aceito.

— Então até logo.

Saimos os tres. Polydoro fechou a porta, guardou a chave.

— Os senhores verão...

Infelizmente não vimos o que elle desejava. Nos primeiros dias Joaquim recebia-nos com uma alegria diabolica. Estava muito bem disposto. Polydoro (examinando as eliminações) não verificou vestigios de alimento a não ser saccharina. D'ahi a sua furia. Deixou de levar o café a horas certas, de modo que, em chegando seis da manhã e meio dia, o caboclo Joaquim punha-se aos pontapés contra a porta, urrando que o matavam. O hotel inteiro, indifferente a Joaquim — foi totalmente impossivel interessar essa sociedade epicurista pelo phenomeno! — julgava-nos a nós, mais ou menos malucos. Tenho a certeza de que o joven Dr. Claudio riu de nós com as meninas. E estavamos no setimo dia da experiencia, quando rebentou a noticia de outro homem, um italiano de nome Giuseppe, que, esse, comia o quanto lhe pagassem. Polydoro não deu importancia. Mas o hotel inteiro, rindo gostosamente, foi vêr Giuseppe, emulo de Gargantua.

— E' espantoso! Come bacia e meia de macarrão!

— E um cabrito inteiro!

— Quem paga o jantar do Giuseppe?

— Cotizemo-nos! Que homem invejavel!

Giuseppe instalara-se nas proximidades do hotel, numa tasca de que evidentemente se tornou socio de industria, após a sua celebridade mundana. Bandos de curiosos iam assistir a deglutição gigantesca do homem comedor. Elle dava grandes gargalhadas, cheio de saude, magnificamente enorme e sujo. Na ultima noite da dezena de Joaquim, acompanhei um grupo a ver Giuseppe devorar quatro gallinhas em canja, um pequeno carneiro e uma bacia de macarrão, regado tudo isso de vinho em proporção. Na tasca havia uma alegria de kermesse. Os rapazes, excitados por aquelle estomago, que se tornava a inveja dos seus avariados estomagos, davam-lhe pancadinhas no hombro, festejavam-no.

— Este Giuseppe!

— E' o primeiro homem do Brasil.

— E' um symbolo!

E Giuseppe gargalhava, homerico.

Fiquei tão vexado que pedi a chave ao Dr. Polydoro e fui ver o caboclo Joaquim no seu quarto. O caboclo, sentando na cama, olhava tristemente a lampada electrica.

— O senhor dá-me café?

— Uma cafeteira?

— Basta um golo.

— Você é um idiota, Joaquim.

— Por que não como e ninguém acredita? Que se ha de fazer? Mas o Dr. Polydoro é um assassino, que não sabe nada!

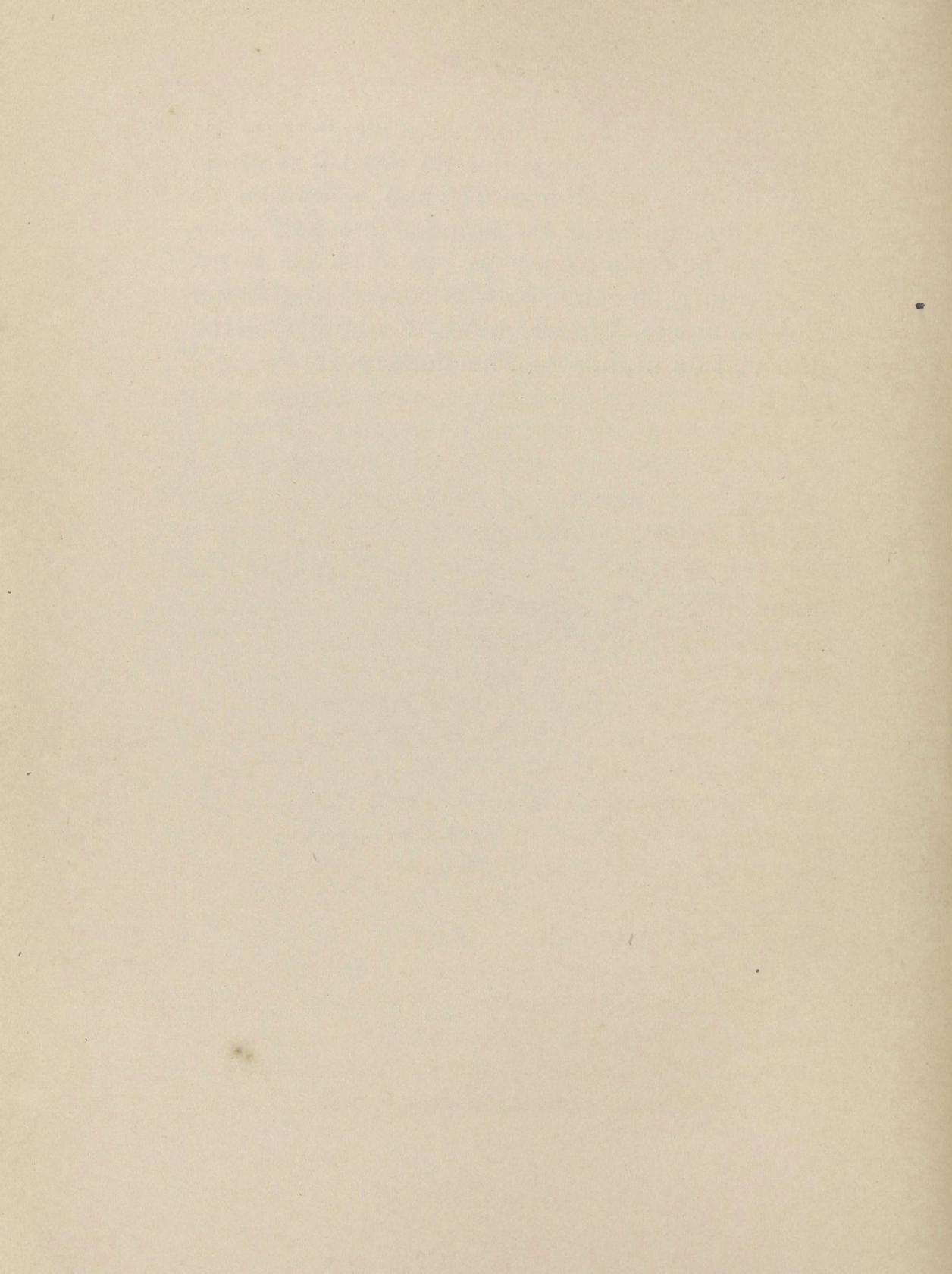
Esta desolada entrevista deixou-me angustiado. No dia seguinte, Joaquim largou o quarto pela manhã, descompondo Polydoro, que até do café o privara. Ninguém se apercebeu da sua reaparição. O caboclo tambem saíra tal qual. E no *bar*, onde se sentou, não houve cliente que visse aquelle homem inutil. Estavam todos a commentar o outro, o grande, o que comia... Em compensação, o Dr. Polydoro concluiu as suas observações, um pouco como Galileu:

— Meu caro, apesar de tudo, estou convencido de que o caboclo come!

Profundo ensinamento! Perplexidade da minha alma! Não está nesse diptico toda a vida de sempre? Joaquim, caboclo hysterico, saiu da matta e acreditou o exito na renuncia. Giuseppe, veiu de Napoles e devora. A multidão despreza Joaquim e paga para Giuseppe. Um homem que não come e não quer dinheiro de nada serve. E' um bobo desprezivel. Aquelle que engole mais tem a apothese. Nada mais logico. Quanto diria Shakespeare na pelle de Hamlet diante desses esqueletos com carne! E

o curioso é que eu, insensivelmente falo de Giuseppe com os elegantes do hotel e sentindo a inutilidade de Joaquim tenho vergonha de lembrá-lo, de falar do homem que não come — e que de certo come!

Godofredo come. Eu vou comer. Vou comer violentamente. Comer, ainda é o unico verbo imperial do mundo — *Theodomiro*.



XIV

*De Nenem Araujo Silva ao Sr. José Joaquim
Teixeira, digno socio da firma Araujo Silva
& C. — Rio*

Zéca — Estou muito zangada. Papai recebeu duas cartas de você e eu só ante-hontem tive a honra de ser distinguida com algumas linhas. Parece incrível, mas isso deu prazer tanto ao pai, como a mamã. Ambos são da opinião de que carta de namorado é perder tempo e que se você não escreve é devido ao balanço e aos negocios para a forração pela segunda vez este anno de todas as repartições do Ministerio da Agricultura. Como essa gente suja as repartições! Emfim eu consolo-me desde que leio nos jornaes a ausencia da companhia da Palmyra Bastos e acredito você preso á loja. Que bom se fosse assim até maio!

E, entretanto, o pai pensou em adiar para junho, para o dia de Santo Antonio, o nosso casamento. Que tal? Oppuz-me. Em junho faz muito frio. Não pensa você do mesmo modo?

Aqui estamos no hotel mais chic. E' uma

despeza enorme que só mesmo papai poderia fazer. Só de banho, o tal banho da Fonte Pedro Botelho que está encanada para o hotel pagamos quarenta mil réis diários. Também o Tito, o Loló, Juquinha, ficam horas dentro da agua azul só para compensar.

Poços é uma cidade bonitinha. A principal rua, onde está o nosso hotel, é como em Petropolis e no Mangue, dividida por um canal. Quasi todas as outras ruas são em subida. Quasi ao lado do hotel fica o mercado, muito enjoado — onde papai tem a mania de levar a gente para comer mamões. As diversões são muitas. De manhã os passeios de *charrete*. Somos nós mesmos que guiamos. Os cavallos vão direitinho para onde querem. Conhecem a cidade. Judith outro dia virou da *charrete* e caiu num capinzal. Logo um moço que é secretario de um governador disse que era um “tombo bucolico”. Papai pagou pelo tombo, isto é, pela mola da *charrete* quebrada trinta e dois mil e duzentos, e supprimiu *charretes* com o pretexto de que se o boleeiro pedisse dois contos elle tinha de pagar. Agora andamos de carro e a cavallo.

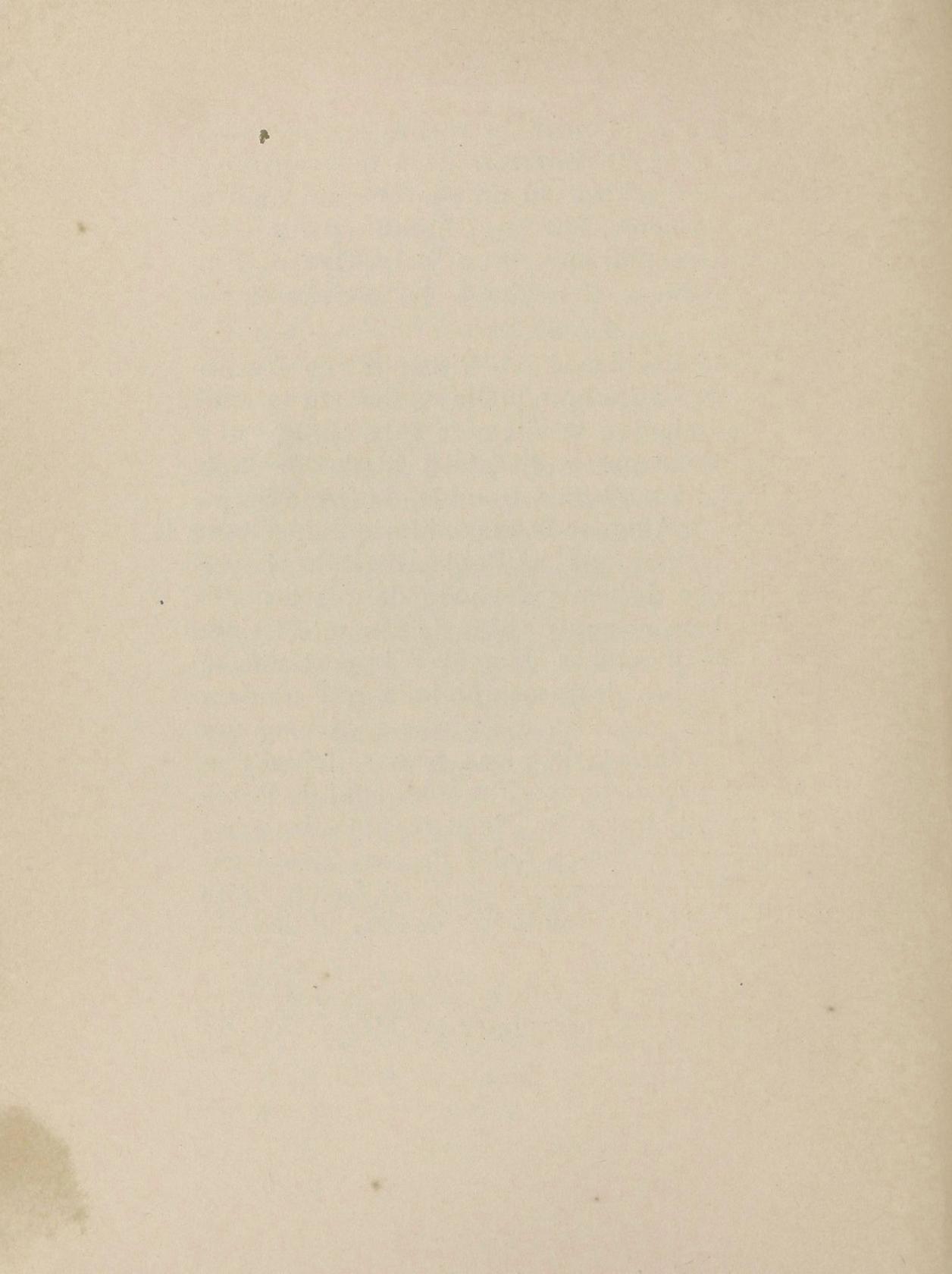
Depois do almoço ha as dansas, ora no hotel da Empresa, ora no nosso. Entre as dansas vêm cantoras e actores cantar arias e dizer monologos. Nunca pensei que as cantoras fossem senhoras tão sérias.

Ha por aqui meninas menos comportadas do que ellas. O interessante é que algumas actrizes conhecidas ahi no Rio chegam aqui e mudam de nome. Por que? Assim aquella contralto que mamãi aprecia: a Stella Dovani. Em Poços chama-se Conchita Lola, estrella mundial.

De conhecidos ha o visconde de Aveiro com a viscondessa, aquella velha surda que anda de chinelas. O visconde fala sempre nos tempos de rapaz e discute a idade de todo mundo. Está tambem o Gomide, da firma Serpa & Simões, o Antenor Souza, e Mariquinhas Soares escreveu-me de S. Paulo, dizendo haver uma porção de gente a espera de quartos.

Tambem estamos assim de elegantes! Uma porção de mocinhas com ares importantes e uns sujeitinhos de casaco cintado, que mudam de fato tres vezes ao dia e que você com um cascudo amarrotaria. Das nossas amigas a melhor é a Denden, moça mesmo aqui de Poços e dos cavalheiros o Sr. Nogueira que tira photographias e offerece balas de ovo. Papai engordou. Mamãi emmagreceu. E só. Lembranças de todos. Muitas saudades de sua muito do coração — *Nenem*.

P. S. — Ao seu futuro genro Sr. José Joaquim muito se recommenda Maria Araujo Silva.



*De Anthero Pedreira a D. Lucia de Goldschmidt
de Rezende — Petropolis*

Minha querida D. Luiza — Aqui, muito em segredo: *ç'á y est!* Na minha ultima carta dizia-lhe o conjunto harmonioso de filhos de familia da nossa melhor sociedade á espera de Olga Luz e da marquezia sua mãe. Ellas chegaram de facto pela manhã, com malas de mais e criados de mais. Tambem é o unico symptoma de menor comprehensão da verdadeira distincção esse excesso de malas e de criados. Quanto ao resto — para todo o hotel, impressão agradabilissima. Num destes *caravanserais*, quem tem muito dinheiro é obrigado em primeiro logar a aturar e a desculpar as impertinencias dos que deitam a importancia de parecer amigos intimos. Depois, é necessario andar como a pedir perdão da grande fortuna a quantos não na têm. Uma pessoa rica move-se sob os olhares curiosos, como a dizer:

— Desculpem. A culpa não é minha.

Nesse genero, a marqueza Justina, radiante de belleza, e Olga Luz são admiraveis. Nada daquella pose meio infantil dos ricos da Argentina e de que todos os grandes meninos filhos dos seus papás abusam em S. Paulo. Os veranistas ficaram na casa de jantar á espera da entrada sensacional. A entrada deu-se tarde, sem nada de theatral. A marqueza appareceu por uma porta do fundo com a Margarida Peres. Vestido simplicissimo. Cumprimentos aos hospedes. Olga vinha á frente de Maria de Albuquerque, como esses chromos feitos na Escossia e que allegoricamente representam *The Summer*. Toda de branco, largo chapéo, um ramo de flores silvestres na mão. Bem, pois não?

O acto teria sido perfeito, se Pedrinho, o gerente, e os criados, não exagerassem os cuidados com a mesa a que se sentara tão interessante companhia. Os veranistas que esperam de quatro criados serviço para não sei quantas mesas, ficaram menos alegres vendo os ditos quatro criados e mais o Pedrinho á espera de que D. Justina Luz se resolvesse definitivamente pelo "viradinho com lombo de porco". Uma das opiniões mais feitas e mais erradas na humanidade é o respeito, a humilhação voluntaria diante do possuidor de Dinheiro. O mundo seria outro se nos convencessemos da inutilidade do gesto. Não seriam, porém, os

larbins de Poços a reformar o conceito universal. Mesmo porque das outras mesas varios rapazes de primeira ordem, olhando Olga, estariam dispostos a esperar mais tempo, na mesma posição dos *larbins*.

A' sahida do comedouro, os apertos de mão e o desenho do grupo a formar-se. Vi logo a obra de D. Maria. A' tarde, podemos definir os grupos da "grande semana". O nosso é o unico com interesse real — porque as senhoras vestem nos mesmos costureiros da rua da Paz e os homens fazem o possivel para fingir a peça franceza do boulevard. Assim, depois do theatro, emquanto se valsava no salão, houve a verdadeira organização do programma de diversões. Os jovens elegantes tiveram idéas e assim a occupação das manhãs foi logo feita. A primeira manhã deliciosa de azul e prata! — foi a cavalgata ás cascatas. No frencsi de passeios matinaes que dá á porta do hotel um ar de bazar do Levante, eu desejaria que D. Lucia visse o nosso grupo, os rapazes admiravelmente bem montados. Olga ultra-chromo escossez num ardente cavallo inglez, a marquezeta Justina de amazona negra, a Margarida Peres de verde e D. Maria de cinza com um maravilhoso costume. Que arte a de Dona Maria para valorizar os seus cabellos de prata! E junte a essa luzida companhia as casacas vermelhas dos tratadores dos cavallos da mar-

queza, que apparecem com as librés como na estação hippica de S. Paulo... Estou a ver D. Lucia sorrir:

— Grande snob!

Seja. Tenho discernimento para considerar tudo isso frioleiras. Mas tambem não me posso furtar ao prazer de me sentir de outra especie, em frente do visconde de Aveiro, da consorte e de outras respeitaveis criaturas que assistem á nossa partida, sentados em cadeiras de vime, á porta do hotel.

Para vêr as cascatas tivemos de desmontar e descer um verdadeiro despenhadeiro, ao cabo do qual ha um bar ao ar livre onde a nossa sociedade encontrou um bando de damas, artistas, cujos nomes vêm nas gazetas e que todos os homens conheciam. Essas damas operaram uma retirada com muita arte, de modo que as amazonas puderam ir até á primeira cascata e d'ahi até á grande sem encontrar outros entraves a não ser, no fim, D. Pablo, ministro das Philippinas, com Arethusa Saraiva.

As cascatas de Poços não são o Niagara. Mas dão uma linda impressão de força e de violencia com os borbotões de espuma a rumorejar, rasgando-se nas rochas, caindo em grandes trombas. Uma nevoa algida envolve-nos. Olga queria ir até uma pedra bem no meio do espadanar colerico das aguas. Os jovens pre-

tendentes precipitaram-se a dar-lhe a mão, a ajudal-a. Olga recusou. Só o Oliverio Gomes não se aproximou — porque, de repente, se lembrara de recitar versos inglezes, versos dos poetas lakistas.

Neste momento tive uma idéa. Olhei D. Maria. Ella sorria, encantada. Olhei a marquezia Justina. Tambem sorria. Olhei Olga. Estava séria. E concluí, minha cara D. Lucia, que na côrte de amor fatal onde se encontre Olga com os seus milhões, o Oliverio encontrara um grande alliado: D. Maria de Albuquerque, a estrategista. Não me enganei. Oliverio é muito intelligente, mas estouvado. Poderia brilhar mas commetteria a *gaffe* fatal. Assim, só obedecendo a um habil general, poderia manter aquelle papel, que até agora conserva.

Mantel-o-ha até ao fim? *Chi lo sá?* O facto é que até agora as probabilidades são suas. Insensivelmente, Olga da Luz prefere esse camarada cheio de espirito, contador de coisas imprevistas aos outros muito bem vestidos, mas com a preocupação visivel de se mostrarem candidatos. Outro dia, no salão, esses rapazes quasi se atacam para dansar com Olga. Oliverio mostra-se cansado da vida e, como a conversa trazida por D. Maria fosse de commen-

tario em torno do divorcio de Arethusa Saraiva, elle teve opiniões graves.

— Casamento é uma coisa séria. O melhor é não casar.

— Por que?

— Para não ter duvidas quanto aos sentimentos da mulher.

— Ora esta!

— E' o que eu lhes digo. As mulheres deviam pedir os homens em casamento. Só assim os homens não temeriam.

— Espera ser pedido?

— Espero não casar. Eu seria insupportavel.

Considerado assim o exemplar, ainda esta manhã deu-se um facto que deixou de cara á banda a série de candidatos ao dote. A marquezia Justina não quiz sair. D. Maria tambem não quiz. Mlle. Hoberreau estava com enxaqueca, e a mocidade desejava acompanhar a cavallo Olga da Luz — até a Caixa d'Agua. Foram pedir o consentimento á marquezia, que tranquillamente disse:

— Consinto, se o Dr. Oliverio Gomes fôr, ou se o Dr. Severo da Gama, acompanhar...

Severo da Gama dormia. Oliverio não foi encontrado. A mocidade ficou furiosa e partiu sem Olga. Olga ficou lendo um livro de versos, a meu lado, no saguão. E, de repente, apparece

Oliverio em trajés de montaria, sabe do caso, dando gargalhadas.

— Estou desmoralizado! Um homem que não é perigoso. Decididamente envelheço!

— Oliverio, por que ha de ser impertinente!

— Com quem?

— Com o Anthero, que é mais velho!

— *Merci...* fiz eu, sem que me ouvissem.

— Mas, se quer, ainda podemos apanhal-os num bom galope.

— Serio?

— Serio.

Vinte minutos depois Olga e Oliverio, como se diz nos romances, desappareciam ao longe numa nuvem de poeira. O casamento, D. Lucia, que problema e que mysterio! Mande-me noticias suas. Ha uma semana não sei o que se passa em Petropolis. Póde, porém, crer que a informarei das novidades do nosso caso. Não lhe parece interessante? Com amizade — *Anthero*.

XVI

De Pedro Clotonosk á generala viuva Alvear

Exma. Sra. generala — Sou interprete dos sentimentos da empreza perante V. Ex. por não poder arranjar os quartos, que foram inadvertidamente promettidos. Os veranistas que têm vindo de S. Paulo, depois da carta de V. Ex., vêm sem apartamentos. O hotel está cheio. Os annexos tambem. Os outros hoteis estão sem um aposento e V. Ex. sabe o que elles são. O proprio quarto dos fundos do Hotel da Empreza já foi cedido ao Sr. Matarano, de Coritiba. Previno a V. Ex. para não se abalancar a uma viagem incommoda. Logo que vague o primeiro quarto, telegrapharemos a V. Ex.—
Pela Empreza de Melhoramentos — *Pedro Clotonosk*, gerente do Hotel.

XVII

*De Stella Dovani a Mlle. Martha Dovani —
Sacré Coeur — Petropolis*

Minha santa — Has de estar assustada pela falta de cartas de tua mamã. Perdôa. Sabes bem que o meu unico pensamento é a minha filhinha do coração. A vida ainda tem uma porção de contingencia que nos separarão algum tempo. De Ribeirão Preto, onde finalizava o meu contrato, fui chamada a Poços de Caldas por dezoito dias. Era um offerecimento vantajoso. Com a Europa em guerra e o Rio sem theatros serios é melhor aproveitar as “estações” que pelo menos pagam regularmente. Fui recebida pelo publico de elite, a melhor sociedade do Rio e de S. Paulo, com o respeito e a admiração a que gente tão distincta me acostumou. Além de ser o grande numero constante do Polytheama, as principaes familias conseguiram que eu me fizesse ouvir nos chás dos principaes hoteis, que são dois. Assim triplico as vantagens do meu con-

trato e provavelmente terei uma festa artistica sem precisar passar os bilhetes. Aqui o clima é muito bom, o céu muito lindo e a mamã da filha querida vai passando graças a Deus com saude.

E tu? Bem? Muitos progressos? A tua carta recebida em Ribeirão e escripta em francez deu-me muita alegria. Aproveita. Prepara-te. Estuda. Ouve as irmãs e os seus bons conselhos. Ellas são tão dignas, tão doces, tão amigas! Quando voltar ao Rio, que ha de ser lá para o fim de abril, pedirei oito dias para estarmos juntas e conversarmos muito, muito. Tambem é só mais tres annos dessa separação. Depois, nunca mais nos deixaremos. A cantora vai só cantar para o seu coração, não é?

Pódes escrever para esta cidade. Uso aqui o mesmo nome que em Ribeirão. E' melhor. Tenho menos responsabilidade. E ninguem depois poderá dizer que para ganhar honradamente a vida e por falta de theatro Stella Dovani fez os theatros pequenos das estações d'agua... Adeus, meu thesouro. Pensa em mim. Reza pela tua mamã, anjo da minha alma, meu unico bem. Beijos. Beijos. Beijos. Deus te abençõe — *Stella.*

XVIII

*José Bento, secretario dos Oleps a Justiniano
Marques — Pensão Buckarest — S. Paulo*

Justi — Não tivesse eu familia e dois filhos da Olga, e mandaria ao diabo este serviço de secretario de *tourné*. Se conseguir terminá com algum lucro os Oleps, estou decidido a ficar no Rio e a viver do esforço da minha penna, embora mais modestamente. Meu irmão, que trabalheira! Esses “artistas” são peores que crianças pequenas e teimosas. Você sabe o Oleps? Parece que era barbeiro e dansava nos Fenianos maxixe. Num dos concursos carnavalescos que o Loló empresario arranjou no Recreio tirou o primeiro premio, dado por um jury de reporters camaradas do Loló. Depois, pouco depois, estava num club da rua do Passeio, dansarino da casa, com a ceia e dez mil réis por noite. Era melhor que a barbearia. No club dansavam as quatro russas virgens que um empresario abandonára no Rio com o tutor, um velho gordo, sempre com o chicote escondido no sobretudo.

As meninas russas de perna de fóra resistiram a todos os gabirús. A Natoucha, quando o Oleps não tinha par, aprendia com elle o maxixe. Oleps é magro e molle como uma minhoca. Usa unhas compridas. Inventou o maxixe serpente e o maxixe-treme-treme. Ao cabo de dois mezes Natoucha casou com Oleps. Elle diz sempre: “Minha senhora!” quando a ella se refere. E ella, que é de uma estupidez inacreditavel, quando fala d'elle diz “Meu senhorra”. No fundo, pensavam ambos fazer um bom negocio com o casamento e dessa opinião devia ter sido o tutor do chicote. Mas Natoucha é de uma honestidade de escrava e Oleps é de uma burrice de cavallo. Ao sair do club, que estava farto de aguentar a lua de mel, ninguém os quiz. Passaram fome, foram postos fóra de varias pensões sem pagar. Devem-me a mim, á minha intelligencia, ao meu trabalho — tudo!

Por pena delles deixei de auxiliar o Loló, de fazer as minhas revistas, para trazel-os por ahi. Sem a minha influencia teriam sido vaia-dos. Já pagaram todas as dividas. Oleps póde levar mesmo um saldo.

Aqui, além dos vencimentos magnificos — só dos vencimentos podem forrar uns oitenta dos quaes a metade é minha — arranjei-lhes sessenta mil réis para dar a cara como “faroés” na roleta. A situação é optima.

Mas sabe você a recompensa do meu esforço?

O Oleps, em vez de jogar de brincadeira, vendo se fica pelo menos com uns dez por dia, o Oleps joga de verdade, joga do delle. Acabados os sessenta, puxa do dinheiro ou pede-me. A principio ganhou. Mas ante-hontem perdeu trezentos e hontem duzentos. Fiz-lhe uma scena. O miseravel disse que o dinheiro era delle e que se eu não o désse, deixaria de dansar. Estou quasi a cortar. Haviam de ficar bem, os desgraçados! Só não o faço — porque me prejudicaria no momento, principalmente quanto as minhas relações aqui.

Ao de mais não são apenas essés os incomodos. Temos o André, o nosso conquistador. Com o peito empinado como o de um Perú, aquella cara de esbornia permanente está sempre a sorrir, a espera que as sultanas lhe atirem o lenço. E' decididamente maluco. Mas ha sultanas para tudo. No Polytheama, apesar dos sorrisos e dos olhares — parece que as senhoras da alta sociedade não querem desse genero. No resto, prendo-o eu, levando-o á realidade a cada instante. Obstarei o escandalo?

No elenco do Polytheama ha uma pequena magrinha e morphinomana, Ivette Rip, que veiu de Ribeirão Preto.

Canta como uma siringa. André impressionou-a. Anda em torno della. Não haveria mal nisso se não houvesse a acompanhá-la o coronel Titino Jurumenha, fazendeiro riquíssimo e caipira authentico. Tem cincoenta annos, é forte como um touro e ama, tambem como um touro, a pequena. Ainda o mez passado mandou o filho ao Rio para comprar “umas bichinhas” para a Ivette. As bichas custaram doze contos e o pequeno gastou mais vinte, tomando uma indigestão de Ivettes.

— Rapaziada, diz-me Titino. O rapaz tem p'ra gastar. Saiu ao pai. E' meu filho.

Porque o coronel é meu camarada. Tive que me fazer seu admirador para vêr se obsto a scena em perspectiva. Titino reparte-se entre Ivette e a roleta. Perde em ambas. Mas não se afasta nem de uma nem de outra e da Ivette tem um ciume de metter medo.

— Que especie de mocinho é esse seu André? indagou elle.

— Excellente rapaz, coronel. Filho de muito boa familia.

— Que familia?

— Do Dr. Miranda, proprietario de terras na Gavea.

— Ah! E está cantando?

— Rapaziada. Não vê o coronel que elle brigou com o pai...

— Elle parece que gosta muito das pequenas...

Depois dessa conversa, que eu communiquei logo ao Miranda, imagina o que elle faz? A' saída do Eden estava uma aranha para ir beber agua á fonte Quinze. A Ivette apparece só, si, tem vontade de aprender a guiar, e o Sr. Miranda vòu com ella estrada acima, nas minhas barbas!

O coronel ainda estava em cima, perdendo á roleta. Tive a esperança de que não soubesse nada, pois d'ali sairia para jantar no hotel. Tomei outra aranha e fui ao encalço do malandro e da typa. Mas, apesar de voltarmos os tres, eu no meio dos dois, para que o coronel não tivesse nem suspeitas, hontem no bar, antes de começar o espectaculo, Titino sentou-se á minha mesa com um ar carrancudo.

— Então deram o seu passeiosinho?

— E' verdade, coronel. Como D. Ivette quizesse aprender a guiar, não o quiz incomodar ao jogo, e demos uma volta. Entre collegas isso é commum.

— Você é um homem serio que não faz maluquice.

— Coronel, eu sou casado, com dois filhos menores. Depois, respeito muito o coronel.

— Mas foi com vocês aquelle mocinho atrevido.

— O André. Collega, o senhor sabe...

— Sim, esse. Olhe. Elle anda fazendo roda a Ivettinha. Ella é fraquinha. Eu não fico zangado com ella. Mas se elle não parar com o jogo, dou uma sova nelle...

E' esta, Justiniano, a perspectiva de exito da *troupe* em Poços: de um lado, a ruina no jogo, de outro, a sova do coronel com escandalo. Escrevo para desabafar enquanto os cachorros estão a fingir de artistas. Que sairá de tudo isto? Lembranças a todos — *Bento*.

XIX

De Theodomiro Pacheco a Godofredo de Alencar — Jockey-Club — Rio

Os extraordinarios conhecimentos que a vida me tem proporcionado nesta villegiatura de neurasthenia activa devem te ter feito rir. Os progressos são de tal fórmula alarmantes que não posso furtar-me ao desejo de t'os comunicar como um castigo para a minha passada inconsciencia, como um castigo para quantos egoisticamente ficam neurasthenicos, esquecendo o pobre drama da humanidade. Depois do caso amargo do caboclo Joaquim, resolvi não tomar banho no hotel, que varios medicos — por uma questão de lucta politico-commercial — consideram menos efficiente. Vou todas as manhãs a Macacos ou ás Thermas. Os banhos ahi são dados em antiquissimas banheiras de páo ou de cimento, cuja hygiene, se não fosse a agua sulfurica, deixaria muito a desejar. Mas ahi as horas do banho reúnem batalhões de todos os hoteis, dos va-

riados hotéis, pensões, hospedarias da cidade de cura. E eu tenho o prazer macabro de desilludir-me, de vêr a intimidade de uma porção de desconhecidos.

Não ha elegantes. Em Macacos predominam as mulheres donas de uma vida que denominam alegre. Nas Thermas, homens de trabalho que sobem a montanha por necessidade. A' tarde, quando vejo os cavalheiros bem vestidos, rindo nos passeios ou conversando nos salões da roleta; á noite, quando encontro, pintadas e estridentes, em torno das mesas de bac ou de campista, as damas — lembro-me das manhãs. Vês aquelle rapaz que dá gargalhadas? Foi retirado de uma banheira quasi morto. Vês aquella linda mulher, cheia de joias? Inteiramente perdida. Os consultorios dos medicos ligados ás Thermas lembram os theatros nos dias de enchente. Os facultativos mais praticos põem em fila os clientes do mesmo mal e ministram-lhes successivamente a mesma injecção. Horror! São arthriticos, rheumaticos, gafentos, ulcerados, avariados — o pobre mundo, o terrivel mundo...

Saio desses logares desanimado. Para que a vida? Por que esse amor á vida, esse appetite de mentira de existência sem saude, propagando o mal? Que prazer haverá em viver assim, parecendo são de corpo?

Ora, outro dia fui dar um passeio a pé,

com umas senhoras e uns cavalheiros. Era á tarde. Ia comnosco, de chile á banda e guarda-chuva debaixo do braço, o scientista Dr. Polydoro.

As senhoras, de vestidos claros e rendados, arvoravam, na ensolada poeira de Caldas, sombrinhas de cores vivas; os homens estavam de roupas leves, com as abas dos panamás rebatidas, os sapatos brancos cobertos de pó da estrada, e o bando evoluira assim, de parada em parada, entre risos e phrases feitas para os risos.

De repente, Polydoro pára, e Polydoro diz:

— Querem os senhores coroar esta passeata com a visão do Terrivel?

Nos olhos das senhoras houve uma luz de curiosidade. As senhoras são bondosamente perversas. Ha mais crueldade num coração de dama caridosa que na mais feroz alma de *apache*. Os homens ficaram indifferentes, salvo o alegre coronel Pereira, que ainda mais alegre ficou.

— Pois vamos a vêr essa visão terrivel!

E instinctivamente acompanharamos o cavalheiro cruel até a porta de uma cabana. Ahi o bando parou.

— Os senhores entram, instruiu o revelador da grande sensação, como um empresario preparando os applausos para o spectaculo; os senhores entram, dão á netinha que della

cuida qualquer coisa e tenham um ar triste. Ella fala pouco e aceita esmolos.

— Ella, quem?

— A velha, homem, a minha visão, a tia Rita. Uma mulher, que ha vinte annos não se move e até hoje espera a cura na mesma posição! Um espectáculo horrivel! Entrem...

Pela redolencia verde escura das curvas das cochillas, a tarde desfazia em reflexos de nacar e de madreperola. Um carro de bois passava, lento, o chiar aspero das rodas arrastado por oito juntas de ruminantes magros. Entrámos, acostumando os olhos ao novo ambiente e distinguindo aos poucos, entre as quatro paredes de barro e madeira enquadrada, um fogão de tijolo ao fundo, um oratorio com a Senhora da Conceição, uma pequena mesa e dois surrões de couro. Do monte de cascas de milho que enchia o meio da sala surgiu, á nossa entrada, a figurinha magra de uma menina. Ardiam-lhe os olhos como se tivesse febre. Olhou-nos, sorriu, mettu as mãos no casabeque e bradou:

— Vóvó, gente!...

E correu para um dos surrões.

Os nossos olhos distinguiram então a visão que o cavalheiro nos quizera impôr. Era uma velha macrobia. O rheumatismo tinha, como um polvo, manietado por completo a pobre.

Lentamente, a pouco e pouco, pegara-a pelas extremidades, deformando-lhe a principio as mãos, depois os braços, depois as espaduas, depois o pescoço, para, finalmente, grillhetear-lhe os membros inferiores. Ella estava sentada, isto é, um unico pedaço da magra anca indolorida sentava no surrão. O pescoço voltava-se sempre para o poente; os cabellos empastados e em desordem coroavam-lhe a face livida, invadida nas palpebras pesadas, pelos xanthemias da velhice; os olhos guardavam como um fugitivo fulgor, e a respiração offegante mostrava-lhe na pelle secca da garganta o bater descompassado das arterias. Uma das suas mãos tinha os dedos todos voltados para cima, emquanto na outra cada nodosidade das phalanges tomava um geito diverso — de modo que toda a mão deformada lembrava a curva rebentada de uma garra numa suprema contracção. Mas essa mão, assim torcida, era ainda mais horrenda, era como se tivesse saído de um brazeiro. Tomava-a por inteiro uma vermelhidão sanguinolenta, em que as empolas de dimensões estranhas se encadeavam braço acima, guardando um liquido viscoso e purulento, que em umas escorria murchando e enrugando a pelle e em outras tumescia com brilhos baços. Entre os dedos, que a ankylose abria naquelle perpetuo gesto esphacelado, as empolas cresciam do tamanho de nozes, e al-

gumas abrindo purulavam, deixando vêr a nauseante epiderme.

A pobre mulher tinha uma perna estendida e meio núa. Era de uma côr amarela, com uma série de placas corneas e negras de varios feitios; e essas placas, salientes, atrozes, pareciam ligadas por finas arborizações que se alastravam sob a pelle, numa delirante hypertrophia papillar.

Era assustador. Parecia que todas as pragas, todos os castigos do céu, todas as inclemencias da natureza, haviam desabado sobre a misera velha em pustulas e anquiloses num colossal martyrio de vinte annos.

Diante daquelle espectaculo, entretanto, dois sentimentos apenas floriavam nos nossos bellos corações: — o nojo e o vago terror fatalista de que talvez viessemos a soffrer a mesma coisa. As senhoras, murmurando phrases de pena, que eram como o esconjuro contra o mal, foram dando á pequena notas de banco que a mãosinha ávida logo fazia desaparecer; os homens consultavam a algibeira, convencidos de que para toda aquella tragedia o dinheiro era um balsamo de primeira ordem...

Foi então que o Polydoro deu á voz um tom meigo e indagou:

— Como vai tia Rita?

— Mal, meu senhor, mal... Eu soffro muito.

— Isso ha de passar. Não ha mal que sempre dure... Nós somos da cidade, nós somos banhistas. Viemos fazer-lhe uma visita, ouviu?

— Ouvi, sim, meu senhor...

— E eu aqui falo em nome das senhoras. Que deseja a tia Rita?

Diga, vamos... Terá tudo quanto desejar...

Houve um silencio. Duas lagrimas rolavam pelas faces tragicas.

— Diga, insistiu o sujeito. Qual o seu maior desejo? Já lhe disse que terá tudo quanto quizer — dinheiro, uma casa, medicos, tudo, tudo... Estas senhoras são as fadas do bem.

De novo o silencio caiu como chumbo. A mão entumescida da velha parecia sair das chammas num desesperado appello, e pelas suas faces magras outras lagrimas rolavam.

Aquillo virava numa farça demasiado lugubre. Um travo de angustia já me seccava a garganta.

— Está zangada, tia Rita? Fale. Todos nós temos no intimo d'alma um grande desejo, cuja realização julgamos ser a suprema ventura.

Diga o seu.

A velha voltou para elle o olhar — um olhar inexprimivel, profundo, terrivel.

— O meu desejo, meu senhor, o que eu mais quero no mundo? Ninguém daqui me póde dar. Só Deus — Deus e Nossa Senhora!

— Ah! já sei, é a saude.

— Não é. Deus quiz que eu ficasse assim, mas eu ainda escuto, eu ainda falo, eu ainda vejo os meus bons senhores e estas senhoras bonitas. Deus é bom...

Um estranho sentimento nos apertava o coração. A velha começava a impressionar.

— Mas então, com a breca, tornou o sujeito, curioso e indifferente, então que é?

— O meu desejo... V. S. quer saber o meu desejo?

E, de repente, num soluço que lhe levantou o magro peito e lhe deu á face uma contracção convulsa de dôr, num soluço em que me pareceu vêr a ancia de toda a humanidade soffredora, e esse mysterioso e potente sentimento que amarra á existencia o soffrimento: num soluço que era um mundo:

— Só Deus.. eu quero viver!

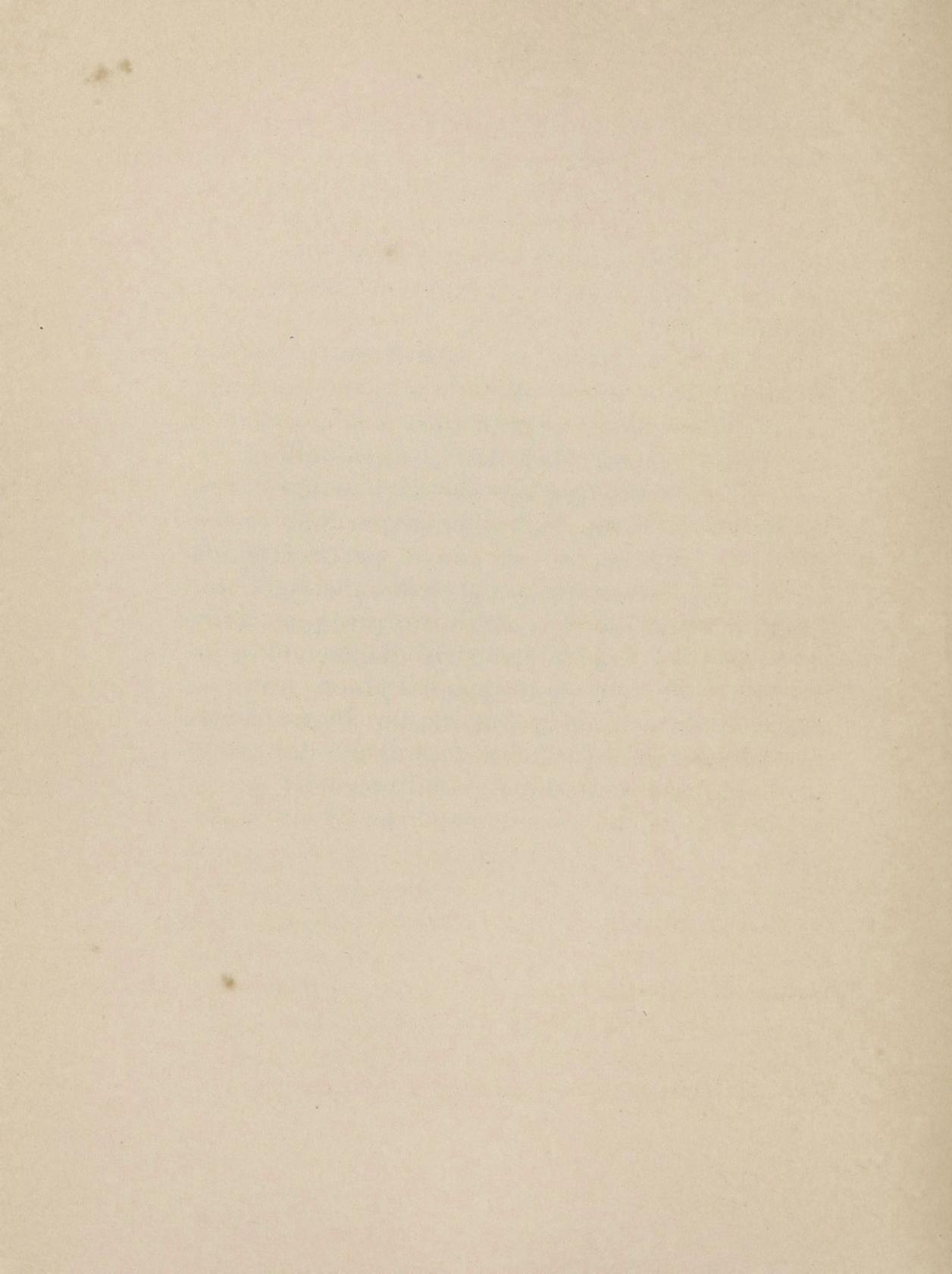
— Mesmo assim, tia Rita?

— Mesmo assim... eu tenho medo de morrer! eu quero viver! viver... viver... mais... mais... mais!

Aquella velha, entrevada quatro lustros, coberta de dermatoses flagelladoras, offegante, com setenta annos, sem esperanças, sem alegrias, sob a inclemencia horrida da fatali-

dade, temia a morte, queria viver mais!... Todos nós estávamos frios, angustiados. As senhoras foram saindo em primeiro logar sem dizer palavra. Na miseravel cabana as saias de seda faziam, sob as rendas leves dos vestidos, um “ruge-ruge” discreto. Os homens não podiam falar.

Tia Rita ficou só, silenciosa, immovel como ha vinte annos, olhando a porta, por onde partia toda aquella gente que andava; ficou só, velha gasta, flagellada, agarrando-se á escarpa da vida, que lhe não dera senão dores. E, fóra, em torno, como para perdoar o seu desejo tremendo, no ar suave, perfumado de odores sylvestres, na preguiçosa nostalgia daquelle crepusculo de cadmiun e prata, estriado das luzes de que a electricidade coagulara a vida, a natureza cantava um hymno, que era um segredo e uma apothese, um hymno excitante como uma fanfarra, enlanguecedor como o abemolado som de um violino ao longe — a unica, a deliciosa, a suprema ventura de viver...



De Anthero Pedreira á Sra. D. Lucia Goldschmidt de Rezende — Petropolis

E' espantoso que não tenha recebido cartas minhas. Antes do mais, era impossivel esquecer-a. Depois, os assumptos são tantos em Poços, que irresistivelmente, mesmo não desejando escrever cartas, eu escreveria folhetins. Foi o que fiz. A esta hora, de certo, o correio já se cansou de reter as cartas e a minha illustre amiga terá visto como foi injusta e como está esta estação de cura interessante com a ameaça de dois casamentos, ambos inacreditaveis: o da estouvada Iris Lessa com Flavio de Mendonça e o do estouvadissimo Oliverio Gomes com a Olga Luz! Sim! Realizou-se, ou antes, realiza-se aquillo de que ainda tinha duvidas na minha ultima narrativa. Guiado por Dona Maria de Albuquerque, protegido escandalosamente pela velha Mlle. Hobereau, visto com infinita complacencia pela marquezia Justina, Oliverio está prestes a ganhar o grande premio

Olga; e, o que é mais, com uma quasi paixão de Olga.

O acontecimento decidiu-se favoravelmente nestes ultimos oito dias, depois do passeio a cavallo á caixa d'agua. Oliverio fez o jogo do desaparecimento. Estava sempre nos seus apartamentos a escrever. Devo, a bem da verdade, dizer que o peguei uma noite no corredor, conversando baixo com a dama de companhia e que esse colloquio tem uma alta significação como carta para o *royal flech* matrimonial. As reuniões no salão sem Oliverio, apesar da conversa do Severo da Gama, tinham um ar morno; a roleta familiar e os tangos sem a alegria de Oliverio falhavam; e, quanto a passeios, seriam um verdadeiro desastre sem Oliverio. O caso é que sempre, á ultima hora, D. Maria diz:

— Falta-nos o Oliverio!

E as senhoras mandam-no chamar.

Oliverio vem aborrecido, brilha e some-se.

Imagine, D. Lucia, a cara dos outros rapazes! Elles, aliás, são de uma estupidez commovente. Para afastar o rival, falam mal d'elle á marqueza Justina e a Olga. Resultado: afundam de todo, porque, amparado pelas senhoras, Oliverio só diz bem delles e mostra um desprendimento fascinador. Ha nada mais fascinador para as mulheres que o desprendimento?

Hontem fazia luar, o celebre luar de Poços, de uma doçura de lirios diluidos. Tíhamos ido ver, numa tasca proxima, o italiano Giuseppe, homem que come mais do que dez homens, e o Fontoura lembrou um passeio até o Posto Zootechnico. Fomos em automoveis por uma estrada phenomenalmente má. Procurado, Oliverio não se fizera encontrado. Quando, porém, chegámos ao Posto Zootechnico, que encontrámos nós? miss Wright, a criada de miss Wright, o Pedrinho gerente, o Oliverio Gomes, saudando o luar com champagne gelada.

Vejo o seu espanto diante de um Posto Zootechnico, transformado em centro de convoscottes nocturnos. E', entretanto, a simples realidade. Sabe D. Lucia o horror dos ministros da agricultura não só pelos seus antecessores, como pela industria pastoril e creio mesmo que pela agricultura. A maioria dos postos zootechnicos são admiraveis villas espalhadas pelo Brasil, sem exemplares nem de funcionarios. O de Poços é um palacio a beira de um lago. O prefeito cedeu-o a um exquisito hespanhol, calvo, magro como um arenque, viajado, polyglota, casado e vagamente poeta decadente. O hespanhol chama-se Espronceda Benavente, e se diz parente de todos os Espronceda e os Benavente celebres. Trata, por isso, todos por tu, fala muito, canta cançone-

tas, repete os *cabaretiers* da Place Pigalle, é vertiginoso. Assim vertiginosamente estabeleceu o lar no andar de cima e fez em baixo e nos parques um botequim permanente, onde pela manhã ha vaccas leiteiras como no Pré Catalan, custando o copo de leite quatro tostões e á noite cerveja e champagne, por preços ainda mais imprevistos que o do copo de leite.

— *Quel honneur, prince!* cacareja Espronceda Benavente, ao ver as damas em “toilette” e os homens de smoking. *Et vous belles princesses! All right!*

Depois dispara a tutratar a todos. Severo da Gama não o póde ver.

Assim, quando saltámos dos heroicos automoveis (que passando sobre os mil tropeços da estrada, mais parecem os *tanks* ingleses), Espronceda Benavente logo gritou:

— *C'est le rendez-vous des perles ce soir! On a les gens comme il faut! Toi marquise, viens que je te montre le diplomate Oliverio et sa compagnie!*

Esse hespanhol fala só francez. Eu não tenho o habito do hespanhol. Mas só encontro uma palavra para definir o momento em que os dois grupos se encontram: — *Tableau!*

Não que houvesse duvidas quanto a miss Wright. Miss Wright é uma joven ardente, extremamente moderna. A opinião de Iris Lessa a

este respeito é ponderavel, como a de Pedrinho. Precisamente estava Pedrinho acanhado pela presença de nenuphar passado de D. Maria. Mas o que era evidente e doloroso para o nosso grupo tão fechado e que tanto festeja Oliverio, era que Oliverio do nosso grupo fugia, preferindo o genrente, e a pequena ingleza, á D. Maria, á marquezia Justina, á Olga!

— Isso se faz? indagou D. Maria, sem ver Pedrinho, cada vez mais gerente e mais menino lindo diante do luzido grupo. Andamos á sua procura, Oliverio!

Oliverio estava imperturbavel.

— Nunca pensei que admirassem o luar! O luar hoje só é sentido pelos simples como Pedrinho, que não o vêem, pelos praticos que o interpretam como Gladys e pelos silenciosos como a dama de companhia de Gladys.

— Quem lhe disse que eu não compreendo o luar? indagou tremula a doce Olga.

— Tambem não sabia que o comprehendia.

— Você é um bandoleiro! fez, radiante de belleza, a marquezia Justina.

— Offereça-nos champagne, ao menos! riu D. Maria.

Lembrança retardada. Com um exagero, desta vez nada francez, mas visceralmente castelhano, Espronceda Benavente já abrira varias garrafas desse vinho, que, como todas as coisas

boas, dá muito prazer no momento e faz muito mal muito tempo. Sobre as arvores, recamando as colinas, abrindo no espaço o extase azul da luz, ligando céu e terra no mesmo espasmo, o luar esplendia. E o grande silencio era apenas tocado pelas vozes dos animaes da noite. Bebemos, assim, em silencio, em libações á Artemis, — a unica deusa virgem, que, aliás, amou em sonho Eudymião. Depois, D. Maria disse:

— Mas, quantas aves por estas brenhas!

— Não são aves, são sapos, explicou Pedrinho. Estão no lago. Ha os que coaxam como tambor, ha os que piam, ha os que têm a voz de marrecos, ha os que parecem passaros. Poços é celebre pela variedade de sapos. Um sabio allemão, que esteve aqui o anno passado...

— Um allemão?

— Elle dizia-se suiso, depois da guerra. Pois esse sabio conseguiu graphar vinte e dois coaxos differentes de differentes sapos... As senhoras d'aqui não ouvem bem.

— *Allons au lac!* bradou Espronceda.

— Mostre-me um desses animaes. Pedrinho.

Descemos, então, a alameda que ia dar ao lago. A' procura do sapo... Devo dizer que Iris Lessa procurava o sapo com o Flavio de Mendonça e D. Maria seguia o gerente mais bonito pelo luar e pelo champagne que o São

Sebastião de Guercino. Devo dizer que Miss Wright (conhecedora do local) exigiu que eu a acompanhasse até uma ribanceira onde podíamos ver *the toad leap in water*. Foi tudo quanto ha de mais innocente. Não veja Dona Lucia os sapos de Poços querendo parecer bois, como a rã de Lafontaine... Entro neste detalhe para consignar a minha ignorancia quanto á formação dos outros grupos para ouvir o coral wagneriano da variedade batrachia no inaudito Posto Zootechnico de Poços.

Com quem teria ouvido os sapos Severo da Gama? E' inutil indagar. *No lo se*. Sei apenas que, uma hora depois, quando voltámos ao hotel, Olga Luz tinha a physionomia tragica. Fiquei com a certeza de que, com a sua belleza e a sua alma encantadora, tinha sido ella o unico sapo da noite, definitivamente engulido pela serpente. E é outra coisa o mundo senão um côro infindavel de sapos martelando coaxos para illudir a tentação de algumas serpentes? Até o proximo correio — *Anthero*.

XXI

*De Olga Luz a Guiomar Pereira — Avenida
Paulista — S. Paulo*

Gui — Antes de falar a outras, mesmo antes de dizer á mamã, quero escrever-te, quero desabafar. Venho agora de um passeio ao Posto Zootechnico, que tem uma infinidade de sapos. Fazia luar. Faz um esplendido luar, desses luares que choram sobre a terra. Loucura, *Gui!* Loucura! Conte-te a impressão causada aqui em todos pelo diplomata Oliverio Gomes, filho do senador Gomes. E' uma creatura differente de todas as outras, que não me fazia a côrte, que não quer casar. Quanto me sentia irritada pela avidez dos pretendentes, quanto me fez mal a sua boa camaradagem, sem pretensões de galanteio. Eu, Olga da Luz, eu, que tu conheces, desejei curval-o. Não me perguntes como, porque. O ambiente sensual da serra, todos`a me falarem delle, elle sem me dar importancia...

Não sei! Não sei! E ha pouco, ao luar, num logar ermo, a tomar champagne, deu-me uma colera, uma agonia. Não me contive. Exprobrei-lhe a sua preocupação de fugir-me. E tenho bem vivas as suas palavras:

— Que deseja do raro camarada? Quer que lhe declare paixão? Com que fim? Realmente. Evito-a. Evito-a não só porque não quero casar, como não desejo ver humilhado o meu sentimento. Você é boa, é intelligente. Poupei-me. Se a minha presença a incommoda, parto amanhã. Porque, afinal, estamos representando ou o *Romance de um moço pobre*, ou a *Princeza dos dollars!*

Máo! Cruel! Cruel! Não me contive. Desatei em pranto. Então elle pediu-me perdão com a voz terna, tão terna que parecia mel, ajoelhou-se, disse que me evitava exactamente porque eu era *outra coisa irresistivel* e que era preciso resistir, que talvez me amasse, mas...

Mas, ama-me! Sim! Eu não sou uma ingenua! Conheço-os bem, os caçadores deste meu dote, que odeio com horror! Sei o mal que o meu dinheiro faz ao sentimento. Não o amo ainda a elle, mas sei que é tambem *outra coisa*, que não quer o meu dinheiro, que me aprecia a mim, por mim, com a sua intelligencia, o seu conhecimento.

Amanhã digo a mamã. Devo estar quasi noiva, alliviada de pretendentes. Creio que

nenhum dos meus intimos é contra Oliverio.
E estou contente, estou triste, estou nervosa.
Estou com a angustia de que ainda nada seja
senão um sonho do luar, minha *Gui*, um sonho
da pobre — *Olga*.

XXII

*De Oliverio Gomes a S. Ex. o senador Pereira
Gomes — Rua Conde de Bomfim — Ur-
gente — Rio*

Meu pai — Devo, desde o começo, tranquilizal-o, dando-lhe uma noticia alegre: o telegramma que acabei de lhe enviar, telegramma urgente que custou ao barbeiro do hotel a miseravel quantia de cincoenta e dois mil réis, deve ser o ultimo que lhe enviarei pedindo dinheiro. Se nesse telegramma citei algumas pessoas que estão em Poços e são nossas amigas, é para que o senador meu pai possa se informar da veracidade dos acontecimentos. Tenho a certeza de que, antes de lêr esta, já terá indagado e já terá providenciado para que eu receba aqui com urgencia uma somma decente.

Se o facto não decidisse da minha feliz carreira, não explicaria o telegramma por carta. Nada mais inutil do que escrever cartas, e eu não perco tempo com essa invenção das mãis de familia, como Mme. de Sevigné.

Trata-se do seguinte:

Graças á minha intelligencia, consegui impressionar vivamente Olga da Luz, filha do defunto millionario Luz, marquez do Santo Sepulchro. Ao contrario de todos os grandes dotes, Olga é bonita, intelligente e quer ser amada por um homem excepcional. Resistiu aos pretendentes, e eu não posso resistir a ella, apesar de ser considerado tão mal pelo meu excellente pai. Caso. Amanhã serei apresentado quasi officialmente. Em chegando a São Paulo, dentro de quinze dias, espero-o para fazer o pedido.

Ajudou-me muito nisso D. Maria de Albuquerque.

Agora, o reverso.

Para fazer o homem de bem, dei varios almoços e ceias e pique-niques. Os vencimentos de 2º secretario, recebidos em papel, que não póde ser moeda e a somma que o senhor me deu voaram. Devo tudo. Devo ao barbeiro (homem extraordinariamente abonado!) devo ao gerente do hotel, com quem sou forçado a dar passeios para captar-lhe a admiração. Devo mais que D. Pablo Urtigas, o homem mais impagavel do orbe.

E devo, principalmente, não lhe mentir.

E' necessario retirar-me dignamente, como futuro chefe de uma grande fortuna. Comprehenderá que não posso gastar esse di-

nheiro em pandegas. A situação inibe-me. Peço, pois, a urgencia desse dinheiro — pelo menos seis contos. Beija-lhe a mão o seu filho glorioso Loló, na intimidade, mas o proximo ministro em Paris, S. Ex. o Dr. *Oliverio de Pereira Gomes*,

XXIII

De D. Maria de Albuquerque a S. Ex. o senador Pereira Gomes — Rua Conde de Bomfim — Rio.

Senhor senador — Respondi ao seu telegramma confidencial, como era de meu dever responder. Realmente, o nosso querido Oliverio vai-nos dar o prazer de deixar a vida juvenil pela segurança do matrimonio. A fada que o transformou é Olga Luz, criança que eu quasi vi nascer, flor de encanto, filha da minha amiga Justina da Luz. O meu telegramma em resposta ao seu é a expressão da verdade.

Respondendo á sua carta agora, agradeço muito as expressões de amisade que commoveram o meu coração. Sabe o meu affecto por Oliverio. E' de justiça dizer que a belleza do futuro enlace vem de mutua inclinação dos dois jovens, não impellidos por nenhum desses sentimentos subalternos que tanto enfeiam os casamentos da primeira Republica. Oliverio

regenera-se pelo amor. Olga, amará sem pensar nos embaraços que aos sentimentos sinceros traz a vil pecunia. Ainda uma vez grata á sua confiança — *Maria de Albuquerque.*

XXIV

*De Jacques Fontoura a Jorge Pedra — Auto-
movel-Club — S. Paulo*

Meu caro Jorge — Nestes ultimos dias da “grande semana” de Poços só penso no nosso projectado passeio ao Paranapanema. Estou muito pouco mundano e convencido de que o melhor é fazer o que fizeram vocês: recorrer á terra. Para V. que sabe das razões da minha vinda a Poços — o meu desejo é uma confirmação de derrota. Sim! Derrota. Mas que derrota! Olga não teve por nós paulistas senão um ar impertinente. Nenhum dos filhos de familias importantes de S. Paulo conseguiu impressionar essa pretensiosa. E, comtudo, Olga foi vencida, vai casar, está pedida quasi!...

Não se admire. E’ um secretario de legação, o Oliverio Gomes, do Rio de Janeiro. V. deve conhecê-lo daquella ceia *chez Sanches*, em que elle mandou a conta para o pai pagar. E’ um “prompto” que gasta como os mais ricos

e vive uma vida por isso mesmo doida. Jámais, porém, vi um tal *aplomb*, um topete comparavel e laços de gravata tão bem dados. Elle assegura que foi o principe Fieschi, em Roma, que lhe revelou o segredo do *Petit-noeud*. E assim reduziu Olga e toda a *banda* snob a contar mentiras.

Os mais praticos na mocidade veranista abandonaram a menina rica. Flavio Mendonça está mesmo compromettido com outra, a Iris Lessa. Eu não penso no impossivel da concurrencia, tanto mais quanto Oliverio Gomes organizou um vasto *complot* feminino, em que entram D. Maria de Albuquerque — essa terrivel velha diplomata, e Mlle. Hobereau. Como vencer? — Não sei o contrato de D. Maria com Oliverio. Mas tenho a certeza de que um mez depois do casamento Mlle. Hobereau receberá um cheque de cem contos de réis em paga dos seus bons serviços de catechização.

Como vencer? repito.

Fomos todos uns idiotas pela pretensão. Um neurasthenico, o Theodomiro Pacheco, assegurou-me que os paulistas têm tanto de invenciveis e intelligentes juntos como de pretensiosos e incapazes separados. Não comprehendí bem; mas dou-lhe razão. Se tivéssemos tido tino pelo menos uma fortuna como a de Olga não sairia de S. Paulo, e logo para as mãos de um carioca tagarela!

Depois de derrotados, entretanto, só o Gomide não se conformou. Elle sabe que o Oliverio Gomes tem, ha dois annos, um *crampon* escandaloso, a andaluza Pura Villar. Pura toma cocaina e soffre da doença do ciume. Neste momento, Oliverio conseguiu que ella ficasse em S. Paulo, na casa da Bianca.

Ora, é positivo que nem D. Maria, nem Mlle. Hobereau, nem Oliverio communicaram a Olga essa *liaison* pouco decente de Oliverio. Gomide acha que um grande escandalo entre Pura e Oliverio impediria o casamento, porque Olga não tem paixão por ninguem e é só a pretensão de ser amada por um *homem superior* que a leva ao despropósito do casamento.

D'ahi lembrar-se de um golpe. Escreveu uma carta anonyma a Pura, excitando-lhe o ciume, dizendo que Oliverio a abandona para viver na orgia de Poços, com outra amante. "Se quizer ver, vá a Poços já", dizia a carta. Gomide conta que, ao receber a carta, Pura, com a sua furia andaluza, tome o trem e chegue a Poços vinte e quatro horas depois. Para não ter responsabilidades mandou pôr a carta no correio em Campinas, pelo agente-viajante do Hotel do Globo. Não é nenhum de nós, mas tambem não é Oliverio!

Que lhe parece o plano?

Fatalmente, Oliverio não tem tempo de

convencer Pura e tem de passar com ella á vista para impedir o escandalo. Poços, porém, é muito pequeno e um noivo não se abstem de apparecer sem que deixem de dizer á noiva o que elle faz. Como é difficil abandonar uma hespanhola no dia em que ella chega, cheia de ciumes, sem complicar definitivamente a situação. Gomide espera o desastre. Satanico, hein? E não nos lembrarmos disse logo no começo, divididos por uma rivalidade estúpida, em vez da defesa financeira de S. Paulo!

Em todo o caso, é o fim. O grande dote não será nosso. Mas é preciso matar o Oliverio. E o nosso medo é que a Pura não esteja mais na Bianca, ou esteja doente, ou não seja hespanhola e *detraquée*. Porque, se Oliverio consegue salvar-se da Pura, em Poços — é o vencedor!

Até breve, para conversarmos longamente. Esta historia de escrever faz-me dor de cabeça. Sou muito mais homem de acção. De V., com estima — *Fontoura*.

XXV

De José Bento, secretario dos Oleps, a Justiano Marques — Pensão Buckarest — S. Paulo

Meu caro Justi — Que topete o desse disfarçado tratante do cantor-cabaretier Miranda! Acabo de ler a tua carta, em que me contas tel-o encontrado em S. Paulo, dizendo que deixara a *tournee* por não lhe pagarmos! Patife! Nunca, na sua vida, salvo quando tem mulheres que marcham, ganhou tanto como comosco! Fazia trinta e cinco por dia, e mais quarenta para “farolar”. Quasi o que ganham os deputados. Não temos culpa que, com os habitos de *gigolô* e a mania de ser homem *chic* conquistador, esse pulha ponha o dinheiro fóra. Nos dias em que trabalhou cá, onde chegou na miseria, abandonado pela Ibaniaia, alugou um cavallo e um pagem para passear as manhãs. Só ahi vinte mil réis diarios. Depois, na casa da Aureliana, onde se hospedou, man-

dava abrir vinhos ao jantar. Elle me disse varias vezes que precisava *se remonter*, e que era assim em Paris, para apanhar as *cocottes* com “arame”. Aqui falhou completamente o plano. As mulheres são “escovadissimas”. Apenas a Ivette é que se deixava namorar.

Foi, aliás, Ivette a causa da partida desse senhor. Não sei se te recordas da ultima carta em que te expuz as minhas colisões entre o namoro de André com Ivette e o ciume truculento do coronel Titino, um homem bom e selvagem ao mesmo tempo. Quando o coronel desconfiou, não houve meio de se tirar mais do pé da Ivette. Ia mesmo para os ensaios, e dizia, o engraçado é que dizia a Ivette:

— Tu me enganas com o cantorsinho, e eu quebro as costellas delle!

— Coronel, na sua posição, um escandalo?

— Qual escandalo? Escandalo é esse mocinho me querer fazer de tolo. Eu não conheço elle. Como é que hei de pagar para elle?

Era logico. Ivette achou no caso uma diversão e excitava o André. André, por sua vez, com aquelle peitão, não queria fazer feio. Imitava a voz do coronel, fazia signaes a Ivette. Um inferno. E eu no meio para impedir o choque, tendo ainda que correr aos Oleps, para não os ver torrar mesmo as pernas na roleta. Graças a Deus, o coronel, tendo sympathizado commigo, continha-se.

Ha quatro dias, acabara eu de tomar chá no Eden, quando o coronel Titino veio a mim:

— Você não disse que aquillo do cantor com a Ivette era de collega?

— Pareceu-me, coronel.

— Leia isso. Peguei isso na bolsa de Ivette.

Era uma carta de André em francez, com certeza macaroni, que começava assim: Ivette, *mon petit amour*. Não ha quem não comprehenda o que vem a ser *mon petit amour*, mesmo não sabendo francez. O coronel não sabe francez mas tem seis mezes de Ivette. Comprehendeu. Comprehendera. Vi que só tinha uma solução: sacrificar o mal agradecido do André.

— Coronel, faço o que o senhor quizer. Mando esse incorrecto embora.

— Não, rapaz. Quem resolve os meus negocios sou eu mesmo. Mostrei a carta porque você parece sério e estava enganado com esse sujeitinho, que não me cheirava.

Que fazer? Prevenir o André? Estava farto de o prevenir. Era de mais. Fui jantar. Não me lembrei mais do caso. A's 7 horas estava no bar do Polytheama, pensando na vida, quando entrou o coronel Titino, os olhos chispando, a saliva fazendo espuma nos cantos da boca.

— Arranjei o seu bonitinho.

— Que? Como?

— Acabo de dar umas lambadas nelle, ali perto da Prefeitura.

— Coronel!

— Não me fale. Se não fosse você, eu matava elle a relho... Diga isso mesmo! Diga isso mesmo!

E atravessou o theatro, mergulhou no corredor do Grande Hotel. Fiquei afflictissimo, porque o André podia falhar o programma e eu ter de pagar a multa. Mas ao mesmo tempo contentissimo. Se todos fizessem como o coronel, patifes da laia do Miranda existiriam menos. Nesse estado d'alma fui a porta do bar, saí, andei até a Prefeitura, voltei até ao mercado. E ahi por traz de uma arvore, perto da ponte, ouvi que me chamavam.

Era o André.

— Os bandidos? Os bandidos?

— Que bandidos?

Estava com o sobretudo sem manga, a gravata branca de lado, o peitilho da casaca sem botão, a cara com uma vergastada.

— Não sabes? O miseravel Titino esperou-me com cinco bandidos ali, na Prefeitura. Deram-me uma sóva. Não pude reagir. Todos armados de cacete. Fugi. Estava esperando alguém para te mandar dizer que não canto mais.

— Hoje pelo menos tens de cantar. Depois falarei com o Alberto.

— Não posso ficar aqui. O canalha mata-

me. Não tenho segurança. Esta terra não tem soldados, não tem garantias. O cachorro é rico. Estou impossibilitado.

— Que te dizia eu?

— Ah! Mas não penses que levará a melhor! A Ivette é minha; já lh'os preguei. E, se o encontro no Rio pelo carnaval, bebo-lhe o sangue.

Sabes bem que o André não bebe nem agua nem sangue. Quanto a dizer que a Ivette, etc., só se foi ao lado do coronel. Acompanhei o pobre diabo, que receava uma desfeita, até o theatro, fui empenhar-me com o Titino para não mais o aggre-dir, tive de pedir ao empresario o rompimento do contrato, expondo, humilhado, as causas. Arnaldo é amigo de Titino. Passei a noite ao lado do *cabaratier montmartrois*, que temia ver apparecer, no Eden, Titino com os sicarios. E, ainda pela manhã, depois de lhe dar dinheiro para a passagem, levei-o até a estação! André Miranda deu-me trabalho, deu-me prejuizos de dinheiro, portou-se como um canalha. Essa é a verdade. Não me espanta, pois, que me tenha calumniado. Mercê de Deus, sou pobre, sim, mas honrado. Se eu não fosse tolo, já teria deixado esta corja de artistas e cavalgadas da ordem dos Oleps — que, se ainda vivem, é graças a mim.

Estarei em S. Paulo esta semana. O contrato dos Oleps termina domingo — *Bento*.

XXVI

*De José Bento, secretario dos Oleps, ao coronel
Joaquim Jurumenha, DD. capitalista —
Grande Hotel — Urgente*

HOTEL DO SUL — *Exmo. Sr. coronel.* Respeitosos cumprimentos — Coronel. Não escreveria estas linhas, se não fosse o acanhamento e se a minha amarga situação a isso não me fôrçasse. O coronel tem feito o favor de me dispensar a sua amisade e, no pouco tempo em que quasi vivemos juntos, sabe o meu esforço honesto e serio, sempre para manter a minha familia — mulher, duas filhas, tres irmãs e mãe ainda viva. Não ha vida mais cheia de dissabores que esta de aturar artistas. O senhor tem visto o meu soffrimento e as minhas desillusões. Com a bolsa avariada pela loucura de Oleps, que joga tudo e não dança, se eu não lhe der o dinheiro para o jogo — tive ainda de arranjar 600\$ (seiscentos mil réis), que me exigia aquelle ordinario do cantor André Miranda para se ir embora. Vi bem que esse miseravel pretendia fazer escandalo, dando queixa

á policia e aos jornaes de S. Paulo, de que V. S. o atacara com um grupo de sicarios. Para cortar o mal, dar-lhe-hia a camisa do corpo. Felizmente, elle partiu. Mas, com o contrato dos Oleps terminado, muito cheio de dividas, sem dinheiro, recorro á bondade do Sr. coronel para me salvar. Assim, pediria a V. S. que me emprestasse por um mez a quantia de réis 2:000\$ (dois contos de réis), para pagar o que devemos e nos transportarmos a Santos, de onde, se formos felizes, logo o reembolsarei. Sou dos que consideram as dividas sagradas.

Desde já agradeço a V. S. o seu bom coração. E, mesmo que não me queira salvar (o que não espero), peço que me considere seu servidor muito obrigado — *José Bento*.

P. S. — O portador, que é de confiança, espera a resposta do Sr. coronel ao seu afflicto e desesperado criado

XXVII

*De Theodomiro Pacheco a Godofredo de
Alencar — Jockey-Club — Rio*

Estou decididamente muito melhor. A cura da neurasthenia é insensível. Podemos, entretanto, ter a certeza da nossa melhora, quando tornamos a supportar sem grande enfado aquillo que mais nos aborrecia. Ora, ao vir para Caldas, aborrecia-me antes do mais o convívio da minha sociedade; e hoje passei o dia e a noite observando e rindo nessa mesma sociedade. Ha prova mais cabal? Será do banho? Será do máo tratamento no hotel? Será da immensa desgraça já vista e sempre lição proveitosa?

O certo é que hoje montei a cavallo e, tendo encontrado num do montes os elegantissimos Sanches Peres, a familia Luz, o Anthero Pedreira, cada vez mais *snob*, o Severo da Gama, Miss Wright, Iris Lessa e alguns meninos encantadores, entre os quaes avulta o Oliverio Gomes, senti a necessidade de communicar com

essa variedade animal chamada elegante e que é para o homem o que o gato Angora é para o tigre de Bengala. Anthero Pereira, verdadeiro typo do desoccupado e por consequencia do falador, incitara a curiosidade ambiente com a minha neurasthenia activa. De modo que o meu ar impertinente era considerado muito bem.

Meu caro Godofredo! V. tem sempre um certo receio das relações literarias? Como passa, porém, a vida “divertindo-se” com os elegantes? Agora, começo a perceber que só os fortes resistem a essa origem de todas as neurasthenias e que se chama: a sociedade, ou como diz Anthero: *notre monde*. Ao que parece estão aqui os representantes do *gratin* carioca e paulista. Assim resolvi ver como elles passam o dia. E fui inexoravel para mim mesmo. No passeio notei como Anthero se preoccupa com a Gladys Wright, que, aliás, prefere o gerente Pedrinho, de quem tem grande birra o Severo da Gama. De resto, ha preferencias muito accentuadas no grupo: a de Flavio Mendonça pela Iris, o “amor” de Oliverio e de Olga, etc.

Etc....

Este etc. é de uma generalidade synthetica.

Procurei ouvir as conversas. As conversas têm um ar grande hotel, um ar *kursaal*. Sabe V. os *halls* dos hoteis na Suissa ou em Veneza,

em que os cliétes falam de todas as coisas menos da Suissa e de Veneza? Acontece o mesmo cá.

A conversa é sempre a respeito de Paris, do parlamento viennense, das damas da côrte de Inglaterra, de Mme. Paquin, do sapateiro Meyer, da paizagem européa, da guerra européa, do theatro europeu. Ainda não está em moda o *snobismo* patriótico. De vez em quando os paulistas falam de S. Paulo, como de um Potosi phenomenal de que elles fossem os proprietarios e os descobridores. O Anthero passa logo a paulista. Severo toma o seu grande aspecto de unico detentor dos segredos da historia brasileira.

— O café, sim... A corrente immigratoria... Uma vez Manoel mandou-me chamar...

— Que Manoel?

— Campos Salles, meu caro...

As senhoras olham gulosamente Severo. E o passeio continúa com Vienna, Réjane, Clemenceau, o marquez de Soveral, o principe D. Luiz, as perolas do Fontana, por assumpto.

Ao voltarmos, preparei-me a pressa para gozar tão interessante sociedade no almoço. A comida é o envenenamento. Os criados estão derreados. Mas cada um dos elegantes mantem a linha. Aparecem todos impeccaveis. Almocei na mesa fronteira a da marqueza da Luz, com Anthero, Gomide e Flavio. Discutimos o enso-

pado de carneiro do Cecil Hotel de Londres, os collarinhos do Tramlet, a casa de Eduardo Prado e Eça de Queiroz, o nosso ministro Correia, a rainha dos belgas e os ultimos tres papas, além de algumas pilherias sobre a vida privada de Sarah Bernhardt, de que todos eramos intimos — (naturalmente antes de nascer).

Depois subimos todos ao salão que, dando para o theatro e para a roleta do importantissimo lord protector coronel Arnaldo, se divide propriamente em dois — um sem moveis para as dansas, outro com algumas cadeiras e canapés. Ahi, emquanto a orchestra toca o tango, *conversacione*. Como V. não ignora, todas as meninas de sociedade são hoje excellentes *diseuses*, aprenderam declamação. E quando não recitam, sabem cantar, ás vezes sem voz (o que é perfeitamente desnecessario na escola franceza), mas sempre em varias linguas e com magnifica pronuncia.

Sentei-me ao lado dos Sanches Peres, pela razão de não querer comprometter o meu futuro. Tanto o marido como a esposa, vestidos tão bem que parecem figurinos, falam mecanicamente, um depois do outro, depois de mutua consulta de olhar:

— D. Margarida tem se dado bem?

Olhar de consulta. Resposta:

— Muito bem.

Complemento do marido:

— Para uma cura de repouso...

Já vê V. que nesse tom o casal é de confiança.

Mas o salão não é exclusivo do nosso grupo. De modo que ha outros grupos rivaes e com inveja daquelle em que é pedra angular a formosissima Sra. marquezia Justina da Luz, o que não impede que se converse e recite e fale e “flirte” tal qual no primeiro. Ha, porém, um destaque: no grupo Justina da Luz (arranjado pela intelligentissima D. Maria de Albuquerque), faz-se arte mundana. Só elle tem esse direito. Menina alguma, recite como a Jane Catulle Mendés, a Suzanne Després ou a Italia Fausta, tem coragem de erguer a voz sem a solicitação de D. Maria. E o programma de D. Maria já está feito como os cardapios do jantar: cançonetas de Iris Lessa, que nos impingiu as ultimas novidades; versos em francez e em inglez, por Olga da Luz; *songs*, por miss Wright, emfim, toda a cacetada do estylo. E isso com um tom esmagadoramente superior, fazendo boquinha e tendo *tremolos* na garganta.

— Terás de cór aquelles versos de Sully?...

— Oh! Não, D. Maria!

— Mas são de uma belleza!

— Grande emoção!

Todos elogiam Sully como se elogiassem os vinte mil contos da menina Olga. Sully vem

à scena, é applaudidissimo. Depois miss Wright inebria o auditorio, ao passo que os *flirts* continuam.

Já começava a ter somno, quando a sessão foi suspensa. Para o chá. Detestavel, abundante e vorazmente recebido.

Nada para aperitivo, como a literatura mundana.

Os bandos descem, uns aos fundos do hotel; os notaveis ficam no refeitório geral. Depois, pequenos passeios, reflexão do vasio em cadeiras de vime, á beira do hotel.

— Você precisa ir ao theatro.

— Vou hoje.

Subi ao meu departamento, para o qual deseja vir Severo da Gama por ser o menos barulhento (apenas quatro crianças, duas criadas portuguezas, os roncões do coronel Titino e a tosse do ex-ministro Altamira). Subi e vesti-me com cuidado. Na minha permanencia em Poços eu vira a vida na sua tragedia: os jogadores, o caboclo Joaquim, tia Rita, as pobres mulheres do Eden. Seria possível que a minha sociedade fosse de manequins?

Estou crente que sim. No jantar rapido, as senhoras em grande *toilette*, os homens de peitilho reluzente, ninguem tinha uma idéa. Falámos, por consequencia, da Suissa. Só fala da Suissa quem não tem nada dentro da cabeça. E' o ultimo recurso. E corremos por um cor-

redor ao Polytheama, para não perder a primeira parte do programma, em que se passava no cinema *A Filha do Circo*. O Polytheama é um theatrinho sympathico, que arruinaria qualquer empresario sem a collaboração efficiente dos clientes do hotel na *roleta* e no *campista*. A platéa é occupada pela claque e por uns rapazolas da terra alguns de pés nús. As frizas são destinadas ás damas que moram em pensões e ceiam no Eden. Os camarotes têm as familias. Era sabbado, dia do beneficio da Stella Dovani, aquella contralto que já foi tão rica ha dez annos. Era sabbado e estreava um fakir. O theatro estava cheio — gratuitamente. Como empresario theatral, Arnaldo é um phenomeno maior que o caboclo Joaquim.

Durante a passagem da fita, no silencio respeitoso, reflecti na impossibilidade de traçar um limite á estupidez humana. *A Filha do Circo* é de se pasmar. Depois veio a parte café cantante e eu verifiquei mais uma vez a força das legendas e dos rotulos. Tanto os rapazolas de Poços na platéa, como as familias nos camarotes, não têm o habito de frequentar esses lugubres logares denominados cafés cantantes. Em compensação desconfiam por ouvir dizer que nos cafés cantantes os espectadores devem estar muito alegres. Então eu assisti a este espectáculo: no palco, umas pobres mulheres cheias de joias e de aborrecimento, guinchando e pu-

lando. Na platéa, uma vozeria em que os gury's poço-caldenses repetiam o estribilho de velhas coplas. Nos camarotes, crianças, meninas, rapazes, matronas, rindo como numa kermesse e lançando piadas ás actrizes. E só nas frizas, austeras como ladies em espectáculo de gala no theatro Colon de Buenos Aires — as cocottes!

— E' sempre assim, disse-me Anthero. Divertidissimo.

— Procuo variar o repertorio! sentenciou por traz de nós Arnaldo, o grande chefe.

Infelizmente, o final desse espectáculo foi menos divertido. Havia o fakir, um homem magro e pallido, que appareceu embrulhado numa cabaia amarela, fez pequena fala incomprehensivel e, saindo da cabaia, appareceu nú, apenas com um curto calção. Logo do bastidor surgiu um sêr semelhante aos caniços ribeirinhos, que trazia uma verdadeira cutelaria. O fakir, o olho melancolico, apalpou os musculos da face e de vagar enterrou por elles um punhal.

Com o punhal na bochecha veio até a boca de scena. Ninguem applaudiu. Desconfiando do agrado, o infeliz fez o singular caniço humano trazer-lhe uma espada, consultou longamente os musculos da perna e enterrou por ali a espada. Um sentimento de oppressão mantinha o silencio da platéa. Então, tristissimo, o fakir tomou de um facalhão, emquanto o caniço to-

mava de um martelo e com a lamina no ventre, mandou martelar. O sangue espirrou.

Ao mesmo tempo, D. Maria de Albuquerque e a marquezia Justina ergueram-se. Em todos os camarotes seguiu-se o mesmo movimento de protesto. Os homens estavam indignados. As senhoras sentiam-se mal.

— Depois do jantar!

— Que horror!

— Isso não se faz!

— Mas que bandido!

O coronel Arnaldo, vexadissimo, dava explicações. Elle não sabia, elle não vira o programma daquelle bigorriha, elle o contratara por bom dinheiro.

— Não lhe damos parabens! fez D. Maria.

A multidão elegante sahia em bloco para a sala de jogo, onde faziam fé de mentira, alguns impassiveis *faróes* a sessenta mil réis por dia. O coronel resistiu á onda. O pretesto virava em vaia colerica.

Então, só nos camarotes com Arnaldo, eu olhei o quadro lugubre. Nas frizas as damas de vida divertida continuavam sérias diante do digno homem. Da scena, vexado e corrido, o fakir olhava aquelles que recusavam o seu sacrificio — o sacrificio que lhe dava o pão.

— Quanto paga áquelle pobre diabo?

— Trinta mil réis por noite. E' um biltre. Vou rescindir o contrato!

Não quiz continuar o meu dia mundano. Desci secretamente á rua. A minha cura aqui tem de ser uma cura de piedade, de revolta, uma cura de aperfeiçoamento... A vida! Que fazer, entre o vasio dos elegantes e o dramatico horror quotidiano, senão tomar da bomba de dynamite ou enfiar o burel de monge? E' forte e insensível a tudo aquelle que conserva o equilibrio diante do espectáculo do destino. Jámais esquecerei num gratuito theatro de ociosos, entre rapazes futeis atrás de um dote, na ancía de vender a dignidade para não trabalhar, — esse pobre fakir esfaqueando-se para comer, realizando o ultimo esforço para viver sem roubar e sem ser infame... Imbecil elle. Imbecil eu, cuja neurasthenia a mim mesmo desvendou a tristeza amarga de existir. Até breve. D'alma — *Theodomiro*.

XXVIII

De Anthero Pedreira a D. Lucia de Goldschmidt de Rezende — Petropolis — Rio

Minha querida amiga — Recebi a sua ultima carta. “Mande-me noticias! Mande-me noticias!” Estará assim tão interessada pela intriga matrimonial levada a cabo pela excelente D. Maria de Albuquerque, ou quer noticias geraes acerca das mil e uma pequenas coisas da “grande samana”? Sinto que D. Lucia quer saber tudo e principalmente o caso Olga-Oliverio. Não?

Pois, para começarmos pelo fim, o caso Olga-Oliverio é definitivo.

Oliverio mantinha-se imperturbavel e elegantissimo sem pagar a ninguem. De repente, ante-hontem, Oliverio convida-nos para um almoço no Eden, com orchestra, cantoras francezas e os criados de casaca servindo os pratos nas velhas pratas da familia Vieira — uma das mais ricas familias antigas de Minas, cuja historia como convém á verdadeira aristocracia, está cheia de crueldades e assassinatos. A orna-

mentação floral do salão era um prodigio. Os pratos trabalhados pelo cozinheiro do Amaranthe Gouveia — que anda por aqui curando o rheumatismo. Como realizar festa tão linda? O barbeiro do hotel deu-me indirectamente a explicação:

— Sabe V. Ex. quando parte o ministro das Philippinas?

— D. Pablo?

— Esse mesmo.

— Ignoro.

— E' um homem que deve a todos.

— Ha outros...

— Que quando têm, sabem ser lords. Por exemplo, o Sr. Oliverio. Esse não tinha, e apesar da grande sympathia que me inspirara, já começava a ter receio. Pois bem. Devia-me trezentos e pico mil réis e deu-me uma nota de quinhentos sem pedir troco. Aquillo é homem distincto! E com um pai mais rico talvez que a menina Olga...

Vê a D. Lucia a historia. Oliverio participou ao senador seu pai o casamento e obteve, de certo, uma grande somma desse inesgotavel velho — para fazer bonito. Está vertiginosamente fazendo bonito. As gorgetas aos criados deviam ter sido tão escandalosas que esses criados chegam a ser escandalosos ao servil-o. Quando no Brasil um criado de hotel é sensivel á gorgeta — a gorgeta deve ser allucinante.

Com taes processos, desde á sala de banho até as estrebarias — a criadagem venera o famoso Oliverio. Como homem elle perdeu um conto á roleta — a gente do jogo faz-lhe mesuras. E a sociedade do hotel acclama-o, salvo um grupo de meninotes paulistas, cheios de despeito.

Ainda agora venho de deixar Oliverio. Acabava de receber uma carta, que o portador disse ser um recado urgente. Oliverio abriu, leu, e caindo numa cadeira de vime, indagou:

— Criança, sabes tú o que é o amor?

— Ninguem sabe.

— Uma terrivel cacetada!

— Você, noivo da Olga, a dizer isso!

— Será ella bastante intelligente para ser toleravel?

— Pelo amor de Deus, basta de *pose!*...

Essa exigencia de intelligencia!... Creio que não tens tido sempre sabias por amantes. O teu *crampon* mesmo, a Pura — é estupidissima.

— Nisso é que é necessario differença para a belleza da vida. A esposa deve ser intelligentissima sempre. As amantes pouco importa. *Ça ne compte pas...* Para que o amor não fosse uma cacetada seria preciso que as esposas fossem a tal ponto intelligentes que deixassem o ciume para diversão das amantes estupidas... Depois dessa impertinencia, subiu ao quarto. Tendo a certeza de que ensaiou sobre mim a

theoria com que vai espantar logo mais Olga da Luz e a marquezina Justina.

Casará mesmo Oliverio Gomes? Acho-o quasi incasavel...

Quem já fez o pedido foi o Flavio de Mendonça ao velho Lessa. Está a Iris noiva pela quarta ou quinta vez. E' espantoso o que essa rapariga realiza no genero seducção. Como a senhora não ignora, Iris chegou a Poços para esquecer a ruptura de um proximo enlace. No dia seguinte estava fazendo parte da escola de miss Wright e desde que o Flavio chegou para disputar o dote de Olga tomou a praça. Agora, andam sempre juntas, fazem um *tour* pelas ruas após o jantar. Outro dia encontrei-a na attitude da Theda Bara quando dá beijos. Terá o Flavio coragem de desmanchar tambem o casamento?

D. Maria de Albuquerque, cuja experiencia da vida não está por fazer, dizia-me hontem:

— Anthero, não tenha a vulgaridade de censurar Irisette. No fundo, ella é pura.

— Bem no fundo.

— O fundo é o essencial, porque o resto é apparencia. Essas attitudes emprestadas dos cinemas, esse phrasear um pouco lesto, não passam de leviandades. Quasi todas as meninas, cujos modos alarmam em solteiras, quando casam são excellentes mães de familia, incapaz-

zes de amar senão o marido. Flavio vai ter a sorte de uma esposa fiel.

Acha D. Luiza que é assim?

Como novidades a mais de pessoas nossas conhecidas, nada. Não sei se lhe falei do ex-ministro Altamira e de um coronel barulhento chamado Titino. O acontecimento da roleta é que Altamira ganhou vinte contos e o coronel já perde quarenta no *campista* bancado por um rapaz chamado Antonio Bastos.

Isso não interessa. Nem a D. Lucia nem ao seu, com infinita saudade — *Anthero*.

XIX

De José Bento, secretario dos Oleps, a Justino Marques — Pensão Buckarest — S. Paulo

Justino — Não venhas com a pilheria de que não recibes cartas minhas. Tenho escripto umas poucas e deitando estylo até, a ver se, quando voltar, entro para a imprensa, onde ha asnos muito mais asnos do que eu. Ainda não segui, ainda não estou em S. Paulo, trabalhando na nossa revista, com que o Juca Bemol fará a estréa da nova companhia luso-brasileira — só porque tudo aqui desandou. O coronel, que a principio não queria o Miranda, desfez o contrato dos Oleps, quando o Miranda partiu. O tal Titino, que eu supportara com pachorra nas ciuemeiras dos amores da Ivette com o Miranda — é um refinado malandro mal agradecido. Perde na roleta e com a Ivette. Mas negou-se a ajudar-me num pequeno auxilio.

Parece impossivel, hein? Este paiz está perdido. Não ha mais nem coroneis da roça mordiveis!

Eu e os Oleps estaríamos desgraçados, se não fosse o bom coração do Antonio Bastos — aquelle jogador socio do Club dos Mirabolantes. Antonio Bastos tem muita instrucção e troça de tudo. Veiu aqui para dar o tombo no Arnaldo. Mas a coisa não lhe cheirou e de repente, appareceu bancando *campista* no Gibimba. O Arnaldo morde-se de raiva, offerece jantares ao Bastos, mas Bastos é o homem do dia. Continúa no Gibimba, está a ganhar mais de sessenta contos e é um pai da vida — dando dinheiro a varias mulheres e a quantos lhe pedem. Foi Bastos que nos arranjou contrato para o Gibimba, o *cabaret* rival do Eden.

Esse Gibimba é que dava um quadro para a nossa revista. Imagina uma casa terrea, de esquina, com quasi cem metros de comprimento. Na primeira parte, *bacarats* e roletas; seguem-se o botequim, depois o café-cantante, depois o restaurante, tudo isso sem separação — porque só ha muro e porta para a ultima parte do edificio, em que têm aposentos as figuras femininas. Jogo, bebedeira, cantos, danças, comedia e amor. Não falta nada no mesmo andar...

O espantoso é o numero de artistas que o Gibimba manda vir. Ainda pelo trem desta tarde vieram nada menos de cinco: a Suzane d'Astorg, a Mery d'Utra, a Lolo Tantan, a Florinda Caxambú e uma andaluza maluca e bo-

ita de nome Pura, que dizem ser amante de um diplomata hospedado no Grande Hotel. E o movimento dá para tudo! Também é a mistura mais completa de que ha memoria: dançam, comem, jogam, etc., os *chauffeurs* e os deputados, os roleteiros gatunos do interior e os moços millionarios de S. Paulo, as mulheres mais sem vestidos e as mulheres mais cheias de joias. O quadro seria de effeito para a revista, mas muito dispendioso. Quando a anedotas, apanhei varias. Para concluir, mando-te uma: — o coronel Titino tem a mania de ser caçador e ha muito tempo era possuidor de um papagaio, que fugiu, quebrando a corrente. O mez passado, Titino caçava, quando deu num bando de papagaios. Tomou da espingarda, fez mira. Todos os papagaios fugiram. Só um ficou, olhando Titino do alto de uma arvore. Titino ia atirar, quando ouviu o papagaio:

— Que é isso, Titino? Você quer me matar? Se é por causa do tiquinho de corrente que eu trouxe no pé, está ahi, póde levar.

Engraçado, não? E até a proxima semana — *Bento*.

P. S. — Esquecia-me dizer que o Miranda, vindo de S. Paulo, está *cabaretier* do Gibimba. Explicámo-nos. E' muito bom rapaz e só nos tem auxiliado. Como sempre, levado da breca. Conquista quantas quer. Agora enlouqueceu uma caipirinha, cujo marido é boiadeiro. Também com aquelle physico!!

XXX

*De Pura Vilar ao Sr. Dr. Oliverio Gomes —
Grande Hotel — Nesta Urgente*

*Grande Restaurante Gibimba — Querido.
Lleguei. Aqui estoy anciosa. Se tienes una otra,
me mataré. Por el corazon — Pura.*

XXXI

De Theodomiro Pacheco a Godofredo de Alencar — Jockey-Club — Rio

As minhas cartas têm tido sempre uma nota amarga. Ao escrevel-as penso no teu sorriso sceptico, e nesse ar displicente, que sempre te acompanha. Vês, entretanto, os progressos da minha cura, e imaginas, de certo, o meu esforço para arranjar commentario a factos imprevistos. Nada disso. Ante o meu olhar os acontecimentos amontoam-se. Agora mesmo, às 10 da noite, escrevo, não tendo dormido desde ante-hontem.

E' o caso que estava no Eden a vêr de trás de uma porta a lista telephonica das cincoenta e quatro pensões femininas de Caldas durante a grande semana. A campainha retine e sou eu a ser chamado ao aparelho por aquelle grande pandego do Oliverio Gomes. O pobre rapaz, prestes a casar com Olga da Luz, estava a braços com a Pura Vilar, que de repente chegara mais andaluza, mais teimosa e ainda mais estúpida. Foi ao encontro do desgraçado.

E passámos a noite numa destas farras embrutecedoras, a convencer Pura, isto é, a querer que se operasse no craneo dessa hespanhola o milagre que aconteceu ao padre Antonio Vieira.

Foi impossivel. Mas, como depois de uma certa hora é-me vedado dormir, tive de aturar a palestra sensaborona do Anthero, tomar um banho pela madrugada e entrar no barbeiro ás seis horas, para fazer alguma coisa. O barbeiro recusou-me a cadeira.

— Tenho de ir á estação.

— Parte algum amigo seu?

— E' hoje que foge D. Pablo Urtigas.

— O ministro das Philippinas?

— E mais aquella dama. Com o dono do hotel, elle arranjou as coisas assignando um documento para pagar quando chegar ao Rio. Mas pediu segredo. E deve aos criados, ao alugador de cavallos, a mim, a toda gente, apesar de tomar champagne todos os dias.

— E vocês?

— Vamos á estação, pedir o nosso dinheiro.

O quadro annunciava-se interessante. Conversei com o barbeiro ácerca das illusões da sociedade. Elle deu-me detalhes sobre os amores do hotel fóra do hotel, chorou o desastre de Oliverio (é incrível a sympathia que todos têm pelo Oliverio) e acabámos seguindo juntos para a estação. A manhã era radiosa. Na

estação estavam um alfaiate italiano, uma preta lavadeira, um cocheiro austriaco, um criado lusitano, varios typos zangados.

O comboio lá estava limpo e só a uma das janelas de um vagão, no resto fechado, com a sua cara de vendedor de gaiolas e a sua machina photographica, o Sr. Nogueira, amavel photographo da grande semana. Pouco depois começaram a chegar os carros com os que partiam: a numerosa familia Araujo Silva, os impeccaveis Sanches, outros de outros hoteis. Só não appareciam D. Pablo e a Arethusa. Ouviu-se o primeiro signal de partida. Aza-fama. Abraços. Surgiu, com cara de somno, esse homem de ferro que é o coronel Arnaldo, grande chefe da jogatina, que vinha trazer a honra dos seus cumprimentos ao Araujo Silva e familia. Appareceram os reporters das tres folhas locaes, publicações semanaes e em mutua lucta, principalmente religiosa. E nada de D. Pablo e de Arethusa. Teria sido rebate falso?

Nisso, o Sr. Nogueira sae da sua janela, abre outra mais adiante, no mesmo vagão, e o barbeiro vê no vagão fechado D. Pablo e Dona Arethusa.

- Lá estão elles!
- O nosso dinheiro!
- Veranista de carona!
- Pague o que deve!

O ministro ergueu-se. Arethusa pulou como uma féra. E ambos gritaram, não para os credores, mas para o solemne Sr. Nogueira:

— Quem o mandou abrir a janela?

— Eu?

— Perverso!

— Perdão!

— O senhor sabe que vale um ministro?

A gritaria era colossal. O photographo amator debatia-se contra Arethusa.

— Estou no meu paiz! Não tenho que dar satisfações!

Emquanto D. Pablo, de dentro do vagão, vociferava:

— Calma! Hei de mandar pagar tudo, ao chegar a S. Paulo. A policia! Onde está a policia?

E, no momento em que a lavadeira lembrou invadir o comboio, o trem largou, sob a estrondosa vaia que em vão o coronel Arnaldo tentava conter em nome da hospitalidade de Poços.

Voltámos da estação como de um *meeting* de 1º de maio. A colera deformava o semblante dos pobres coitados a quem D. Pablo esquecera de pagar. E eu não podia deixar de pensar nessa bohemia em torno do dinheiro de que o Oliverio fôra um exemplo e D. Pablo era outro.

Assim passámos o dia. Um sopro de agitação enchia o hotel. As noticias do escandalo da

noite e do escandalo da manhã entrelaçavam-se no mesmo commentario. A' hora do almoço encontrei os jovens Fontoura e Gomide radiantes. A familia Luz não viera á mesa e D. Maria de Albuquerque saiu de automovel, ao meio dia, só, de vestido preto — como quem vai á confissão.

Receiando dormir durante o dia, fui até a roleta do Hotel da Empreza. Estava desoladora. Só o velho, que da primeira vez me parecera a estatua do Protesto, jogava. Afinal, decidira-se. Até elle! Força da corrupção! Jogava e ganhava tanto, que os *croupiers* indignados encerraram a sessão. Voltei ao hotel. Era a hora da chegada do trem. Desanuviado, com muitos quartos vassios, o joven gerente Pedrinho esperava os novos clientes, que iriam renovar, dentro daquellas paredes, a eterna comedia humana. E, de repente, saltam de uma caleche uma senhora forte e uma senhora magra. Saltam em furacão. E a primeira senhora brada:

— Isso é procedimento que o senhor tenha commigo?

— E'? guinchou a segunda, com as veias do pescoço cheias.

Pedrinho recuou, pallido.

— Então não se responde ás minhas cartas? tornou a gorda.

— Não se responde? cacarejou a magra.

— Eu respondi... eu respondi...

— Não minta!

— Não minta!

Era a generala Alvear, com a sua gentil filha. Os clientes appareciam, alguns tendo a gloria das relações da generala. A generala explicava:

— Ha um mez, em S. Paulo, a espera de resposta, sem poder subir.

— Mas, por que V. Ex. não subiu?

— Não responda!

— Eu provo a V. Ex. como respondi. Os quartos de V. Ex. estão ha quinze dias esperando, por conta de V. Ex.

— Não pago!

— Não pagamos!

— V. Ex. póde subir...

Como uma tromba, a generala subiu. Como uma secca folha, a filha da generala seguiu a senhora sua mãe.

O criado voltou-se para Pedrinho:

— Que quartos?

— Aquelles de que saíram hoje D. Pablo e D. Arethusa...

Assim, a Empreza teria menos prejuizo...

Mas, dentro de um carro estava, á porta do hotel, uma senhora linda, acompanhada de uma dama de companhia. A senhoria sorria. Approximei-me.

— O senhor poderia dar-me uma informação: o casal Sanches?

— Partiu hoje!

— Que pena! Só hoje soube que estavam cá. Margarida Sanches é minha amiga. Mas, como habito o Sanatorio e vim a convalescer, só hoje soube por carta...

— Mas Poços é pequeno.

— E' que este é o meu primeiro passeio, para partir quinta-feira. Eu sou Mme. Graça.

— Para servil-a, Theodomiro Pacheco.

— Conheço muito o seu nome. Agradecida. Ainda nos veremos, de certo?

— V. Ex. permite que a vá cumprimentar?

— Mas com prazer...

E eu estou aqui a escrever estas linhas pensando na doçura de Mme. Graça — que não viu Poços e não teve aqui um romance, sendo tão linda...

Decididamente, estou bom da neurasthenia. Do coração — *Theodomiro*.

XXXII

*De Iris Lessa a Baby Torresão — Estrada Nova
da Tijuca — Rio*

Baby — Sei que não estás impressionada com a falta de cartas. Na grande semana de Caldas não ha tempo para escrever. Este bilhete é só para te informar da nossa proxima partida. Imagina tu que, após vinte e um dias de banhos, o rheumatismo de papai passou do braço esquerdo para o braço direito! Elle, que affirma sempre ser o nosso braço direito, está desesperado. Assim, partimos dentro de quatro dias.

Dou-te uma novidade que vai fazer um grande successo: estou noiva do Flavio Mendonça. Elle teve sempre um certo *beguin* por mim e aqui declarou-se. Não gosto, nem desgosto delle. Veste bem e parece tentado. Mas, ao aceitar o seu pedido, só do palerma, do outro, é que me lembrava. Que ferro vai ter! Esses homens são todos uns egoistas e uns perversos, segundo a opinião de Gladys Wright. O melhor é a gente defender-se de paixões, não

achas? O casamento vem como uma libertação e muitas vezes atrapalha. Em todo o caso, estou contente. Foi uma estação cheia. Pinteí o sete. Cheguei a montar como homem, segundo o moderno molde francez. Tenho mil coisas a contar-te! Não calculas como esta agua tira a gordura do rosto e a poeira das mãos. E como ficámos electricas. Ao chegar ahi hei de ensinar-te a *dansa das trincheiras*. E' de primeira ordem e escandaliza mesmo D. Maria de Albuquerque, esquecida de que é muito reparado no hotel o seu *flirt* com o Pedrinho, gerente-Pedrinho, minha filha, que é um rapagão e tanto... Muitas saudades da — *Iris*.

*De Anthero Pedreira á Exma. Sra. D. Lucia
Goldschmidt de Rezende — Petropolis*

Minha querida amiga — Bem razão tinha aquelle philosopho que considerava a vida um romance. Não tenho vocação para me entregar a esse genero de matar o tempo. Mas o que lhe escrevo hoje seria um capitulo de romance, em que se desenha a figura de um moderno rapaz, se me ajudasse a pratica de escrever para ser lido pelo publico e agredido pelos literatos sem fama. Hontem enviava-lhe uma carta contando as impertinencias paradoxaes do Oliverio. Era antes do jantar. Quando entrei no refeitorio, Oliverio não estava á mesa da marquezia Justina da Luz. As senhoras não tinham a menor inquietação apparente. Mas, ao cumprimentar a mesa a que se sentam os jovens Fontoura e Gomide recebi uma nova derrubadora.

— Imagine V. quem encontrei na *gare*? fez Gomide.

— O shah da Persia.

— Não; a Pura.

— Que Pura?

— A amante do Oliverio.

— Aquella ciumenta que o atormenta ha dois annos! informou Fontoura, rindo.

— O que se póde chamar um contratempo!

— E um escandalo em perspectiva! gargalhou Gomide, radiante. Pobre rapaz!

— A não ser que fosse elle proprio a mandar buscar a Pura.

— E' muito capaz.

Sentei-me aturdido á grande mesa. O comedouro estava cheio. Eu não via ninguem, a não ser D. Maria de Albuquerque, que me olhou uma vez só, e estabeleceu logo uma conversa cheia de graça. Passámos, assim, a sopa e um peixe sulfurico. Ao fim do peixe, a custo contive uma exclamação satisfeita. Vinha para a nossa mesa Oliverio Gomes, apenas um pouco palido.

— Não os desejava incommodar, mas, para explicar a minha incorrecção, tenho que lhes communicar um facto menos agradavel. Antes do jantar, recebi este despacho, informando-me da doença de meu pai. Tive de ir ao telegrapho convencer o telegraphista de que preciso telegraphar ainda hoje. *Ça me coupe l'appetit*. Não deve ser coisa de cuidado. Em todo o caso, tenho por meu pai tal estima, que não me contenho.

Ao lado de D. Maria, que tinha o telegramma aberto, li esse papel verde e olhei Oliverio. O telegramma era um *truc!* A carta que elle recebera, quando conversava commigo, era de Pura! Mas, por que, em vez de um despacho definitivo: “Venha já”, por exemplo, apenas a noticia da doença?

— Muito desagradavel.

— Não ha de ser nada.

— Espero bem.

— Em todo o caso, fez D. Maria, de um momento para outro você pôde partir.

— Justamente, espero a resposta, para tomar uma decisão.

Na outra mesa, Fontoura e Gomide olhavam encantados. Pareceu-me que outras mesas olhavam tambem. Era evidente que Olga, nessa mesma noite, saberia. E o jantar continuou morno, com um ar de necrologio, porque Severo da Gama deu para contar a começo da Republica e o papel do senador Gomes como discipulo de Benjamin Constant.

Ao sairmos da mesa, com grande delicadeza, Olga pretextou dor de cabeça, para recolher-se. Mlle. Hobereau acompanhou-a. Oliverio foi leval-as com a D. Maria. Nós ficámos em torno da marquezia Justina. Depois Oliverio reapareceu.

— Este meu pai! Não é que eu gosto mesmo

da familia! Quer V. vir commigo ao telegrapho, Anthero?

Saímos. Na sombra da noite, atravessando a ponte, em frente ao mercado, eu estaquei.

— Já sei de tudo! A Pura está ahi.

Oliverio deu de hombros.

— Mas, como foi isso? indaguei brasileiramente. Sabes por que veiu? Não desconfias de ninguem?

— Caro Anthero, a Pura chegou. Não preciso de saber a origem da sua chegada, porque é necessario realizar-lhe a saida. Não por mim. Mas, por tanta gente que me mostra interesse.

— Olga vai saber.

— Por mim. E' um capitulo de sinceridade. Apenas o impossivel será manter essa insupportavel andaluza... Anthero! Quando as senhoras evitam um rapaz estroina não imaginam muita vez o desespero desse rapaz, amarrado ao tronco da teimosia de uma destas andaluzas! O mundo está errado. Absolutamente todo errado.

— Não é possivel convencer Pura?

— Burrissima, sem remedio!

— E que vamos fazer?

— Vamos ceiar ao Gibimba! Espero-o depois de meia noite.

Continuou num passo calmo, pelo outro lado do rio. Voltei ao hotel, onde encontrei D. Maria perfeitamente calma, D. Justina for-

mosíssima, Gladys Wright zangada, e Iris, que ria com o Flavio, o Fontoura, o Gomide, emquanto as outras meninas dansavam o tango.

— Que estão vocês a dizer?

— Que casamento e mortalha, o céu talha...

Era inevitavel. Olga saberia, pela Iris, logo pela manhã, se não soubesse á noite mesmo, o caso do Oliverio! Diantè do Destino, que fazer? Conversei até onze horas com esse grupo, falei mal do Oliverio, e só appareci no logar que elle me marcara tarde. Poupo-lhe a descripção desse antro, cujo nome diz assás. Mas, certo da sua superior intelligencia, não me furto a descrever-lhe Oliverio, como sempre o conhecemos. Esse joven dirigia uma grande mesa, em que estavam Theodomiros, um jogador sensacional, porque ganha muito dinheiro: o Dr. Antonio Bastos, e a tal Pura. Publicamente, e entre gente tão misturada, Oliverio embriagava-se. Só deixava o champagne pela roleta. Ganhava. Ganhava. Tinha em todos os bolsos dinheiro. De vez em quando dava um masso de notas a Pura, uma hespanhola magra e de olheiras.

— Escravo! gritava elle. Mais champagne.

Quando me viu, disse, imperturbavel:

— Aqui tens Pura, a teímosa. Prefere o meu amor, sem nickel, ao meu amor rico.

Era allucinante. Não poderia haver mais esperanza. E, entretanto, notei que tanto o

neurasthenico Theodomiro como o Antonio Bastos, se interessavam por Oliverio — o primeiro, por sport, o segundo, impressionado tambem, em parte, pela hespanhola.

— O senhor é dos que querem casar? indagou a andaluza, de uma vez em que Oliverio corria a roleta.

— Já sabe?

— Disse-me tudo, mas prefere-me á fortuna.

— Eu não quero casar ninguem. Acho apenas uma estupidez, tanto delle, como sua.

— Minha?

— Que tem o casamento quando traz a fortuna?

— E' o que eu digo, sentenciou Theodomiro. Depois é o que se vê nas peças francezas.

— Claro! fez o jogador.

— Não quero! Não quero! Amo-o!

— Isso é apenas com vocês dois.

— Amanhã passeia de *charrette* commigo, ou eu vou ao hotel. Dois annos de sacrificio!

— Que você não quer trocar por uma vida de opulencia. Faz muito bem.

Minha illustre amiga! Tenho a certeza de que teria pena da vida, se visse aquelle quadro e visse Oliverio, que acabou dansando o tango com a terrivel Pura. São tão para lamentar esses gestos em ligações desiguaes...

Passámos a noite assim, velando o cadaver da esperança de Oliverio. A's tres horas da manhã elle lembrou-se de aproveitar um resto de luar, e demos um passeio de automovel. Atravessámos as ruas de Poços, gritando e cantando, como fazem no Rio os rapazes. Pura (pelo habito), cantou no automovel. Como é possivel correr de automovel ás tres horas da madrugada, sem cantar? Deixei o par ás quatro da manhã com pena de ambos e fiquei quasi duas horas com Theodomiro a philosophar.

Foi-me impossivel dormir. A manhã era deliciosa. Voltei ao hotel apenas para mudar de fato e ir dar um passeio a cavallo. Ahi tive um certo espanto, quando me preparava para sair. Oliverio apparecia em traje de montaria.

— Aqui?

— Mandei convidar Mlle. Olga para um passeio a cavallo.

— Heim?

— Vou dizer-lhe tudo e partir amanhã.

— Você é louco.

— Creio na fatalidade.

Montei e parti só. Esta é a minha ultima carta de Poços. Devo embarcar depois de amanhã. Não queria que ella fosse melancolica. A estação esteve divertida. Mas, o desastre de Oliverio põe um pouco de tristeza am tudo isso — porque amarga Olga, amarga Oliverio e não faz a felicidade de ninguem. Ainda apa-

nharei os ultimos dias de Petropolis. Até breve. E perdõe, se por nervosismo lhe conto esse episodio. As senhoras fazem sempre uma idéa tão diversa do amor livre, que não resisti á tentação de contar-lhe, embora mal, o desastre e as prisões desse genero de amor. Beijo-lhe as mãos com profunda estima! — *Anthero*.

XXXIV

De Olga Luz a Guiomar Pereira — Avenida Paulista — S. Paulo

Gui — São 11 horas da noite. Esta é a ultima carta que te escrevo de Poços, onde não demoraremos mais dois dias. Escrevo porque suffoco, porque preciso expandir a minha dor, a minha revolta, a minha fadiga, o desequilibrio de todos os meus sentidos. Sabes como sou calma. Como tenho sido calma, apesar da riqueza ter me creado um irrespiravel ambiente de ambição, de mentira. Pódes avaliar o quanto é preciso para ficar assim, sem forças, desesperada.

Na minha ultima carta falei-te de Oliverio Gomes. Apesar de ser quasi solicitado a declarar-se, com a sympathia até de Mlle. Hobereau, a sua alegria, o seu grande ar diminuíram após a declaração official. Dia a dia. De modo assustador. Num passeio que fizemos ha algumas manhãs, não me contive.

— Dir-se-hia, Oliverio, que V. casa comigo á força.

— Não. Não a quero maguar dizendo mesmo que caso á força com os seus milhões. O que me faz triste, ou antes, preocupado, é a opinião que V. possa formar a meu respeito. Curioso! Eu que nunca me preocupei com a opinião alheia! Mas o meu casamento traz despeitos, odios, calumnias. Não lhe trará desconfianças? Casamento é mais serio do que loteria. Prometta-me, porém, uma coisa: antes do pedido de meu pai, mesmo depois, se desejar, se pensar de modo contrario, mande-me uma palavra, telephone-me.

Não me pude conter.

— Telephonar?

— Nós somos tão modernos... Eu desaparecerei logo. Só pedindo uma coisa: que V. acredite na sincera, na profunda, eleição affectiva do meu coração pelo seu espirito, pelo seu coração, pela sua graça. Sou um estouvado? Não digo que seja puro. Longe disso... Mas só uma creatura poderia me fazer casar: você...

Como elle tinha razão! O que me diziam delle e o que me escreveram de S. Paulo, da Prata, de outros logares, em cartas anonymas, dizendo até que elle comprára Mlle. Hobereau para lhe ser sympathica, offerecendo-lhe cem contos! Bandido, immoral, dissoluto, sem vin-tem... E cavilosamente sempre o mesmo nome de mulher: uma tal Pura, hespanhola...

Nós conhecemos a vida, nós que viajamos. Os anonymos poderiam atirar-lhe a pedra? Qual o rapaz solteiro que não encontra na vida um embaraço feminino? Mamã, que se lembra do que fazia meu pai, mesmo depois de casado, deu-me o conselho de não lêr as cartas. Mademoiselle estava indignada. Dona Maria de Albuquerque sorria.

— Olga, precisas quanto antes casar. Esses candidatos á fortuna são terriveis. Por peor marido que arranjes, com separação de bens no contrato — estás, pelo menos, livre de tantos aborrecimentos.

Tinha razão D. Maria. Mas eu esperava deixar Poços sem outros acontecimentos, quando hontem, antes de jantar, encontrei no meu quarto, por baixo da porta, uma carta á machina, com esta noticia: “Chegou Pura.” Meu Deus! Seria possivel que essa creatura viesse tomar o meu quasi noivo? Seria possivel que Oliverio cedesse, ficasse na mesma cidade d’aguas assim? Desci ao jantar, agoniada, tendo que disfarçar — porque vi no olhar de todos os hospedes que todos sabiam e sorriam, prelibando uma vingança contra mim — contra mim que nunca fiz mal a ninguem! Como é cruel a vida! Como são inutilmente mãos os homens! E o meu choque foi ainda maior porque elle não estava, porque elle não apparecia, naturalmente preso pela outra creatura... Só

ao meio do jantar appareceu — mas outro Oliverio, Oliverio igual aos homens communs, mentindo, com um telegramma falso, noticiando a doença do pai. Que perspectiva para o casamento! Tive vontade de erguer-me, dizer-lhe que sabia de tudo. A educação permittiu apenas que eu tivesse uma dor de cabeça. Mamãe comprehendeu. D. Maria tambem. Só elle pareceu satisfeito, porque poderia ter a noite livre, a noite para a miseravel creatura a que parecia me preferir. E passei pela primeira vez uma noite em claro, rolando na cama, tendo a necessidade de ter os olhos abertos, como se assim pudesse resolver melhor a situação.

Gui! Minha querida Gui! Não desejo a ninguém essa minha noite, por causa de um homem que me era indifferente ha vinte dias, que eu não imaginava senão dominar e que, entretanto, allucinadamente eu esperava ouvir bater á porta do meu quarto, em pranto, pedindo-me perdão.

Quando, pela manhã, antes das sete, recebi um convite d'elle, para um passeio a cavallo, aceitei logo, vesti-me tão depressa, que tive de explicar já estar meio vestida para que elle não sorrisse da minha precipitação. Elle estava, porém, palido e serio. Galopámos assim a caminho do Posto Zootechnico. E ahi, antes que eu lhe dissesse uma palavra, Oliverio falou:

— Devo-lhe uma explicação. Dura, desagradavel. Que se ha de fazer? Não me dirijo ao seu coração; não me dirijo á sua complacencia; quero falar apenas á sua intelligencia. Menti-lhe hontem. Menti-lhe idiotamente, parvamente, para lhe poupar uma contrariedade. Não pensei em mim, pensei na senhora. Aquelle telegramma é falso. Meu pai passa perfeitamente de saude.

Eu disse baixo:

— Eu sabia...

Elle olhou-me:

— As unicas mentiras em que ainda acreditamos são as verdades. Devia ter-me julgado idiota.

— Achei que se rebaixava.

— Foi por pouco tempo, felizmente, porque devia ter comprehendido ser-me materialmente impossivel falar-lhe no momento ou esperar occasião sob a premencia de uma subitanea entrada, que, dando prazer a alguns hospedes, de certo a humilharia...

Houve um longo, penoso silencio. Depois Oliverio continuou com difficuldade:

— Por cansaço, por^t aborrecimento, para não ter maiores dissabores, eu arrasto ha dois annos um caso que não era bem um caso porque só me fazia mal a mim. Quando uma mulher teima, o melhor é esperar que ella se fatighe de teimar. Nenhuma affinidade jámais

nos ligou. A maior parte desses dois annos posso dizer que passámos separados. Ella estava em Paris, esperneando no Monico. Diverti-me oito dias. Tornei a encontral-a no Jardim de Verão da horrivel Berlim. Em Buenos Aires ella encasquetou-se de que eu era importante porque só em Buenos Aires — uma aldeia grande! — veio a saber que eu era secretario de legação. Ahi já tinha nevralgias ao vel-a. Por isso mesmo ella teimou. Veiu para o Rio, quando soube que ha um anno eu viera tratar da minha promoção. Basta dizer, para mostrar o calor desse caso, que a deixei dansando no Apollo de S. Paulo e vim para Poços, resolvido a seguir para o meu posto sem lhe communicar a partida.

Não quero culpar ninguem. E' inferior. Mas evidentemente houve interessados que organizaram um *complot* e fizeram vir a rapariga cheia de vaidade, com o fim de fazel-a a V. livre de qualquer compromisso.

A situação é esta.

A creatura está ahi, imaginando que tem direitos e querendo fazer scenas. Póde ser que parta só. Se não partir sigo eu com ella, aproveitando o pretexto da doença de meu pai, deixo-a em S. Paulo e parto para sempre, sem embaraço algum. Mas, de qualquer fórma, peço Olga que considere o meu pedido como não feito e que continue a pensar bem do seu ca-

marada, que pôde ser estouvado mas sincero sempre, e nunca na sua vida sentiu o que sentiu pela senhora.

— E' horrivel o que o senhor me diz.

— Procedo assim para que aos olhos dessa sociedade frivola a nossa curta aproximação não pareça mais do que um começo de *flirt* entre uma menina com juizo e um rapaz sem juizo algum. Quer tomar um copo de leite?

Aquella frieza, aquelle raciocinio, aquella terrivel logica! Recusei o leite com um gesto. Voltámos aos cavallos. Mas, quando elle pegou na minha mão para ajudar-me a montar, olhei-lhe o rosto. Dos seus olhos as lagrimas corriam.

— Oliverio! Oliverio!

— E dizer que se V. não tivesse dinheiro não teria havido nada disto. Infames...

— Oliverio! Eu não sei o que diga.

— Adeus!

Eu estava na sella. Os seus labios roçavam as minhas mãos. Chorava. Elle chorava. e em soluços:

— Faça, ao menos, um bom juizo de Oliverio. Perdendo-a Olga, é como se tornasse a perder minha mãe.

Depois, bruscamente, tirou-se de mim, montou de um pulo e partiu a galope.

Que inteireza de character! Que homem! Nenhum desses innumerados pretendentes tivera

um gesto de desprendimento, de sacrificio assim. Nenhum me amara assim, por mim, só por mim. Deu-me uma afflicção como se agonizasse alguém que eu quizesse muito bem. Galopei tambem para o hotel, sem saber o que fazer, só com a idéa da partida, de deixar Poços, de não vêr mais os Fabio, os Gomide, os Fontoura, os Severo, os Anthero.

Fechei-me no quarto. Mamãi fôra a uma fazenda do proprietario do hotel. Só mademoiselle estava a meu lado, morna e triste. Con-tei-lhe tudo. Ella só disse:

— E' um homem digno.

E repetia. Repetiu a phrase varia vez.

— Mas que me aconselha?

— Faça o que o seu coração mandar.

A' tarde, á hora do chá, appareceu Dona Maria:

— Que é isso? Triste?

— A tragedia da princeza dos dollars! Já não caso.

— Hein?

— Creio que a senhora sabe de tudo.

— Não.

— O Oliverio, essa mulher que chegou...

— Isso não tem importancia alguma. Sei bem que arranjaram uma intriga para que os milhões de seu pai não saiam de S. Paulo. Mas uma intriga imbecil, contando principalmente com o estouvamento de Oliverio, cuja mania,

pobre rapaz! parece ser: vel-a sem dinheiro para amal-a sem preocupação.

— D. Maria...

— V. sabe bem, minha filha, que não me immiscúo na vida dos outros. A estupidez pretensiosa irrita-me, porém. Eses rapazes que escrevem cartas anonymas e fazem de Machiavel são irritantes. Que disse Oliverio?

— Foi nobre. Contou-me tudo e partiu... chorando.

— Patetas, tanto você como elle. Estou a vêr que em Poços só é intelligente a fonte Pedro Botelho.

— Mas, D. Maria...

— Digo-lhe que você sente de mais e que Oliverio quer representar á força o *Moço pobre*. Ainda agora venho de palestrar com o impagavel Theodomiro. Passou a noite com a tal creatura. E contou-me o caso como elle é — ella parte amanhã com aquelle jogador que ganha sempre: o Antonio Bastos! Imagine V. a tolice geral.

— Então, Oliverio não quer casar com-migo!

— Deu-lhe para o escrupulo desde que ama. Exageros...

— Meu Deus!

— Emfim, não me metto nisso. Façam o que entenderem.

— Elle parte amanhã tambem.

— Se você fôr tola. Mas deixemos o capitulo disparate. Sabe quem acaba de chegar, fazendo um terrivel escandalo com o Pedrinho? A generala Alvear! Aquella senhora é doida. Vem para Poços quando todos partem. Virá mesmo curar-se?...

Deixava-me a sorrir. Não tive coragem de pedir-lhe que chamasse Oliverio. Espero ainda amanhã. Se elle partir — então nunca mais me caso. Nunca mais! Porque, tudo quanto fazem para delle me separar, parece -me que a elle mais me prende. Será, porém, o que Deus quizer. E tu, por estas linhas, em que nada occultei, podes ver o soffrimento da tua pobre amiga — *Olga*.

De D. Maria de Albuquerque á condessa Hortencia de Gomensoro — S. Clemente — Rio

Minha querida amiga — Esta carta tem um fim principal: communicar-lhe que mudo de residencia; parto de Poços para Caxambú, não só porque a estação aqui está terminada, como porque é preciso fazer como toda a gente: ir tratar do figado, depois de cuidar do arthritismo. Antes, demorarei alguns dias com Justina da Luz, em S. Paulo. E conto bem estar no Rio em pleno inverno, para os fins de maio — maio de que a nossa imperatriz tanto louvava o esplendor, entre os bambuaes da Quinta Imperial.

E' sempre melancolico partir para a velhice, por não saber o que a espera á chegada. Deixo Caldas com saudade. Tivemos uma interessantissima “grande semana”, que foi no Grande Hotel admiravel, graças ao grupo formado em torno de Justina, cujo *doigté* é de verdadeiro diplomata. Felizmente, Oliverio

Gomes, com as suas qualidades, conseguiu desencantar o coração de Olga — *la belle aux millions dormants* e a sua carreira diplomatica estaria feita ao lado de Justina, se estivessemos no Imperio, e a *carrière* não fosse agora o viveiro das pretensões sob a algema do empenho.

Tive um grande prazer com a realização desse casamento, agora certa, não só por Olga, tão boa, tão distincta, como por Oliverio, que vinha fazendo tudo para estragar a escandalosa *sympathia* do Destino. Não pense, porém, a minha boa amiga, que as coisas se realizaram como entre pessoas sem importancia. Falei-lhe, na passada carta, dos triumphos que Oliverio obtivera para a arriscada partida: Mlle. Hobereau, a sua fascinação pessoal. Disse tambem as cartas contrarias: o seu genio estouvado e uma pobre andaluza, que se entregara a extravagancia de amal-o. Mas Oliverio procedeu tão bem, conduziu-se com arte tão sobria, que me apaixonei pela sua victoria. E posso dizer-lhe, confidencialmente, que por esta necessidade de combate, herdada da minha familia, não só tive o prazer de dar o golpe decisivo como de conhecer de perto uma dessas creaturas que Dumas pintou na *Dama das Camélias*.

Imagine, Hortencia, que, em dez dias, Oliverio estava quasi noivo. Os outros pretendentes, com quem Olga não casaria porque, muito

justamente, os abomina, ficaram furiosos e não sei se por cartas anonymas mandaram buscar a S. Paulo a andaluza. A infeliz creaturinha veio numa rajada, e a noticia estalou de modo desagradavel. Um joven de fama extravagante, prestes a noivar com o maior dote de S. Paulo, tendo, em frente ao hotel, em outro hotel, uma dama com quem tem de passar muitas horas, porque a dama tem ciumes! O clamor dos veranistas seria sufficiente para liquidar Oliverio. E, epesar delle não ter culpa, quando se soube da chegada, á hora do jantar, eu senti a reprovação, tanto maior quanto era cheia de desprazer. Santo Deus! Olga precisa casar e encontrou um rapaz que a interessou. Justina está tão nova e tão bella, que o papel de mamã de millionaria não lhe póde ser eternamente agradavel. Mlle. Hobereau quer dirigir uma casa e ter um pouco de capital. Era como se todos dissessem sem falar:

— Ora, este Oliverio! Precisamente quando resolvia tudo!

Nesse ambiente, enthusiasmou-me o fino rapaz. Recebera a bomba da chegada da rapariga, sentira que nada podia fazer, senão afastar-se para não ver realizada a ameaça do escandalo, e caía como um estadista. Quando mostrou um falsissimo telegramma, noticiando o doença do pai, ninguem diria que esse telegramma falso era a authentica renuncia a

trinta milhões de francos — com o cambio a 16 d. No dia seguinte, depois de saber que tão corajoso homem passara a noite em claro publicamente, com a tal creatura, vi Oliverio bater á porta dos meus aposentos, entrar em traje de montaria (como o *Moço pobre*, de Feuillet), fechar a porta, e deixando-se cair numa cadeira, dizer:

— D. Maria, só a senhora póde salvar-me!

Ha muito tempo não tinha um instante de tanto prazer. E' sempre agradavel a nós, mulheres, o reconhecimento do nosso pouco valor... Quaes são os homens que realizam alguma coisa na vida, sem o auxilio das mulheres? Ellas trabalham na sombra, mas são guias. Não ha um genio só que tenha a victoria e a felicidade sem a ajuda da nossa intelligencia! Póde parecer máo gosto insistir. E eu tinha, principalmente, pena de Oliverio.

Elle contou-me a sua situação, uma grande scena romantica no Posto Zootechnico com Olga, a quem dissera tudo, despedindo-se em pranto (como devia ter custado para chorar!) exclamando: nunca mais. Olga estava abalada por aquella sinceridade byroneana. Devia estar. Eu mesmo estava, dado o meu pendor pelos dramas de acção. Restava a andaluza. Mas, antes de abalar Olga, Oliverio abalara a andaluza, expondo a situação, levando para a sua mesa o nosso Anthero (que sempre se

acha na obrigação de sentir o que sentimos) um intelligente neurasthenico, o Theodomiro Pacheco, e o jogador Bastos — que, com a inconsciencia de todos os jogadores (assim realizam elles tudo) pretendia substituir Oliverio no coração da andaluza...

E Oliverio dizia:

— Não está nada perdido! E' um momento grave, mas que por isso mesmo pôde consolidar a victoria. A senhora, que é uma alta intelligencia, vê bem. Em vez do cheque em mim, sou eu quem pôde dar o cheque á dama. Até agora porto-me bem. Pois não?

— Com effeito. A scena do Posto é de mestre.

— A anterior ainda foi melhor. Desde o momento do perigo, tenho uma extraordinaria lucidez. E é essa lucidez que me força a vir rogar-lhe: salve-me!

— Como?

— A senhora viu-me criança. A unica mulher por quem tenho veneração é a senhora. não, agora. Sempre. A senhora é a minha protectora. A vida repete-se. Não ignora que os dramaturgos espelhos da vida, até hoje não descobriram mais de trinta e seis situações dramaticas. Ha, no grande theatro do seculo passado, uma peça...

O topete! o *aplomb* de Oliverio!

— Sinceramente, Oliverio; você quer que

eu fale a essa andaluza, representando de Pai Duval...

Elle ajoelhou-se:

— Como é intelligente! Eu quizera ter animo para sorrir diante dessa intelligencia, que é o seu deslumbrante e perenne encanto. E' tão intelligente, que mesmo os seus objectos têm esse halo de aristocracia d'alma... Sim! Preparei tudo. A Pura espera-me no Posto Zootechnico para tomar chá. Está só, abalada, vendo que não tem o direito de me fazer mal, só para dar alegria a alguns palerminhas de S. Paulo. Um automovel espera a senhora do outro lado do rio. Uma palavra sua, o seu ar de duqueza, esse seu ar *very lady like*, a força da sua bondade... Ella não é má. E' estúpida apenas... D. Maria, salve-me!

Na minha longa vida, apesar de já ter conversado com algumas dessas damas — (quando grandes actrizes como a Cecil Sorel ou quando regeneradas pelo casamento com lords e diplomatas) — ainda não tinha visto senão em peças de theatro a alma das chamadas creaturas alegres. Era uma tentação. Sorri. Oliverio tem a sciencia das retiradas. Desappareceu.

E eu, insensivelmente (é o termo), não sei se levada pela appetite de vencer o partido adverso, se por curiosidade, escolhi um vestido negro, saí do hotel, encontrei o automovel e,

dentro do automovel, tive a certeza de que seguia para o Posto Zootechnico.

Minha cara Hortencia — que idéa faz de uma dessas creaturas de que em geral temos receio culpando-as de todas as traições dos homens? Por essa hespanhola — não vá dizer a ninguem! — devo ter-lhes muita sympathia. Antes do mais ella me deu a impressão de que eu num deserto e ella no meio de um batalhão, eu estaria mais acompanhada, mais defendida do que ella. A tristeza do seu olhar animal, a expressão canina do seu physico, passando de dono em dono, no desejo de se amparar — desejo incapaz de se traduzir em gestos, em palavras... O que ella deve ter soffrido sem saber que soffreu! Longe da subtileza defensiva de todas nós — o preconceito, a differença social a abalava muito mais que a mim. Pareceu-lhe que o mundo vinha abaixo, porque uma senhora ia até ella. Os homens talvez ella os confunda — porque de facto elles são bem iguaes na infamia. E ella olhava assombrada como um sêr d'outra especie.

— E' a menina Pura?

— Si señora!... Quiere ud me hablar? a mi?

Como se ensina a taboada ás crianças, falei-lhe. Contava ella com Oliverio? Oliverio precisava casar para não dar um tiro na cabeça. Em vez de zangar-se, perdia cincoenta

milhões de pesetas. Mas um homem a quem arrancavam uma fortuna, ficaria para sempre cheio de odio. Não casava e ia fazer-lhe mal, odial-a, a ella! Em compensação, uma partida não seria a paz depois do casamento? Casado, sim! Que tinha isso? O amor só tem um estorvo — o dinheiro. Ella approvava chorando. Depois, bruscamente, confessou-se, pediu conselhos. Não era teimosa, não! Não queria fazer mal a Oliverio. Nunca. Oliverio gastava em extravagancias, sem que ella pedisse. Jámais tivera interesse. Realmente, comprehendia ter sido um instrumento dos inimigos. Estava, sem querer, trabalhando contra Oliverio. Afinal, onde estava sempre a estimavam. Um homem de muito dinheiro (tambem) o Dr. Antonio Bastos, que partia na manhã seguinte, propuzera leval-a para o Rio, roubal-a ao secretario de legação. Que dizia eu?

Vejo Hortencia assustada. Eu, confesso tinha uma sensação inedita e grande pena, tanto dó. Porque, coitadita! ella me parecia uma dessas petizes abandonadas nas ruas, que contam ás ricas terem tido pais, muitas bonecas... Nunca me senti tão humana como ouvindo a rapariga.

Dei-lhe um conselho sincero:

— Parta amanhã com o Sr. Bastos. Não desfaça um casamento. Depois, não seja má, porque V., minha filha, é boa...

Era o puro melodrama. Mas, afinal, se a vida não tem mais de trinta e seis situações dramaticas, por que não ter a coragem de não sorrir de uma dellas?

A andaluza olhou-me com os seus lindos olhos — (ainda não lhe tinha dito que ella tem os olhos lindos) — e murmurou, cheia de coragem:

— Póde acalmar a sua familia. Parto amanhã. Só o verei no Rio.

— Não duvido.

Apertei-lhe a mão. Ella ficou. O céu ameaçava, de repente, chuva. O automovel veio rapidamente ao hotel. E, apesar de encontrar a generala Alvear mais a filha a fazer uma scena ao gerente, por tel-a retido a estação inteira em S. Paulo, senti que devia crer com alegria na palavra da pobre hespanhola e fui tranquilizar a pobre Olga, mentindo com a verdade apparente do que ia acontecer. E' sempre assim a vida. Para a felicidade de uma a humilhação de outra; para fazer alguém feliz, muitas mentiras. E ninguem sabendo o que será o dia de amanhã...

Esse dia foi, minha querida amiga, encantador para nós. A hespanhola (que se chama Pura Vilar), enquanto Oliverio dormia no Grande Hotel, embarcou, pela manhã, com o Antonio Bastos. Os jovens autores da intriga estavam indecisos e inquietos. Oliverio não

appareceu. A' tarde, Olga não resistiu mais. Mandou chamal-o para uma partida de *ping-pong* no bilhar...

Assim se realiza outro casamento na "grande semana" além do Iris-Lessa. Não se póde dizer que seja má a estação de Caldas.

Vejo que escrevi muitas folhas de papel. Isso só me acontece quando não tenho o que fazer. Perdôe; leia aos poucos, se tiver paciência, este capitulo do romance da existencia. E não esqueça a sua muito do coração — *Maria*.

*De Oliverio Gomes a S. Ex. o senador Pereira
Gomes — Rua Conde de Bomfim — Rio*

Meu caro pai — Obrigado pelo seu correcto procedimento. Nem de tal pai outra coisa se esperava. Recebi dois dias depois a importancia, que satisfez principalmente ao barbeiro, assás hesitante quanto ao lustre financeiro dos Pereira Gomes. Deve ter recebido outro telegramma em que lhe agradecia os conselhos da carta e pedia a sua urgente presença em S. Paulo. Partimos dentro de tres dias e conto vel-o no prazo de uma semana, para fazer o pedido official á marquezia da Luz.

Estou realmente cansado dessa vida bohemia, que só complica os homens quando os homens a querem deixar. Não tenho merito algum em ter agradado a Olga — a quem sinceramente estimo. Ella é intelligente. Realizámos o unico enlace que nos convinha, tanto a ella como a este seu prezado filho.

Não esqueça as minhas encommendas no alfaiate, um litro d'agua de Colonia russa da

minha marca, e o maior regredo sobre o casamento, principalmente para os intimos. Levo-lhe como recordação um chicote de cabo de prata aqui trabalhado. E' horrivel. Mas, como não servirá nunca, porque um senador não monta, realiza o idéal dos presentes: é inutil, é feio e recorda sempre o offertante.

Insisto sobremodo na urgencia da sua vinda. Nunca projecto em terceira votação precisou a tal ponto do seu voto. Tratando-se de quem é a causa — os passes politicos são de temer. E eu quero casar em junho, na fazenda, pela grande época — certo de que até lá serei ministro residente, desde que convide o ministro ou o presidente da Republica para padrinho.

Como vê, sou um prodigo de planos e de banalidade. A perspectiva do capitalismo na doçura do lar tira-me a novidade, que é sempre má...

E, como esta carta leva-lhe o filho regenerado — esqueça a minha promessa e venha generoso. Pai admiravel, ainda precisamos de pecunia. Do filho cheio de estima — *Oliverio*.

XXXVII

EXPLICAÇÃO FINAL E DESNECESSARIA, COMO TODAS
AS EXPLICAÇÕES

*De Theodomiro Pacheco ao Dr. Godofredo
de Alencar — Jockey-Club — Rio*

Caxambú, 28 de abril de 1917 — *Meu caro Godofredo* — Has de receber ao mesmo tempo, com esta minha carta, um grosso volume. Não te assustes. Abre-o. Sou eu quem t'o manda. Aberto, encontrarás um livro commercial, desses que têm impressos de um lado o verbo *Haver* e de outro o presente indicativo da terceira pessoa: *Deve*. O commercio faz uma enorme questão desses livros, sob o ponto de vista pratico e material. Eu acho que o commercio tem toda razão. Esses livros (principalmente quando estão em branco) são a imagem mais fiel da vida. Que é a vida senão um *Razão* com o *deve* e *haver* até a morte?

Não pretendo rir, dizendo verdades que os patetas. consideram paradoxo. Lê o livro Encontrarás copiadas a seguir pelo *deve* e

haver muitas cartas. Queres a explicação, não só disso, como de não teres recebido as minhas interessantíssimas epistolas neurasthenicas? Lê este trecho do *Jornal do Commercio*, edição de S. Paulo:

“Os habitantes de Poços e os banhistas, que este anno sobremaneira affluiram a esta milagrosa e prospera cidade, tiveram hontem um acontecimento sensacional. Ha muito tempo os veranistas do Grande Hotel queixavam-se de que os destinatarios das cartas postas na caixa do Hotel não accusavam recebimento. Alguns ataques foram mesmo enviados á Repartição Geral dos Correios, depois de muitas reclamações ao gerente do hotel, o distincto moço Sr. Pedro Glotonosck. Diante da impassibilidade da administração publica as reclamações cessaram, quando o Sr. Glotonosck Filho começou a dar por falta de facas, apenas de facas, do enorme faqueiro do hotel. Eram cinco, seis por dia. Só facas. Apesar de pensar numa pilheria, o gerente communicou ao Dr. Villaverde, illustre delegado de policia, o occorrido. S. S., o representante do executivo policial, agiu com um faro de verdadeiro Sherlock, com a pericia do detective celebrizado pelo romancista Conan Doyle em novelas tão instructivas como interessantes. Ao cabo de uma semana as suspeitas recahiam no porteiro do hotel, de nome Troponoff, russo de

origem, muito bem recommendado á empreza por varias firmas de S. Paulo. Troponoff era macambuzio, muito asseiado, de costumes rigidos e comportamento exemplar. Quasi ninguem o via. Apesar disso, o Sr. Dr. Villaverde, acompanhado de tres praças que compõem o destacamento policial da cidade, entrou de repente, pela manhã cedo, no aposento de Troponoff. E, com effeito, aberta a mala do porteiro, foram encontradas cento e oitenta e duas facas, cada uma embrulhada separadamente.

Isso já espantou o Sr. Dr. Villaverde e o Sr. Pedro Glotonosck. Mas, sobre uma pequena mesa, a autoridade e o gerente encontraram, perfeitamente em ordem e abertos, dezenas de enveloppes sellados. Eram as cartas dos veranistas! Ahi Troponoff, contido pelas tres disciplinadas praças, deu mostras de grande colera, dizendo que não admittia tocassem nos papeis, pois faltava passar alguns para o livro razão, para fazer um balanço em ordem. Semelhante contrasenso esclareceu tudo. Troponoff estava doido, ha mais de dois mezes, — estava doido com a mania de socio da empreza — director da contabilidde. Roubara as facas por causa dos ladrões. E guardara e copiara as cartas entregues para o correio como correspondencia commercial!

Como a maioria dos hospedes já partiu, o distincto moço Sr. Pedro Glotonosck ali mesmo fechou as cartas abertas, enviando-as aos seus destinatarios. Troponoff, levado para a cadeia, delirou até a manhã de hoje, em que foi, num vagão de carga, enviado, com a competente guia, para o hospicio d'ahi. Só temos que dar parabens ao tino do Dr. Villaverde e á correcção do Sr. Pedro Glotonosck.”

Brilhante jornalista! Illuminado Troponoff, em que ninguem reparara! Os antigos respeitavam os malucos como inspirados pelos deuses. Os antigos têm sempre razão. E Shakespeare não pensava doutro modo quando poz nos labios dos desequilibrados as mais profundas verdades. Reflecte nesse Troponoff, que nem eu distingui, nihilistamente sonegando ao correio a correspondencia de uma estação de cura, e copiando num livro commercial sobre o *deve* e o *haver*, as futilidades, as leviandades, as pequenas infamias de um bando de pessoas de varia sociedade, sem distinguir, sem differençar. Lê essas cartas a seguir e verás então que, de facto, inspiradamente, a loucura do porteiro tinha razão, pois todos, elegantes, jogadores, meninas, velhas, mulheres de vida airada, *gentlemen* e roleteiros só se movem em torno do dinheiro, pensando no dinheiro, dando o retrato da vida — um largo copiador do vastissimo *Old England* da Vida!

Com o escandalo da prisão de Troponoff fui ver o seu quarto. Já os criados o limpavam. O livro estava em cima da commoda. Levei-o para os meus aposentos. O delegado Villaverde e Pedrinho não tinham dado por elle, sem comprehender até onde fôra a doença do porteiro. Pensei encontrar coisas sem nexos. Encontrei maravilhosamente copiadas todas as cartas. Emprego o adverbio porque as minhas estavam sem erro — de cópia. E depois de ler assaltou-me a idéa de que esse livro dizia muito.

Dizia em primeiro logar a moda de escrever que ataca actualmente aquelles que não são literatos. Na lingua portugueza o escrever sempre pareceu monopolio de alguns amadores, famintos mais ou menos. Ao contrario da ingleza em que os amadores escreveram sempre profusamente. Mas o appetite francez dominou de tal fórma que hoje toda gente (com excepção dos profissionaes), escreve muitissimo bem. Assim, o palerma do Anthero Pedreira, homem de sociedade; assim, um secretario de duo itinerante; assim, as meninas e os rapazes, alguns dos quaes pareciam-me analphabetos — apesar de não ser isso uma razão para não escrever...

Mas o livro *Razão* do Troponoff dizia mais.

Dizia um aspecto da nossa sociedade a inconsciente malandragem de uma porção de gente; a alma nobre e indecisa de uma pobre pequena millionaria e a irresistivel *sympathia* desse Oliverio — phenomenal de *aplomb*, grande *jeune premier* do theatro humano; a esperteza embotada dos sem intelligencia e a linha encantadora de D. Maria de Albuquerque... Dizia, principalmente eu — Theodomi-
miro, a minha cura, as minhas opiniões. Como podia deixar de ser interessantissimo?

Senhor de todas as intrigas, assisti á partida dos principaes personagens. Num dia, o Oliverio, que foi passar a noite em Prata, até á hora em que por lá passasse o especial nocturno levando Olga, a marquiza Justina, D. Maria, os Lessa. Senhor da certeza de um magnifico desenlace em que o vicio da inveja foi castigado e a virtude de ter topete premiada, passei, agradecido, pela cidade, já mais vasia e muito mais linda. Caldas misericordiosa! Delicioso bem da natureza, onde se dependuram com os males da carne todas as miserias! Como o céo azul e o ar puro e a agua de enxofre varrem os rheumatismos, as chagas do corpo e os horrores da alma! Ninguém poderia estar triste. Todos, descendo a montanha — ou levaram a sorte como Olive-
rio e, quem sabe? Olga, ou levaram a experiencia que é o ensinamento da sorte.

Eu ganhara em saude de corpo. Rectificara a alma neurasthenica na visão de soffrimentos authenticos, que me davam forças para perdoar a maldade futil da maioria. E a minha felicidade fôra tão grande que até dentro de uma bella *caleche*, acabei vendo uma das graças dando pelo nome de Mme. Graça!

Bem dita estação de cura! — maravilhosa paisagem em que nenhum de nós reparou! banho milagroso que nenhum de nós tomou com outro fim senão o do asseio! precioso hotel, que reuniu tanta gente para dar o prazer dos *flirts*, fazer casamentos ricos e organizar o amor! dignas roletas do Arnaldo, coronel, chefe importante, dono, o *deve-haver* geral da reunião em que todos devem cumprir o seu dever perdendo para que *haja* o resto! esplendida orchestra, acompanhadora do tango unanime! O meu desejo era beijar tudo e assim andei atirando beijos ao ar. No dia seguinte, Mme. Graça partia para Caxambú. Como não partir? Fiz as malas e deixei Poços como se deixa uma formosa amante de vinte dias. O meu enlevo continúa aqui. Hoje, por acaso, abrindo uma das malas, encontro o livro das cartas copiadas pelo doido.

Que me interessa a vida dos outros, quando eu amo — amo, isto é, trato da unica coisa séria do Kosmos? Que me interessa agora?

Mando-te o volume. Entre dois chás ener-

vântes talvez rias com ellas. Ou sorrias. Faze do livro, depois, o que quizeres, sem me comprometter nem ao profundo Troponoff. E não deixes de ir a Caldas no proximo verão. E' divina! Cheio de felicidade *for ever* — *Theodomi*ro.

FIM

INDICE

INDICE

I — De Anthero Pedreira á Sra. D. Lucia Goldschmidt de Rezende — Petropolis.....	3
II — José Bento, secretario dos Oleps a Justiniano Marques — Pensão Buckarest, S. Paulo.....	13
III — Antonio Bastos ao Major Bento Arruda, director do Club dos Mirabolantes — Rua do Passeio — Rio.....	17
IV — D. Eufrosina de Passos Machado a D. Eponina de Machado de Souza — Gavea — Rio.....	21
V — De Anthero Pedreira a Sra. D. Lucia Goldschmidt de Rezende — Petropolis.....	23
VI — De Theodomiro Pacheco ao Sr. Godofredo de Alencar, homem de letras — Jockey-Club — Rio	39
VII — Da gerencia da Empreza á generala viuva Alvear.	49
VIII — De Anthero Pedreira á Sra. D. Lucia Goldschmidt de Rezende — Petropolis.....	51
IX — D. Pedro Glotonosk á generala Alvear.....	59
X — De Iris Lessa a Baby Torrezão — Estrada Nova da Tijuca — Rio.....	61
XI — De D. Maria de Albuquerque á condessa Hortencia de Gomensoro — S. Clemente — Rio...	63
XII — De Olga da Luz a Guiomar Pereira — Avenida — S. Paulo.....	69
XIII — De Theodomiro Pacheco a Godofredo de Alencar — Jockey-Club — Rio.....	71
XIV — De Nenem Araujo Silva ao Sr. José Joaquim Teixeira, digno socio da firma Araujo Silva & Comp. — Rio.....	81
XV — De Anthero Pedreira a D. Lucia Goldschmidt de Rezenda — Petropolis.....	85

XVI—	De Pedro Glotonosk á generala viuva Alvear	93
XVII—	De Stella Dovani a Mlle. Martha Dovani — Sacré Cœur — Petropolis.....	95
XVIII—	José Bento, secretario dos Oleps a Justiniano Marques — Pensão Buckarest — S. Paulo....	97
XIX—	De Theodomiro Pacheco a Godofredo de Alen- car — Jockey-Club — Rio.....	103
XX—	De Anthero Pedreira á Sra. D. Lucia Golds- chmidt de Rezende — Petropolis.....	113
XXI—	De Olga Luz a Guiomar Pereira — Avenida Paulista — S. Paulo.....	121
XXII—	De Oliveira Gomes a S. Ex. o senador Pereira Gomes — Rua Conde de Bomfim — Urgente — Rio.....	125
XXIII—	De D. Maria de Albuquerque a S. Ex. o sena- dor Pereira Gomes — Rua Conde de Bomfim — Rio.....	129
XXIV—	De Jacques Fontoura a Jorge Pedra — Auto- movel-Club — S. Paulo.....	131
XXV—	De José Bento, secretario dos Oleps, a Justinia- no Marques — Pensão Buckarest — S. Paulo.	135
XXVI—	De José Bento, secretario dos Oleps, ao coro- nel Joaquim Jurumenha, DD. capitalista — Grande Hotel — Urgente.....	141
XXVII—	De Theodomiro Pacheco a Godofredo de Alen- car — Jockey-Club — Rio.....	143
XXVIII—	De Anthero Pedreira a D. Lucia Goldschmidt de Rezende — Petropolis.....	153
XXIX—	De José Bento, secretario dos Oleps, a Justi- niano Marques — Pensão Buckarest — São Paulo.	159
XXX—	De Pura Vilar ao Sr. Dr. Oliverio Gomes — Grande Hotel — Nesta — Urgente.....	163
XXXI—	De Theodomiro Pacheco a Godofredo de Alen- car — Jockey-Club — Rio.....	165
XXXII—	De Iris Lessa a Baby Torrezão — Estrada No- va da Tijuca — Rio.....	173
XXXIII—	De Anthero Pedreira á Exma. Sra. D. Lucia Goldschmidt de Rezende — Petropolis.....	175

XXXIV — De Olga Luz a Guiomar Pereira — Avenida Paulista — S. Paulo.....	183
XXXV — De D. Maria de Albuquerque á condessa Hor- tencia de Gomensoro — S. Clemente — Rio....	193
XXXVI — De Oliverio Gomes a S. Ex. o senador Pereira Gomes — Rua Conde de Bomfim — Rio.....	203
XXXVII — Explicação final e desnecessaria, como todas as explicações.....	205

EDIÇÕES DA LIVRARIA
LEITE RIBEIRO & MAURILLO
LITTERATURA, SCIENCIAS, ETC.

Miragem do Deserto — Versos do Dr. Hermes Fontes.....	br. 3\$000 enc. 4\$000
Os Caçaras — Prosa de João Phoca (Baptista Coelho) Prefacio de D. Julia Lopes de Almeida.....	br. 3\$000 enc. 4\$000
Ultimas Rimas — Versos parnasianos de Emilio de Menezes (nossa propriedade).	br. 4\$000 enc. 5\$000
Prosa de Cassandra — (Chronicas) do Dr. Eduardo Ramos.	no prelo
Bosque Sagrado — Versos de Leal de Souza.....	br. 4\$000 enc. 5\$000
O Imperador visto de perto — (Perfil de D. Pedro II) de Mucio Teixeira.	br. 5\$000 enc. 7\$000
Nhônhô Rezende — Romance de Abel Juruá (pseudonymo de apreciada escriptora).	no prelo
Livro do meu cantar — Trovas do Dr. Heitor Beltrão.....	brochado 1\$500
Mortalhas — Os deuses em ceroulas — satyras de Emilio de Menezes (nossa propriedade).....	no prelo
Idéas e palavras — De João do Norte (Dr. Gustavo Barroso)	br. 3\$500 enc. 5\$000
Crítica de hontem — De Nestor Victor.....	no prelo
Maria — Poemeto de Fausto Teixeira (da Embaixada de Portugal).	brochado 1\$000
A Abolição — Do Professor Osorio Duque Estrada, prefacio do Senador Ruy Barbosa.....	br. 4\$000 enc. 6\$000
Elle! (perf'l do Kaiser) — Do Dr. Lopes Trovão.....	brochado 2\$000
Lições de Geometria pratica — (Plana e no espaço) do professor Dr. Laudelino Freire.....	cart. 3\$000 o volume
Compendio de Philosophia escolar — Do professor Dr. Etienne Brasil.	cartonado 3\$500
Praxe Civil e Commercial do Supremo Tribunal Federal de 1910 a 1918 — Do Juiz Federal Dr. Tavares Bastos.....	no prelo
Morphologia geometrica — Do professor Dr. Moreira Alves.	cartonado 2\$000
Theoria e pratica dos contractos por instrumento particular no Direito Brasileiro — (Obra notavel) do Dr. Affonso Dyonisio Gama (nossa propriedade).....	br. 20\$000 enc. 23\$000
Compendio de Cosmographia — Dos professores Drs. Coelho Lisboa e Etienne Brasil.....	no prelo
Sciencia parlamentar — De Hamilton — traducção de Otto Prazeres.	brochado 3\$000

Das acções summarias e do Direito ao emprego — Do professor Dr. Almachio Diniz.....	no prelo
Carteira do jurado — Do advogado criminal Benjamin Magalhães.	brochado 2\$000
Estabilidade de funcionarios publicos — Do Dr. Araujo Castro, com pareceres de muitas e notaveis autoridades juridicas — 2ª edição.....	brochado 3\$000
Elementos fundamentaes de Psychiatria clinica e forense — Do professor Teixeira Brandão.....	br. 8\$000 enc. 10\$000
Cardiologia clinica — Do prof. Dr. Oswaldo de Oliveira, prefacio do prof. Dr. Miguel Couto.....	encadernado 12\$000
O Jury e a sua evolução — Do professor Dr. Pinto da Rocha, com um prefacio do professor Dr. Carvalho Mourão.	no prelo
Consolidação das Leis penaes — Dr. Dr. Eugenio Ferreira da Cunha, prefacio do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Dr. Pedro Lessa.....	br. 10\$000 enc. 13\$000
Cousas diplomaticas — Do Dr. Helio Lobo (Da Academia de Letras).	br. 5\$000 enc. 7\$000
Alerta!... Será ameaça vã? — Traducção de "Nuestra Guerra", de Pedro de Cordoba — 6ª edição.....	brochado 3\$000
Curso elemental da lingua ingleza — Do professor Capitão A. Pereira Pinto — 2ª edição.....	cartonado 5\$000
Estudos sobre Arteriosclerose — Dr. Dr. Olavo Rocha.....	brochado 4\$000
Accidentes de automoveis — Delictos profissionaes dos automobilistas — Dr. Dr. Gregorio Garcia Seabra, prefacio do Dr. Evaristo de Moraes.....	br. 10\$000 enc. 12\$000
Pontos de Geologia — Do professor Dr. Etienne Brasil.....	cartonado 2\$000
Auto-osteoplastia — Contribuição ao estudo da vitalidade do enxerto — Monographia muito illustrada do Dr. Jorge de Gouvêa.....	brochado 5\$000
Arthroplastia nas ankyloses do cotovello — Monographia illustrada, do mesmo autor.....	brochado 4\$000
Sciencia penitenciaria positiva — Do Dr. Americo de Araujo, prefacio do professor Dr. Esmeraldino Bandeira.....	br. 8\$000 enc. 10\$000
Compendio de Hygiene — (completo) — Do professor Dr. J. Fontenelle, prefacio do professor Dr. Tamborim Guimarães (obra notavel).....	encadernado 12\$000
O exame de portuguez — Do professor Julio Nogueira, prefacio do professor Dr. José Oiticica.....	no prelo
O anno litterario de 1917 — De Medeiros e Albuquerque.....	no prelo
Máu olhado — Romance — Do deputado federal Dr. Veiga Miranda.	no prelo
Trafado theoretico e pratico de testamentos — Do Dr. Affonso Dionysio Gama (nossa propriedade).....	no prelo
Contos e Chronicas (1ª e 2ª séries) de Felicio Terra (pseudonymo do Cons. Dr. Nuno de Andrade).....	no prelo
O Hypnotismo e suas applicações — De Medeiros e Albuquerque, prefaciado pelo prof. Dr. Miguel Couto.....	no prelo
Escola Pittoresca (leitura escolar) — Do Dr. Carlos Dias Fernandes, com illustrações de J. Carlos, oficialmente adoptada nas escolas de terceiro grão e complementares do Estado da Parahyba.....	cartonado 3\$000
Da Seara de Booz — Commentarios politicos e literarios — De Humberto de Campos.....	no prelo

Das Custas Judiciarias — 1º livro da selecta Bibliotheca do Advogado, em formação sob a direcção do Dr. Afonso Dionysio Gama.....	no prelo
Historia Geral (Resumos) da professora Melle. Reis Campos, prefaciada pelo professor Osorio Duque Estrada.....	no prelo

OBRAS DE NOTAVEL VALOR CUJA PRIMEIRA EDIÇÃO ADQUIRIMOS

Pecira... — (2ª série) — Versos de Humberto de Campos....	br. 4\$000 enc. 5\$000
Da tosse — Monographia do especialista Dr. Olavo Rocha..	brochado 4\$000
Nota promissoria — Do Dr. Magarinos Torres — Obra reputada classica pelas maiores autoridades na materia.....	br. 10\$000 enc. 13\$000
Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — 1º grande volume, contendo, além do supplemento, trabalhos de 22 eminentes professores nacionaes e estrangeiros, com grande copia de gravuras e trichromias, organizado sob a direcção do professor Dr. Aloysio de Castro. E', no genero, o trabalho mais importante dos tempos modernos, edição limitadissima. Vol. luxuosamente encadernado 24\$000, para o interior 25\$000, para o exterior 26\$000.	

Em stock :

Artigos Philologicos — do saudoso mestre do vernaculo, Dr. Castro Lopes.	brochado 4\$000
Anatomia do encephalo — Monographia do professor Dr. Arthur Figueiredo, ornada com muitas gravuras.....	brochado 5\$000
Mundos — Interior, exterior, moral e ideal — Versos do Dr. Augusto Amado.	brochado 3\$000
Direito Internacional — Do saudoso juriconsulto Dr. Lafayette Rodrigues Pereira.....	2 vols. encs. 26\$000
Trabalhos judiciarios — Do Desembargador Miranda Montenegro.	2 vols. encs. 24\$000
O Brazil na Guerra — Opportuno e curioso trabalho historico, de Otto Prazeres, applaudido, em relação ao criterio seguido, pelos Presidentes das Comissões de Diplomacia do Congresso Federal, Senador Dr. Fernando Mendes e Deputado Dr. Alberto Sarmiento.....	br. 5\$000 enc. 7\$000
O problema dos transportes maritimos — Obra recentissima, do Capitão de Fragata Armando Burlamaqui, do Instituto Technico Naval.....	brochado 10\$000 brochado 10\$000
A Marinha Mercante Brasileira (de 1918) do mesmo autor....	brochado 8\$000
O Manganez e suas applicações industriaes — Obra recentissima, do Dr. Alceu de Lellis, Engenheiro Civil e de Minas	cart. 6\$000
Nova Grammatica Franceza — (2ª edição), do professor Justiniano Trigo Negreiros.....	brochado 4\$000
Algumas figuras — Critica de arte por Virgilio Mauricio....	
Mecanismo e proporções da figura humana — Do mestre Zeferino Costa — publicação posthuma, organizada pelo Dr. Raul Pederneiras, prefaciada pelo Dr. Araujo Vianna....	brochado 3\$000

Pontos da nossa historia — “Educação civica” — por Ve-
rissimo e Lourenço de Souza — 5ª edição melhorada... br. 2\$000 cart. 2\$500
Consolidação da Legislação Federal do Ensino Superior e do
Secundario — Pelo Dr. Paranhos da Silva, secretario do
Conselho Superior de Ensino (obra de 1918)..... brochado 20\$000.

Enorme e selecta variedade de livros de educação, instrucção e passa-tempo.
nacionais e estrangeiros.
Grande secção de jornaes de modas, “magazines”, etc.

Agencia geral da Revista Americana e dos Annaes da Polliclinica Geral do Rio
do Janeiro.

N. B. — Os preços indicados comprehendem o porte e o registro para o in-
terior e exterior da Republica.

PEDIDOS A

LEITE RIBEIRO & MAURILLO

3, Rua Santo Antonio, 3

Junto á Avenida Rio Branco + Ponto dos bonds da Companhia
Jardim Botanico

TELEPHONE CENTRAL 250

RIO DE JANEIRO





JOÃO
DO RIO

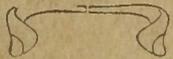
A correspondencia de uma estação de cura
(ROMANCE)

1918





Typ. do JORNAL DO COMMERCIO, de Rodrigues & C.



00809

